

POSSIDÔNIO CACHAPA

A SELVA
DENTRO
DE CASA



D. QUIXOTE

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

POSSIDÔNIO CACHAPA

A SELVA
DENTRO
DE CASA



D. QUINQUE

Capa

Ficha Técnica

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

21

22

23

24

25

26

27

28

29

30

31

32

33

34

Agradecimentos

Possidónio Cachapa

A SELVA DENTRO DE CASA

Romance

Ficha Técnica

Título: A Selva Dentro de Casa
Autor: Possidónio Cachapa
Edição: Cecília Andrade
Revisão: Clara Boléo
Capa: Rui Garrido
Fotografia do autor: cortesia do autor
ISBN: 9789722082938

Publicações Dom Quixote
Uma editora do grupo Leya
Rua Cidade de Córdova, n.º 2
2610-038 Alfragide – Portugal
Tel. (+351) 21 427 22 00
Fax. (+351) 21 427 22 01

© 2024, Possidónio Cachapa e Publicações Dom Quixote
Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor.
Este livro segue o Novo Acordo Ortográfico de 1990.
www.leya.com

Este livro é dedicado a todos aqueles que adormeceram para sempre, entre palmeiras distantes, imaginadas por nós a preto-e-branco, e que nunca pediram para ver.

E para os que regressaram com a selva dentro. A que nunca chegou a ser deles. A selva escura. Tão sombria que não conseguirão falar dela até ao fim. A floresta que como um sonho se fecha e afasta quando se evoca o seu nome. Que parte das coisas que eles não conseguiram dizer, aos filhos e às mulheres, porque não há palavras para descrever o Inferno, possam, finalmente, surgir à luz.

Mas, também, a todos os homens, mulheres e crianças que ao mesmo tempo viviam uma outra guerra dentro das suas casas. Que essa criança interior encontre finalmente a paz.

E, ao meu tio, um outro tio, real, enterrado em campa rasa no meio de desconhecidos e de quem me lembro ter visto feliz.

«Guerra é o que acontece quando a linguagem falha.»

Margaret Atwood

A serpente negra aproximou-se da sua perna e Quim sentiu o corpo paralisar de pânico. A respiração parou e o suor inundou-lhe ainda mais o uniforme alagado. Grande, quase retangular, a cabeça do bicho, a língua a auscultar o ar, levando-lhe notícias do homem caído na sua frente.

De todos os medos, das várias possibilidades de coisas que gelavam a alma de Quim, materializara-se, ali, a pior de todas.

Ansiou, por um momento, que a cobra desse meia-volta e desaparecesse entre as ervas altas, mas o corpo levantado do réptil, transportado por uma conjugação perfeita de músculos e ossos, continuou a deslizar na sua direção. Caído, as duas mãos apoiadas atrás das costas, não poderia fazer nada, antes que as presas venenosas se lhe cravassem na perna, enchendo-o de veneno mortal. Sentiu o corpo da serpente a subir pelo seu, a cauda a enrolar-se em volta da perna, da bota pesada, e esperou que ela lhe desferisse, súbita, um ataque em pleno rosto.

À sua volta, a floresta densa exalava um odor de plantas apodrecidas e seiva nova. Por cima, o sol escaldante aquecia a humidade brutal que o começara a consumir desde que o navio carregado se aproximara da costa africana.

Quim fechou os olhos, o desespero de ir morrer tão longe a sufocar-lhe a garganta. Pensou na mãe, no aniversário que deveria celebrar, dali a dois dias («Já vinte e dois, filho, vinte e dois... Não hei de eu estar a ficar velha...»), na namorada, com quem nunca tinha trocado um beijo e que não o voltaria a ver.

A arma que caíra a menos de dois metros de si brilhava tão negra e mortal como o réptil, mas impossível de alcançar.

Uma música suave começou a surgir-lhe na cabeça. Vinha do final da sua infância, dos dias em que se sentava na taberna a ouvir os homens. Estes bebiam para tirar o peso da terra de cima ou afastar a ideia de que se havia

amor no mundo, a nenhum deles tinha tocado. E, geralmente, ao fim de uma hora de vinho e acerto de conversa, uma voz elevava-se, hesitante:

«Dá-me uma gotinha d'água, dessa que eu ouço correr. Entre pedras e pedrinhas, entre pedras e pedrinhas, alguma gota há de haver.»

O aperto da cobra na perna tornava-se agora mais forte, e mesmo sem abrir os olhos, Quim sentiu que a luz começava já a desaparecer para si. O seu rosto jovem, quase imberbe, empalidecera para lá do possível. Ia morrer. Disse adeus aos rostos queridos, a todos de uma vez, com medo de não dar tempo se os evocasse, um a um.

E juntaram-se vozes, na sua cabeça.

«Ah, Quim, não há ninguém como tu, na nossa aldeia.»

«Se o meu marido deixasse, casava contigo, magano.»

«Só uma voltinha naquele avião, tio...»

Sorriam-lhe, de lá, essas caras. Todas, sem exceção.

A cobra silvou, agressiva.

«Quero cantar como a rola, quero cantar como a rola... como a rola, ninguém canta.»

Havia um macaco no Bairro. Não sei qual seria a espécie. Nesse tempo, bastava dizer «macaco» e já se varriam todas as denominações que fossem de gorila a saguim. Este, vivia acorrentado a um poste, preso pela perna esquerda. Não tinha pelo, nessa parte, porque a argola comia-lhe a pele e, abria, frequentemente, uma chaga. Havia sempre cascas de banana e de outros frutos caídas no chão. Talvez tivesse uma casota de madeira no topo. Eram comuns, estas pequenas casas elevadas onde os animais se abrigavam do tempo mais frio ou dos olhares dos visitantes.

Não me lembro se sim, se não.

Parece-me lógico, mas posso estar a imaginar um conforto para o bicho que este nunca teve.

Costumávamos ir, a medo, vê-lo ao quintal onde a dona velha o deixava estar por não saber o que lhe haveria de fazer. Ouvi, uma vez, contar que quando ele chegou de África, quase uma cria, vinha mansinho. As pessoas pegavam-lhe ao colo e ele saltava de um para outro, sempre à procura de amendoins que ali se chamavam «ervilhanas». Isso foi muito antes de mim. Eu sempre o vi temível, a mostrar os dentes, tal como a dona, mulher que nos tolerava, apenas uns momentos no quintal, mais por amor à paz social com as vizinhas nossas mães. Estas mostravam-se sempre zelosas em armar briga com quem lhes enxotasse os filhos. Que seria o mesmo que as enxotar a elas. A dois passos da cidade, o Bairro, agora operário, continuava a ser uma aldeia. Feita com os retalhos de várias outras. Todas as pessoas daquele lugar tinham vindo das terras em volta: São Mansos, Montrigo, Oriola... Tinham trazido o controlo social a que estavam habituadas, com elas. As mulheres já se permitiam não usar lenço na cabeça quando saíam à rua, mas levavam-no quando iam «lá acima», à cidade. Sempre pensada em maiúscula, por não lhe quererem pertencer por inteiro. As mais novas, como a minha mãe e as

minhas tias, tinham-se desfeito da trança longa, atada atrás em carrapiço. Tinham um corte quase moderno feito numa das cabeleireiras de pobres por ocasião de um casamento ou batizado. No resto do tempo, limitavam-se a usar a tesoura da costura para aparar as pontas dos cabelos. Viviam numa aurora da modernidade, mas de olho umas nas outras. Como se aquele chão de lama ou pó seco, com que conviviam diariamente, ainda fosse feito de calçada de xisto e o ar cheirasse a bosta de animais e ao barro das casas de adobe. Viviam dentro e fora de ambos os lugares.

O macaco do Bairro, esse, não havia dúvidas de que viera de longe. Trazido por um soldado que já não era jovem. Viera como um retrato vivo de alguma coisa boa que se pudesse resgatar do Inferno. Mas, ali em cima daquele poste, era ele o anjo caído. Ficava a olhar-nos de cima fazendo às vezes um gesto que interpretávamos como se pedisse amendoins. «Dá-me, aproxima-te à vontade. Não te faço mal», parecia dizer. Mas tínhamos aprendido à custa de incidentes que isso era apenas uma armadilha. O primeiro que se colocasse ao alcance da corrente, seria mordido. Devorado, até, desconfiávamos nós, os mais novos, com pavor.

Um dia, no ano anterior a embarcar para o Ultramar, o meu tio fora comigo ver o macaco. Apontara para o bicho, a boca ainda adolescente, toda aberta de troça.

«Já viste aquele par de tomates! Maiores que os meus!», gracejou. E riu-se de imediato naquele timbre rápido, ansioso, a assegurar-se de que eu e todos quantos o escutássemos saberíamos que estava a brincar.

«Queres vê-lo de mais perto?», perguntou-me.

Eu respondi que não, com a cabeça.

«Vá lá, homem. Não estejas com medo que eu levanto-te no ar.»

E antes que eu conseguisse voltar a recusar, pegou-me ao colo e correu para o animal. Gritei, aterrorizado, e esperneei, deixando-o sem fôlego com o meu peso, mas dei por mim, a chegar perto do bicho. Demasiado perto. Enquanto soltava o grito, senti-lhe o cheiro a animal preso, a fezes, e vi o pelo enruçado e os olhinhos zangados a fitarem-me. Os dentes à mostra.

Quim puxou-me para trás, mas já não a tempo de evitar que a pequena pata de unhas crescidas me roçasse a cara. Senti o arranhão e o calor na pele que se seguiu, antes de me ver abraçado pelo meu tio.

«Deixa ver, deixa ver. Arranhou-te, o cabrão?»

Pegou numa pedra e atirou-a, acertando certo no bicho que soltou um guincho, procurando esconder-se (talvez houvesse uma casa, sim, talvez...).

«Filho da puta de macaco, que levas outra pedrada! Fizeste mal ao menino, cabrão.»

A mulher veio de dentro da cozinha, brandindo os braços.

«Ó Quim, até parece mentira, um rapaz desse tamanho, já um homem, a aticar-me o bicho. Mas tu, agora, voltaste a ser como os gaiatos?»

Sim. Por dentro. Toda a vontade de correr, brincar, esconder-se entre as plantas silvestres que nasciam junto ao Forno da Cal, e que lhe tinha sido

amputada pela necessidade de trabalhar, ficara lá dentro. A criança não estava morta, mesmo se esmagada a pontapé e gritos. Mas, isso, não poderia contar.

Carregou-me nos braços, exageradamente, como se eu tivesse sido ferido de morte.

«Desculpe, vizinha. Era só uma brincadeira. Não me parecia que o macaco lhe fizesse mal... Como ele ainda é gaiatinho, pensei que o bicho compreendesse.»

Ele desapareceu, a correr, comigo, deixando a mulher a gritar, zangada. Uns metros mais à frente, depois de dobrar uma esquina de quintais, pôs-me no chão e voltou a examinar-me. Era ele quem tinha a cara vermelha e tremia. Parecia querer, também, começar a chorar.

«Deixa ver, deixa ver... Deve ser só um arranhão, já pomos um álcool.»

«Álcool, não!», gritei. «Dói muito.»

«Dói, mas cura. O álcool cura tudo. Tudo.»

Eu gritei mais e ele apiedou-se.

«Ou água oxigenada, está bem. Já vemos, tá calado. Mas não digas nada à tua mãe, que ela ainda te bate, por cima... Já vemos, já vemos.»

Ainda ia dentro dos braços dele e já tinha vontade de contar à minha mãe. Às mães deveria poder contar-se tudo.

Mas, não foi preciso dizer nada. Ela tinha cheirado a ferida à distância, e já vinha ter connosco à entrada do pátio. Retirou-me dos braços dele, para onde tinha voltado, e pôs-me no chão. Depois, sem dizer uma palavra ao irmão, arrastou-me pela mão para casa. Na mesa da cozinha, abriu a gaveta para medicamentos, guardanapos fora de uso e rolhas de garrafa.

Só aí falou. O tom, irritado.

«Andas sempre a cair, tu. Estou farta de te dizer, mas tu não olhas por onde andas e depois é isto. Qualquer dia, abres a cabeça toda, morres e eu é que fico por má mãe.»

O meu tio tinha ficado entre portas, um pé dentro e um pé fora.

«E tu, vadio, não soubeste tomar conta dele? Não viste que ia acabar por se espojar? Sempre cego e a bater em tudo, como anda? O juízo de um é o juízo de outro.»

Tinha tirado a água oxigenada e o álcool, mas usou o último porque doía mais. Eu gritei com o ardor.

«Cala-te. Para a outra vez olhas por onde andas.»

Em seguida, procurou o mercurocromo e pintalvou-me de vermelho.

«Pareces um índio», disse-me o meu tio, aliviado.

«E é. Um dos piores que deve haver.» Mas, mesmo contrariada, sorriu.

Era ainda nova, nesse dia em que se deixou sorrir.

Ao ver a cara dela desanuviar, e apesar da dor, também eu soltei um pequeno riso, involuntário, no meio de lágrimas.

O Tio entrou totalmente na cozinha, deu-me um beijo na cabeça e abraçou-me.

«Já passou, já passou.»

Quim nunca desmanchou a história da minha queda. Mesmo quando a minha mãe se lembrou de a evocar junto de outros, para justificar as ralações constantes que tinha comigo. Eu olhava para o meu tio e também me calava, intuindo ser mais seguro guardar para nós a verdade. O silêncio como forma de preservar da dor. Um dos dois, com o tempo, aprendeu que não era bem assim. O outro, não chegou lá.

*

Um mês mais tarde, o macaco apareceu morto. Caído ao pé do poste, a corrente lassa, como se tivesse desistido de a puxar. A língua a sair-lhe da boca, misturada com uma espuma esverdeada. Talvez tivesse sido a dona a envenená-lo, farta de visitas e de limpar as porcarias. Ou porque a sua visão a fizesse pensar em África, não pelo filho que já tinha regressado da guerra, e lhe legara o bicho, quase nunca a visitando, mas pelo mais novo. O irmão que ainda lá permanecia, enfiado na savana, entre macacos iguais àquele. O que lhe escrevia aerogramas, uma vez por mês, em que se queixava da comida, do calor, mencionava um ou outro colega que tinha ficado ferido – sempre num acidente de unimogue, ou numa coisa qualquer que também na metrópole poderia ter acontecido, mas nunca em combate. E que acabava, como todos os que por lá andavam, a falar das saudades. E dela, mãe, com amor. Amor de mãe. O maior para todos os filhos embarcados para ir matar. Era do regresso desse filho que ela precisava, não da sua lembrança constante na forma de um animal que guinchava dia e noite no quintal.

Ou, porventura, foi outra pessoa qualquer. Quem sabe um dos rapazes que costumava atirar pedras, o vizinho do lado que se queixava de não dormir de noite com os guinchos do bicho, ou ainda uma mulher que quando vinha da missa se horrorizava com a forma como o primata expunha os genitais ao sol.

Fosse quem fosse, nunca se chegou a saber. O poste ficou lá, mas vazio. Acabou derrubado por uma intempérie mais forte, num dos invernos seguintes ao final da guerra.

O fantasma do macaco, a lembrança do seu cheiro, contudo, levaram mais tempo a desaparecer das lembranças daqueles que o viram e sentiram.

A começar pelas minhas.

Um dia, descobri que nem só os bichos poderiam viver acorrentados a postes.

«Queres ir com a tia, comprar ovos?»

A tia Lurdes estava a arrumar a carteira no saco de ráfia.

«Lurdes», gritou, do lado de fora da porta, a vizinha Cristina. «Se a Clarinda da Horta tiver nabiças, compras-me um molhinho, filha?»

«Compro. Quer muitas?»

«Não, só um molhinho. É para o jantar. Vou fazer com feijão. O meu Manel gosta. Depois, de noite na cama é que vão ser elas, mas pronto. Antes disso que outras coisas...»

A Tia riu e eu ri com ela, adivinhando apenas a metade.

«Fique descansada.»

«Queres que te dê o dinheiro, agora?»

A Tia abriu a carteira, viu as moedas e a nota pequena.

«Dá-me depois, também não sei quanto é que custam.»

Observou-me a cara à procura de sujo e passou-me as mãos nos cabelos para os ajeitar.

«Deixa ver esses calções... Não estão muito sujos, vá lá.»

Empurrou-me para fora de casa, pegou no saco e deu uma volta à chave do lado de fora. Era só para saberem que ela não estava em casa.

Tinha vinte e seis anos e a barriga de grávida só agora se começava a notar. Estava contente. Quatro anos casada, sem ter filhos, a pressão toda em cima dela. «Atão, nunca mais temos menino?», «Mas tu não dormes com ele ou quê?», «Durmo, e já fui ao médico, diz que não tenho nada, que, por mim, posso engravidar...» A voz da parente que a interpelara, tinha baixado de tom. «Mas... é ele?» Lurdes desviara a cabeça, nervosa. «Ele diz que não é. Que a culpa é minha.» A outra mulher acenara, concordante, com a cabeça. «Pois,

filha, os homens, já se sabe, é complicado... Ainda se o conseguisses levar a um médico.» Lurdes abriu os braços perante essa evidência. «E quem é que o faz lá ir?» Os olhos entristeceram e nos cantos da boca surgiu uma ruga que, ainda há um ano, não estava lá. Limpou as mãos secas ao avental. «Diz que não vai perder um dia de trabalho com uma coisa que é só das mulheres. E depois, fica sem me falar, uma semana. Não sei o que posso fazer mais.»

«É uma cruz que temos todas de carregar... Precisas de o levar a bem.»

Mas, de uma maneira ou de outra, a Tia lá acabou por engravidar. E, na noite em que lhe disse, o marido ficou, de novo, contente. A cara, quase sempre fechada, abriu-se por umas horas. E mesmo de madrugada, enquanto ela se encolhia na camisa de dormir para se despedir dele, ao pé da porta, e antes de pegar na caixa de ferramentas de pedreiro, ele ainda lhe disse: «Estava a ver que nunca mais emprenhavas. Assim, está certo», e sorriu-lhe. Aliviada, ela acenou-lhe, e ele subiu para a bicicleta, a caminho da obra. Ficava mais descansada de que ele não se poria à procura de outra. Uma que o fizesse sentir-se mais homem.

Percorremos, a pé, as veredas para sul. Já começava a fazer calor, embora ainda só estivéssemos em abril. Passámos por duas quintas, onde os cães se vieram atirar contra os portões de ferro a ladrar, furiosos. Matavam-nos se pudessem, pensei. Ou, se calhar, bastaria dar-lhes um bocado de pão ou de bolo que é o que acontece aos cães, mesmo os treinados por donos maus. Compram-se com qualquer coisa, porque têm fome. Eu cheguei-me mais às pernas dela, certo de que se por um milagre eles escapassem das correntes, nos desfazeriam em pedaços.

Por fim, lá chegámos ao enorme quintal. A Tia chamou por alguém, mas a pessoa demorou a vir.

«Vizinha! Ó vizinha Clarinda!»

Uma mulher de meia-idade apareceu, calçada com uns chinelos e abriu o portão, fechado com um cadeado.

«Vinha ver se tinha ovos, vizinha.»

Ela assentiu e perguntou quantos queríamos.

«Uma dúzia ou dúzia e meia se puder!»

A mulher voltou a assentir, fechou o portão atrás de nós e tirou a chave do cadeado, metendo-a no bolso do avental.

«E também queria umas cenouras e um molhinho de nabiças, lá para a minha vizinha.»

Seguimo-la através de um espaço de terra batida, onde estava um carro semidesmantelado, e várias partes de máquinas agrícolas, enferrujadas. Eu nunca ali tinha entrado e a visão das estruturas metálicas e do chão muito seco, onde as ervas medravam a custo, deixava-me ansioso. Agarrei-me, mais, à mão da minha tia.

«Atão, estás com medo? Não há aqui nada para te fazer mal.»

Deu o saco à mulher que desapareceu pela entrada da cozinha, para ir buscar os ovos. Havia uma porta dupla, a tinta desbotada a cair, com uma

janela de rede para arejar sem deixar entrar as moscas. Através da rede branca conseguíamos divisá-la a mexer em ovos. Ouvimo-la contar alto, «dois, quatro, cinco, seis, nove...» Quando saiu, devolveu o saco à Tia, como se este pesasse uma tonelada.

«Tens aí uma dúzia. Já tenho o resto apontado para outra pessoa. Agora, vamos à horta.»

Por detrás da casa havia um tanque grande e um espaço com alguma dimensão, cultivado. Cenouras, algumas batateiras, couves, pimentos, um grande número de tomateiros já quase sem frutos. Três pés de feijão verde, armados com canas, mas que ainda não tinham começado a dar. As nabiças estavam mais ao fundo. A Tia tentou despertar a conversa com algumas frases alegres, mas não obteve mais do que umas interjeições e acabou por se calar. Puxou-me para o pé de um tanque que tinha umas videiras e fazia sombra.

«Porra, que isto hoje está calor», ainda atirou.

A mulher que estava dobrada levantou-se e limpou a testa com a mão com que segurava a pequena faca de cortar os legumes.

«E quando é que não está?» Olhou para um canto mais afastado do terreno. «Vou-te buscar daquelas, ali, que já estão grandes.»

Eu estava aborrecido. Não havia ali nada que me interessasse. Comecei a desviar-me, devagar, sorrateiro, e dobrei-me ao pé de uma espécie de canal feito com tijolos por onde escorria a água do tanque, quando se regava. E, depois, ainda mais lentamente, desviei-me em direção a um dos lados da casa que não se via dali. A Tia tinha-me deitado um olhar desinteressado. Desde que não estivesse a mexer nalguma coisa com que me cortasse ou não subisse para algum lado de onde caísse, estava tudo bem. Ao contrário da minha mãe que não me perdia de vista a cada movimento, ela dava-me mais liberdade. E eu gostava disso.

Subitamente, ouvi o que me parecia ser alguém a cantar, baixinho. A voz era um misto de graves e meios-tons. Depois, calou-se. Aproximei-me, curioso, daquele lugar, mas, ao princípio, não vi nada.

Na verdade, era eu quem estava a ser observado.

«Aaaaa... menino...»

Um barulho de correntes.

Virei-me para trás a tempo de descobrir que tinha, a menos de um metro de mim, um rapaz grande, quase um adulto, sentado numa cadeira. Ele inclinou a cabeça para o lado para me observar melhor.

«Menino...»

Estava descalço e quase não tinha roupa. Apenas uns calções rasgados de onde assomava uma fralda de pano. Os seus olhos estavam muito abertos, mas não tinham vida. Baixei a vista para a corrente que o prendia por um pé. Pensei de imediato no macaco e levei, instintivamente, a mão ao rosto.

«Anda cá...», disse, e, apesar do horror que estava a sentir, não me ocorreu desobedecer. Ele pôs-se de pé e estendeu os braços na minha direção. Era grande, comparado comigo. Eu só tinha dado um passinho, mas ele,

esticando a corrente o quanto pôde, conseguira chegar ao meu alcance.

Abraçou-me com aqueles membros grandes e deformado e a baba que lhe escorria da boca, caiu sobre os meus cabelos quase imateriais de criança pequena.

Murmurou uma frase, que não entendi. Parecia contente. Não me fazia medo e tentei afastar-me, ao fim de um momento. Mas, os seus braços de gigante eram uma armadilha à minha volta.

Súbito, ouvi um grito e ouço os passos da minha tia a correr, puxando-me daquele enlace. A Mãe também chegou veloz, a soprar numa aflição, e, pegando numa cana, começou a bater-lhe, até que ele se recolheu por uma pequena porta, o pé sempre preso pela corrente. Ouvi-o gemer e guinchar, lá dentro, antes de começar uma cantilena de autoembalo, muito diferente da que primeiro lhe tinha escutado.

As duas mulheres verificavam-me os membros para ver se não estaria ferido. A Tia limpou-me a baba da cabeça com o seu lenço.

«Ele fazer mal, não faz. Mas não pode ver uma criança. Quer só brincar com elas... Não vê que é muito maior... É a minha cruz. Um sofrimento pegado. Não sei o que terei feito a Deus para ter este castigo.»

Parecia ter envelhecido ainda mais, enquanto falava e se justificava. Quando a Tia estendeu o dinheiro, ela segurou-o, mas nem olhou para ele. Gritou qualquer coisa zangada, para dentro. O monstro-filho iria apanhar mais porrada, com certeza, assim que nos fôssemos embora.

Sáímos o mais depressa possível, fechando o portão de ferro atrás, com estrondo. Uns metros à frente, a Tia voltou a olhar-me os braços magrinhos.

«Não tens nada, ainda bem.»

Para meu espanto, também ela não contou nada à minha mãe. Eram cunhadas. As coisas só se poderiam voltar contra ela. Não valia a pena ouvir coisas de que já sabia não ir gostar. De que o marido e irmão da minha mãe não iria gostar, também. O erro seria sempre dela. Agora, que estava grávida, queria finalmente ter paz.

«Anda, vais ajudar a tia a fazer um bolo. Depois, podes raspar a tijela.»

Pensei muitas vezes no que me teria sussurrado o rapaz acorrentado, naquele dia. Mas, a palavra que me veio sempre à cabeça, sem o poder confirmar, era «amigo».

Durante todos os anos da minha infância, os meses avançaram da mesma maneira: a noite que chegava mais cedo e o caminho penoso para a escola que odiávamos; o Inverno que vinha tão gelado que arrefecia tudo em que tocávamos e nem sacos de água quente nos salvavam de tremer, quando se entrava nos lençóis; o aparecimento das primeiras flores lilases e que depois quase desapareciam, debaixo de uma onda de verde e de odores que enlouqueciam de calor.

E, finalmente, o começo do Verão. A alegria do Verão. As piscinas, que ficavam a quilómetros, e para onde, mais tarde, aprendi a caminhar com outros rapazes. Voltávamos com queimaduras de sol, gravíssimas, mas que não levávamos a mal porque significavam, também, que estávamos no nosso tempo livre. Por uns meses (tantos, nesse tempo, longos até quase nos fartarmos) não seríamos espancados – fora de casa, pelo menos – por não se saber a tabuada ou quantos litros de água poderiam caber no tanque de um homem hipotético a quem todos desejávamos um afogamento lento e doloroso. O Verão era a coisa mais importante das nossas vidas.

No final de junho, já o solo começava a queimar, acontecia a Feira.

Na última, antes de eu entrar para a escola, o tio Quim chegara do trabalho, enfiara a cabeça dentro da porta da cozinha e gritara para a minha mãe:

«Querem ir, hoje, à Feira?»

A Mãe estava bem-disposta, e quase largou o alguidar com lixívia com que estava a esfregar tudo o que lhe parecesse vagamente sujo. Quase.

«A um dia de semana? Deves é de estar maluco. Atão, tu não vais trabalhar amanhã?»

Ele soltou aquela gargalhada franca e tímida ao mesmo tempo.

«Vou. Mas hoje foi dia de receber, devia ter sido na sexta, mas já se

sabe. Por isso, podemos dar lá um salto e voltar cedo.»

Uma mancha particularmente resistente na pedra mármore do rebordo da chaminé olhava, desafiadora, para a minha mãe.

«Ná, hoje não dá. Já tenho jantar feito e se não o comermos, estraga-se.»

O Tio fechara a cara, desapontado.

«Mas vínhamos cedo, mana...»

Fui despertado da sesta, pelo som das suas vozes. Era já tarde, pois tinha custado a adormecer, deitado no tapete do quarto. Quando isso me acontecia, e se ninguém me fosse acordar, entrava num sono profundo, que poderia durar horas, como nesse dia. Apareci, a coçar a barriga.

«É para irmos aonde, tio?»

Ele deu-me dois beijos na cara.

«Ó meu lindo! À feira, se conseguires convencer a tua mãe.»

Eu desatei a saltar.

«Feira, feira!»

Ela desviou do alguidar as mãos queimadas da lixívia. Ainda não estava perfeito.

«Tá calado, mas é. Devem pensar que eu tenho a vossa vida.» Eu olhei-a desapontado e, por uma vez, ela reparou. «Eu não vou com vocês, se ele te quiser levar, vão sozinhos.»

O meu tio parecia não querer. Eu fiz um esboço de beicinho. Ainda tinha isso em mim. Por mais uns meses. Apenas mais uns meses.

«Oh... Vamos, tio.»

E ele, cedeu. Como sempre. Como para sempre.

«Pronto, está certo. Se a tua mãe não quer ir, vamos só os dois. Vais comigo andar nos carrosséis.»

A Mãe virou-se para ele, o olhar arrependido, e eu senti como se ela estivesse a estender uma garra na minha direção. Alguém, mesmo próximo que fosse, queria afastar do seu controlo uma coisa que era dela. Uma possessão. E isso, geralmente, enlouquecia-a. Mas, o trabalho que imaginava ter de fazer até à exaustão, falou mais alto.

«Se tu, Quim, te fores lavar agora, eu também lhe lavo as trombas e dou-lhe um prato de sopa, para não gastarem dinheiro. Mas tens de te despachar. Que o mais tardar, às dez horas, tenho de o ter cá em casa.»

Quim deu a sua risada, alegre, disse que sim, e saiu a correr, para entregar o dinheiro da quinzena à minha avó, que, por sua vez, lhe devolveu algumas notas. E, meia hora depois, estava de volta.

«Pronto para andar nos aviões?»

«Tu vê lá, o que é que fazes», alarmou-se a Mãe. «Já sabes que ele é fraquinho e ainda me apareces cá com ele todo partido.»

Fomos os dois, de mão dada, pela estrada fora e, em seguida, por uns atalhos em que se tinha de saltar muros e passar entre casas. Durante todo esse tempo, ouvíamos os cães a ladrar em ameaça, gentes a gritar umas com as outras dentro das casas e rádios ligados na Emissora Nacional. A voz de Max,

acompanhado pela orquestra, lançava com voz piedosa, «Fui testemunha impassiva, da tragédia mais horrível que houvera na minha aldeia.»

«Estamos quase, aguenta-te nas canetas», encorajava-me ele, quando as minhas pernas se cansavam e já não tinha forças para me levar às cavalitas. «Só mais um bocadinho que é já ali.»

E quase que era.

Não havia muita gente, nesse dia, quando, finalmente, chegámos. Passadas as barracas que vendiam os brinquedos de plástico que eu queria ter e nunca seriam meus, vinham as de comida, com frango assado, sardinhas e costeletas de porco sobre as brasas.

«Carrossel!», pedi, ansioso.

Havia vários, uns maiores, outros mais pequenos. Ele comprou um bilhete para um muito pequenino que fazia cavalos, girafas e outros animais andar à volta, no meio de uma música repetitiva.

«Tiiiiio», gritei-lhe umas dez vezes, a acenar, sempre que passava por ele. E ele respondia, sempre, de volta. Até que o motor parou e eu saí, a exultar de contentamento.

«Agora, vamos àquele», disse-me, apontando para um carrossel muito maior, que subia e descia através de umas ondas feitas com o chão de madeira. Além dos já referidos bichos, mas em tamanho maior, ainda comportava umas chávenas que as pessoas rodavam até ficarem tontas. Quando viu o preço, abriu novamente a carteira e pegou nas moedas, agora, com um pouco mais de custo. Na sua cabeça, estas lembravam-no de quanto tempo a carregar baldes de massa de cimento fora necessário para ali aparecerem. A vida de servente era a vida de um escravo. Entregou os bilhetes a um tendeiro jovem que se equilibrava naquele vaivém como se a mãe o tivesse parido, ali mesmo, e puxou-me pela mão através daquela montanha de esculturas de madeira. Enfiou-me primeiro numa das chávenas gigantes, mas esta deslizou mal entrámos e eu dei um grito de medo. Então, ele voltou a tirar-me, olhando onde seria menos assustador. O carrossel já começava a mover-se, por isso, sentou-me à sua frente, sobre um leão. Com uma mão segurava-me, com a outra agarrava-se à juba pintada. E começámos a subir e a descer aquelas colinas escaldantes de um Verão prestes a começar. E as pessoas, fora do nosso mundo giratório, transformaram-se em vultos, vagamente coloridos, que me deixavam tonto se olhava para eles. Apesar do medo de ser projetado em direção a esse lugar exterior, tranquilizava-me o braço do meu tio a enlaçar-me todo o peito.

Saímos os dois, as pernas a abanar, e fomo-nos sentar em frente de uma rulote que vendia farturas. «Massa frita», chamávamos-lhe nós. Ele comprou uma tira, coberta de açúcar e canela, que dividiu comigo.

As pessoas passavam por nós, a andar devagar, algumas carregadas com coisas que tinham ido comprar à feira: queijos, mantas, cadeiras de verga, chouriços e paios, ou bonecas espanholas vestidas de sevilhanas para colocar em cima das camas. Crianças corriam ou agarravam-se às mãos dos pais, a

pedir coisas. Uma ou duas delas levaram uma bofetada por pedirem alto. Uma menina pequena sentou-se num triciclo e desatou a pedalar furiosamente para longe. Como este estava seguro por outros brinquedos, avançou rua fora, seguida por uma cortejo de boias, carros em plástico, o pai e a mãe, furiosos, a mandá-la parar.

A certa altura, o Tio apontou para um ponto alto, um pouco distante.

Um avião, preso a um braço metálico, rodava em círculos, antes de desaparecer para baixo. E depois, outro e mais outros. A maioria não tinha asas, eram discos voadores.

«Anda», disse ele, antes de atirar o papel da fatura para o chão e de me arrastar consigo.

Era linda e ao mesmo tempo aterrorizadora a linha de objetos voadores que agora começava a descer, em final de volta.

«Queres ir andar?»

«Sozinho?»

Ele retorceu a boca.

«Se formos os dois, fico sem dinheiro para pinhoada para a tua mãe... E depois, quem é que a atura?»

Eu olhei, de novo, as naves assustadoras.

«Quero ir, mas é consigo.»

«Não tenhas medo que o tio fica aqui a tomar conta.»

Eu dobrei a cabeça para o chão e desenhei um risco desolado na poeira do chão.

«Quero ir com o tio.»

Ele hesitou. Pensava no pouquíssimo dinheiro que lhe restava, na pinhoada que não poderia comprar para apaziguar a ansiedade feroz da irmã. Ou, ainda, de que talvez lhe chegasse para convidar para o cinema uma rapariga do Bairro que olhara para ele e lhe sorrisse. Não eram muitas as que o faziam.

«Mas o tio não pode... O dinheiro está mesmo no fim.»

Eu disse que sim, com a cabeça. Compreendia. A pobreza é das coisas que se aprendem mais cedo. A pessoa sabe que há dois mundos, aquele onde está aquilo que se deseja e um outro, bem mais rasteiro, à sua volta, onde nada do que se quieria, provavelmente, chegará.

Agarrei-lhe a mão jovem e já destruída pelos baldes de massa e pó de cimento que era obrigado a manusear todos os dias.

«Não faz mal, tio, eu percebo. Vamos só olhar para eles antes de ir para casa.»

Era sincero, no que dizia. Sem entender nada de finanças, estava habituado à renúncia. Iria fazer seis anos, daí a dias, mas já tinha aprendida a lição da nossa condição de miséria.

Ele continuou a olhar para mim, depois para a minha mão na dele, antes de virar a cabeça para os aviões que continuavam a subir no meio da cacofonia da feira e do cheiro a coisas assadas, incluindo de polvo seco, ali

perto. E fez aquilo que continuaria a fazer até ao fim.

«Anda. Não te quero triste. Vamos andar. Amanhã logo se vê.»

Nos minutos que se seguiram, tudo foi memorável. Lindo e assustador. Reconfortante e visionário. Lá de cima, agarrado ao que podia, vi as luzes da cidade que subiam e desciam. Apreendi que se pode voar, se tivermos a força suficiente para carregar no pedal que nos elevará. Que uma pessoa pode abdicar, num impulso, de fazer as coisas que o manteriam seguro, em troca de um gesto de amor. Foi das coisas mais bonitas que me dedicaram, esse bilhete comprado por um rapaz, para mim, e que teria, para ele, um custo muito maior.

Um dia, ele próprio iria carregar um homem às costas, os pés em sangue dentro de botas dois números acima. Mas, esse dia, ainda não tinha chegado.

Guardei por muito tempo este sentimento de pairar acima do destino com o reconforto de uma mão familiar no ombro.

A noite manteve-se quente enquanto percorremos o caminho de volta. Eu, a tropeçar de sono, mais alegre não conseguiria ir. Fiz o resto do caminho nos seus braços, adormecido. Senti tirarem-me os sapatos, já deitado na cama, e ouvi a minha mãe sussurrar alguma coisa desagradável sobre a pinhoadá que ficara na feira. E o meu tio a rir, juvenil: «Querias o quê, mana, se o menino só queria voar?»

Diz, quem acredita, que quando estamos para morrer, alguém da família nos vem buscar. Uma pessoa amada no passado: uma avó, o pai, o primo que criou os primeiros laços connosco...

Mas, nesses tempos, a morte vinha mais pelo correio. O carteiro descia da bicicleta ou da mota e entregava o envelope verde-pálido a anunciar a mobilização para a tropa.

A Avó foi quem a recebeu. As mãos tremeram por um instante, antes de a pousar na entrada, sobre o poial de pedra, ao lado do cântaro da água. Não a abriu porque não sabia ler. E porque não precisava: viu a cor do envelope e as armas timbradas. Aclarou a garganta apertada e pegou no tacho com restos de comida para dar aos cães.

«Ó *Labrego!* Ó *Faísca!*»

Quando o meu tio voltou do trabalho, já vinha de cara fechada porque o mestre de obras lhe tinha dito que ele era uma merda e que nem para amassar cimento servia. Tinha esperança de acalmar, depois de entrar em casa e lavar-se. A Avó deu-lhe a carta, sem uma palavra, e continuou a fazer o jantar. Vieram-lhe as lágrimas aos olhos, a dor do dia a insistir em alastrar.

«Já estava à espera.»

«Mandaram-te para onde?»

«Para já, para Tancos. Nem sei onde isso é...»

Ela continuou a deitar no prato a farinha para fritar o peixe.

«Deve ser para o Norte. É tudo no Norte. Aqui não há nada.» O óleo começou a mover-se na frigideira. Em breve, os carapaus enfarinhados se encolheriam sobre si próprios, a fritar. «Vá, vai-te lavar que o jantar está quase pronto.»

Como se os pés lhe pesassem arrobas, ele caminhou até à minúscula casa de banho onde só havia uma sanita escura e um lavatório de esmalte para onde

se deitava água com um jarro. O choro cresceu nele, mas em silêncio, para que não o ouvissem. Não era Tancos a terra que o inquietava.

*

Desse período, não guardo quase memória. Foi um Verão tórrido, em que ardíamos nas camas sobre os lençóis, os mosquitos a zumbirem por cima, até nos apanharem adormecidos e nos cobrirem o corpo de babas que não conseguíamos parar de coçar. As feridas vermelhas espalhadas pelo corpo todo, antes de o exército de insetos se emboscar, novamente, entre as sombras.

Posso, mais do que lembrar, deduzir outras coisas desses dias. Dentro de casa, as discussões de família, por pouco ou nada, gestos violentos a começarem em direção a mim que ia crescendo aos poucos. Na rua, as brincadeiras com rapazes mais velhos, vislumbres de corpos nus em revistas, palavras grosseiras que sabia não poder repetir a ninguém.

Do meu tio, recorro as breves visitas a casa, uma vez por mês, vestido de uniforme, magro, muito magro. O boné de lado. «Endireita a pala, Quim, que isso é falta de respeito.» E ele, com uma amargura que não lhe tínhamos conhecido: «Qual pala? Isto tem alguma pala? Deves-me achar general.» Não o era, nem o seria, vindo de onde vinha. Faltava-lhe, pelo menos, um pai que tivesse um comércio, uma mãe que trabalhasse nos Correios ou outra situação de algum privilégio. Mas, o meu tio, era uma flor nascida da fome. Das que secam prematuramente e se confundem com os picos no meio dos campos.

E, no Outono, entrei para escola.

A 7 de Outubro.

Escrevo em cardinal e não por extenso, porque foi assim que este número nos foi gravado a fogo: O desenho de um punhal deitado que dobrava a lâmina para baixo para se enterrar nos nossos corpos espantados de criança. «7». Depois desse sete-seta, nunca mais voltaríamos a acreditar na bondade dos adultos. Na primeira classe, aprendíamos que a nossa infância morreria, todos os dias, mais um pouco.

A Mãe levou-me pela mão, estrada fora, com outras mulheres que iam acompanhar os filhos no primeiro dia. Riam-se muito e falavam alto, nervosas.

«Ficas com o senhor professor que logo venho-te cá buscar.»

Havia crianças que choravam, que se agarravam à saia das mães, que se despegavam a custo ou à bruta, conforme o caso. Eu, não. Sabia que não adiantaria nada.

Várias mulheres repetiram por delicadeza, bem alto, a voz sempre nervosa:

«E se ele se portar mal, bata-lhe, senhor professor. Arrime-lhe, que tem a minha autorização.»

E o professor Carrapito, que nesse tempo ainda era jovem e estava ele próprio com medo de que descobrissem que mal sabia a gramática, quanto mais ensiná-la, e que alguém o viesse espancar por isso, sorria,

sobranceiramente a todos, respondendo:

«Não há de ser preciso. Ele vai-se portar bem, não vais?», o tom era afável, mas já tinha os dedos finos espetados no pescoço do menino que não levantava os olhos do chão.

Quando as nossas mães saíram, foi como se a morte descesse sobre todos nós. As figuras que, a bem ou a mal, não nos largavam desde o nascimento, tinham desaparecido. Éramos nós e este homem desconhecido. Nós e as histórias ameaçadoras que nos tinham contado sobre ir à escola. Sentíamos-nos órfãos e ressentidos pelo abandono.

Para mim, contudo, passado o primeiro choque, o dia correu bem. Fizemos um desenho, aprendemos uma canção, vimos umas gravuras com uma zebra e um leão, e o professor apontou para um mapa das províncias ultramarinas onde os referidos bichos andariam à solta. «Nos carroséis também os há», tive vontade de dizer. Mas, pelo tom autoritário dele, percebi logo que não seria boa ideia. Ao almoço, D. Deolinda, a contínua, que acabávamos de conhecer e ainda era parente afastada da minha mãe, levou-nos a pé até à cantina que ficava longe. Comemos, a custo, uma sopa de couve cheia de farinha e um peixe infecto. De repente, a açorda de alho com ovo e bacalhau, de casa, já nos parecia um manjar. No fim, havia pudim – eles chamavam-lhe pudim –, uma coisa granulosa, esbranquiçada, vagamente apaladada a caramelo, que quase me provocou um vômito.

Às três horas, lá nos voltaram a ir buscar, e caminhámos até ao Bairro, com o mesmo grupo, mas mais em silêncio. Nós, as crianças, não tínhamos nada de bom para dizer, e elas, as mães, só queriam chegar depressa, porque tinham trabalho à espera.

No dia seguinte, por combinação, foi apenas uma das mães, a guiar-nos até à escola. Todas as outras trabalhavam como mulheres-a-dias, ou nos campos de cultivo que não eram longe. Algumas, simplesmente, tinham outros filhos para cuidar em casa e os mais velhinhos que se fizessem à vida. Os miúdos seguiram atrás dessa mulher, de mãos dadas, ao princípio, e aos pontapés uns aos outros, ao fim de cem metros.

No terceiro dia, já íamos sem adultos, apertados uns contra os outros, com medo, porque íamos de frente para os carros apressados. Como seguíamos alguns rapazes mais velhos, da segunda e terceira classes, que lutavam sem ligar ao trânsito entre terras, focávamo-nos em tentar não ir parar muitas vezes à valeta gigante, dos dois lados da estrada de alcatrão. Estas valas que escoavam as águas da chuva, estavam sempre sujas de papéis e garrafas que os condutores atiravam pelas janelas. Nesse mesmo ano, vi os primeiros preservativos («camisas-de-vénus», aprendemos a dizer com as nossas vozes quase de bebés). Quase sempre tinham um nó, a segurar o reservatório cheio de esperma. Achávamos graça por saber para que tinham servido. Mas, não representavam mais do que o resto do lixo, como eram, também, os maços de cigarros vazios ou, mais raramente, panfletos que tínhamos ordem estrita para não tocar ou ler.

No segundo dia de escola, um dos meninos, que vinha da miséria do bairro da Câmara, o Paulinho, levou a primeira sova do professor. Não foi bem uma sova, porque em casa era pior. Era mais o primeiro contacto com a violência instituída pelo Estado. Tinha sete anos, as mãos pouco limpas, mas já boas para receber a régua, seis vezes. Este professor gostava de pancadas em números pares, como descobriríamos rapidamente. 2, 4, 6, 8 até saltar para 12, se o delito fosse muito grave.

«A ver se aprendes», disse ao menino que chorava, antes de enxugar a testa com a manga demasiado larga da bata. Fora a primeira vez que exercera o seu poder de espancar. E alguma coisa nele tinha crescido, ao segurar a mão do menino, provocando-lhe dor. E, essa sensação, nunca mais sairia dele até aos últimos dias da sua vida.

«O que é que ele fez?», murmurei para um colega.

«Disse “porra” ao professor», segredou-me o outro de volta.

Eu abri os olhos de espanto e medo.

«Não se pode dizer “porra”?»

«Não.»

«Porquê? Eu, às vezes, digo», bichanei.

«Também não sei...» Os pequenos ombros a encolherem-se, perplexos.

O professor levantou a cabeça para nós, os dentes de animal novo, arreganhados:

«Tudo calado, senão apanham a mesma dose!»

Empurrou o menino, que apertava as mãos vermelhas e doridas entre as pernas magras, para o seu lugar, e escreveu no quadro uma lista de números até dez, para copiarmos para o caderno.

No dia seguinte, o Paulinho foi também o único a levar uma ponteirada, sem que se percebesse, igualmente, porquê. Desta vez ainda custou menos ao professor. Sabia, agora, que conseguia castigar. E estava satisfeito com isso. Quando tinha saído do seminário, desencorajado de ser padre, mas ainda com o hábito de passar alguns dias por semana com uma corda amarrada à carne, por debaixo da roupa, seguindo o exemplo pio dos pastorinhos, ainda pensou que não seria um bom professor. Mas, agora, descobria-se capaz não só de repetir o que os padres lhe tinham metido na cabeça à ponteirada como ser, ele mesmo, capaz de acertar nos pupilos com a sua cana.

O problema da sua primeira vítima, e dos vários irmãos que ainda por ali andavam, chamava-se Miséria. Dezassete almas, contando com mãe e pai, enfiados numa casa de dois quartos e cozinha, cedida, a custo, pela Câmara. Dormiam encavalitados uns nos outros, lavavam-se se tinham tempo e comiam o que apanhavam. Uma vez, vi o Bernardino, o irmão logo a seguir – que apanhei um ano depois porque ele chumbou, claro – a roer as espinhas grossas de um peixe. Não sei como conseguia, mas mastigava-as com convicção até ser capaz de engolir tudo. Gostava dele por ser simpático e amigo de nós todos, apesar de ser mais velho dois anos. E porque me ajudava, discretamente, a acabar a sopa nojenta da cantina. Também era bom a comer o

pão que parecia ser feito com cinza e lama e que odiávamos. Para ele, tudo isso era um manjar. Se conseguia surripiar mais alguma fatia de pão, metia-a no bolso da bata para levar aos irmãos mais pequenos que tinham ficado em casa. O Bernardino levava muito menos pancada do que o irmão, porque se fazia prestável ao professor. Era o primeiro a pôr-se de pé quando este perguntava quem é que lhe queria ir buscar um bolo de canela e uma arrufada à padaria, para merenda da manhã, e voltava sempre com o troco certo. O professor pegava no embrulho, conferia o troco, se o houvesse, e, às vezes, partia uma migalha de um dos bolos e dava-lhe. O Bernardino engolia-a de uma vez, como se fosse um cão, e ficava a olhar para o resto, até ser enxotado para o lugar. Por isso, era raro levar com a régua. Calduços na cabeça, sim, muitos, quando tirava os olhos das contas que não fazia ideia como resolver. Mas a baterem-lhe à séria, de régua, escapava-se quase sempre. Vi, muitas vezes, o professor limpar os dedos à perna das calças, depois de lhe tocar com os nós fechados dos dedos na cabeça oleosa.

Aprendi a escrever as primeiras letras, a custo. Não porque não as conhecesse ou não fosse capaz de as juntar melhor do que a maioria. Mas, desenhá-las, direitinhas, formatadas sobre uma linha, era, para mim, missão quase impossível. Em casa, tentavam que eu emendasse a mão. Mas, por qualquer razão, o máximo que consegui alguma vez foi vir a escrever de forma legível.

«É esperto, mas não consigo que melhore a letra», queixou-se o Carrapito no final do ano, justificando uma nota mais baixa. «De que serve saber tudo o que lhe ensino se depois o escreve com uma caligrafia horrível? A forma precede o conteúdo, não lhe parece?», perguntou no dia da entrega dos diplomas, à minha mãe. Ela não percebeu nada do que ele disse, mas não se importou porque já tinha visto que ele tinha escrito «dezasseis» no papel. E, isso, era um recorde na família. Enquanto regressávamos a casa, ainda resmungou que tinha visto crianças no quadro de honra, «com dezassete e dezoitos». Mas, logo a seguir, acrescentou que não admirava sendo filhos de gente empregada na Caixa de Previdência e na Câmara. A elite desses tempos de miséria, à qual, nem ela nem eu, alguma vez acederíamos. Foi pela berma da estrada, a dar-me a mão e com um meio-sorriso na cara, nessa tarde. E, isso, valia nas minhas contas, pelo menos, um dezanove.

Há barcos com nomes de sítios, sem serem feitos da madeira das árvores que os cercam. E, se pássaros lhes pousam, são humanos, não os que se levantam das águas dos seus lagos. Barcos de metal que preferem as ondas dos oceanos e o cheiro a óleo das engrenagens aos odores perfumados de plumérias ou ao da larga savana, depois da chuva. A haver leões ou hienas nesses barcos serão sempre animais presos. Organizados não pela coragem, mas por uma ordem artificial que só aos humanos lembraria.

Assim era o navio *Niassa*, um nome de lago a cruzar as ondas salgadas.

*

O único barco em que Quim tinha entrado, e apenas uma ou duas vezes, era o que ligava o Barreiro a Lisboa. Embarcava-se no fim de uma linha de comboio que vinha do Sul, entre campos cultivados, depois progressivamente mais secos e, finalmente, a sujidade dos prédios. Nada que o pudesse preparar para o impacto causado pela visão do *Niassa*, fundeado em Alcântara. O sol estava alto, nesse dia, apesar de ser outubro e ele levou a mão em pala aos olhos para não se encandear com a cor branca do navio. Descobriria mais tarde que o metal visto de perto era mais baço, próximo do tom quase amarelado das camas dos hospitais. Mas, naquele primeiro momento, as pernas tremeram-lhe diante daquele conjunto de ferro e aço. Teve vontade de urinar e a imagem que lhe veio à cabeça foi a de um anjo gigantesco, enviado por Deus para levar os homens até ele.

«Mexe-te, pá, ó Cachopas», disse-lhe um camarada, passando-lhe o braço pelo ombro. «Temos de aguentar mais esta, já sabes.» Pôs a mão em pala para proteger os olhos da luz. «Esta porra é alta como a merda. O pior vai ser lá dentro. Ouvi dizer que se viaja empilhado, como os porcos.»

Do cais, avistavam outros jovens, estes marinheiros, vestidos de branco e azul, com os bonés de lado ou mesmo sem eles, que se azafamavam de um lado para o outro. O rio cheirava a lodo e a qualquer coisa de pútrido, que se misturava com os rangidos das peças de metal.

Os restantes membros da sua companhia e de outras iam chegando ao porto, descarregados de camiões Berliet. Não traziam consigo as armas a que se tinham afeiçoado ao longo dos treinos. A G3, para a maior parte, a HK21, metralhadora que muitos viam como infalível para não deixar chegar ninguém ao pé, para outros. De foguetes e morteiros não tinham aprendido quase nada. Por isso, muitos encontrariam a morte quando estes lhes explodissem na cara gritando «ты умрешь» , «Vais morrer». Mas o porão seguia cheio de outras armas, as M2 Browning, para a defesa, mas também para o combate antiaéreo ou para as elites de assalto. As joias dessa viagem seriam vinte submetralhadoras HK MP5, acabadinhas de chegar da fábrica alemã, Heckler & Koch. Pontos de insurgência tinham rebentado recentemente na província de Tete e o governador dera ordens para que lhe mandassem com que matar aquela gente que por ser teimosa não se deixava civilizar.

«É que não querem mesmo ir a bem, caramba!», desabafara na mesa do Clube Naval, entre duas garfadas de bacalhau no forno. Depois tinha olhado para o prato e para o empregado que o estava a servir. «Vai lá dentro perguntar ao cozinheiro se a mãe dele também lhe punha gindungu, ou como é que vocês lhe chamam aqui, na porcaria do leite», e atirara com o garfo para a mesa.

Era a guerra no seu esplendor, com o brilho metálico das espingardas e munições. Por isso, Quim e os outros tinham sido treinados para as disparar, enquanto ainda se arrastavam no pátio.

«A tua G3 tem de ser para ti, soldado, mais do que a tua mãe», tinha gritado a Quim um instrutor. «Porque se a primeira te pariu, vai ser esta quem te vai aguentar vivo, quando os *turras* te quiserem dar cabo dos cornos.»

Perguntei uma vez à minha mãe o que eram os *turras*.

«Ora, não sabes que são os pretos? Os maus, vá. Os que querem matar os nossos quando lá chegam.»

Eu empalideci.

«E aqui, mãe, há *turras*?»

Ela encolheu os ombros.

«Pretos, pelo menos, há. Se vires algum na rua, desvia-te. Nunca se sabe se pode ser *turra*.»

E foi o que eu fiz. Não que houvesse muitas pessoas negras naquela cidade de província, nesses anos, mas sempre que avistava algum, e se ia sozinho, mudava ansiosamente de passeio.

Mais tarde, alguém me explicou em tom sapiente, que todo o preto era um *turra*. Porque viria de «torrado do sol». Não de «terrorista» como nos discursos oficiais. E eu acreditei.

Aparentemente, o instrutor do meu tio também:

«Quando eles aparecerem, não pensem: é descarregar-lhes logo a G3 nas trombas. Lembra-te, soldado: tem de ser mais do que uma mãe.»

Passaram quase todo esse dia que antecedeu o embarque no cais. Só poderiam entrar quando tudo estivesse pronto. E, claro, da mesma forma como se esperava para a consulta do médico, em todas as repartições públicas, sem exceção, ou num banco se tivessem a triste ideia de ir levantar um cheque, tudo tinha começado tarde, de forma desorganizada e sem hora para terminar.

A partir de certa altura, os capitães milicianos, eles próprios fatigados, disseram aos homens que se sentassem no chão, de forma ordenada. Mas, sempre que passava um oficial, lá tinham de se levantar até este fazer sinal de «à vontade», o que dava a imagem de colinas em permanente ondulação. O sol de Outono decidira-se pela inclemência e todos suavam no interior das suas fardas.

«Não sabia eu o que era calor e ficar a suar», escreveu o meu tio, no seu primeiro aerograma, de África. «Aqui, mãe, a gente assa e coze, ao mesmo tempo.»

Com os comandantes por perto, não se atreviam a puxar das cartas, nem a fazer alguma coisa que os livrasse do tédio e do cansaço de estar de pé. Esperar. Esperar.

Perto do anoitecer, foi dada a ordem de embarque.

«É desta, companheiro», muitos disseram. Alguns benzeram-se e outros sentiram vontade de chorar. Pensavam na mãe, nos irmãos ou na namorada que viriam despedir-se, no dia seguinte, ao cais e que todos esperavam avistar no meio da gigantesca multidão.

Os marinheiros estavam, finalmente, perfilados no convés ou junto à escada de acesso ao navio. Aos trambolhões ou em passo rígido, com os músculos treinados, todos foram subindo. Os seus oficiais iam gritando ordens, mais para parecerem eficazes do que por necessidade. Um dos soldados, que vinha do aquartelamento de Braga e que nunca tinha visto o mar nem um rio de grandes dimensões, distraiu-se a olhar o Tejo, enquanto subia, e escorregou escada abaixo no meio dos gritos duros de uns e da risota dos restantes.

«Desculpe, meu capitão», gritou enquanto se levantava e voltava a subir. O seu sotaque nortenho era carregado e os do Sul riram-se. Ficou-lhe logo a alcunha de «Escorrega» que só viria a desaparecer quando um dia regressou ao aquartelamento em Fingoé, sem pernas, a esvair-se em sangue. Pisaria, ironicamente, uma mina, ao saltar ordeiramente pela traseira de um unimogue. A viatura passara incólume sobre o engenho explosivo, entre os eixos. Os outros tinham saído, quase de mergulho, pelos lados, e só ele descera pelo sítio que julgara mais seguro, metendo a bota mesmo em cima da mina escondida. Foi projetado para longe, já quase só cintura. Dentro do caixão chumbado voltou a ser o soldado Gonçalves.

O meu tio subiu os degraus com presteza, quando chegou a sua vez.

Olhou, também ele, para terra, mas ali, do cais de Alcântara, só quis ver a margem sul do rio. O caminho de casa que não poderia tomar. O sol, que tinha começado a baixar, tornava o Cristo Rei e as arribas numa sombra. «Ai, minha mãe, que, se calhar, não a vou ver mais», pensou. Pareceu-lhe sentir um cheiro que não era a rio, nem tão pouco ao bairro da cidade de província onde tinha morado, mas aos pastos em volta da aldeia da sua infância. Rebolou-se uma vez mais nessas ervas altas, sentiu-lhe odor inebriante, rente ao chão, antes de suspirar e seguir os camaradas que já desciam a conhecer as camaratas gigantes.

Não dei pela partida dele, após a sua última visita, no final de setembro. Ouvira mencionar «dez de outubro», várias vezes, e vira as mulheres da família agarrarem-se ao meu tio, contendo as lágrimas para lhe dar coragem, sempre que passavam por ele. Todas, menos a Avó, que teimou em permanecer muda e quieta, como se nada de especial se fosse passar, até ao fim. Soube depois que, nessa madrugada, quando ele partira, a pé, para o quartel, onde o meteriam pela última vez num camião a caminho de Lisboa, ela o apertara a si como se tivesse tenazes em vez de mãos. Parecia não o querer largar, como se tivesse morrido há pouco e não sentisse a aproximação da rigidez. Nem uma lágrima, sufocada. Finalmente, sem dizer nada, meteu-lhe umas notas na mão, juntamente com uma medalha de Nossa Senhora d'Aires e ajeitou-lhe a gravata do uniforme, antes de o empurrar para fora.

Pela minha parte, tenho apenas uma vaga memória de o ter sentido beijar-me a face. E talvez – pode ser invenção – de ter ouvido dizer, «o tio foi ao teu quarto e deu-te um beijinho, não te quis acordar». O que se sabe é que ele se meteu uma última vez à estrada de alcatrão, parecendo ainda mais pequeno do que o costume, e que se virou muitas vezes para trás, em lágrimas, para dizer adeus à família que se tinha ido despedir dele, ainda em trajes de noite.

Nesse mesmo dia, a Avó foi à arca buscar as roupas pretas de luto, que passou a vestir, tal como o tinham feito muitas outras mulheres à sua volta. Choravam os filhos, em vida, porque não queriam ser apanhadas desprevenidas pela dor se algum telegrama lhes chegasse à porta. Como tinha sido a vizinha Rosa, a que tinha cuidado do macaco do filho mais velho e que aguardou pelo regresso do mais novo, que nunca aconteceu. Morto na Guiné e enterrado no mato. Ou a senhora Esperança e o marido António, que, numa tarde de Primavera, foram dar uma volta ao campo para colher a espiga.

Voltavam felizes, de braço dado, o ramo de papoilas, margaridas, duas espigas de trigo e outras plantas colhidas, quando avistaram um jipe parado à porta de casa, com dois soldados e um oficial de boné na mão. Desataram a correr, em pânico, para eles, as flores da sorte atiradas para o pó. Ela ficara parada a olhar o oficial sem reagir, enquanto, ao seu lado, o marido via a força nos joelhos faltar-lhe até cair no chão empedrado com a notícia de que não voltaria a ver o filho vivo. Não pensou nele como o rapaz sorridente e bonito que lhe saíra, fardado, pela porta, mas como o menino que se escondia nos seus braços, em pequeno, para escapar ao castigo da mãe.

A Avó, tal como outras mulheres habituadas a evitar a dor, queria ter tempo para aconchegar primeiro o sofrimento. Por isso se vestiu de escuro. Também ela integrou um exército, mas a cor da sua farda era o negro.

A minha mãe não disse grande coisa, respondendo às minhas perguntas de forma breve e cortante. Não era preciso. O que não faltava ali eram jovens embarcados para morrer na guerra. Eu próprio lá iria parar quando chegasse a minha vez. Estava escrito na cabeça de todos. Eu e cada um dos meninos que caminhavam ao meu lado para a escola desapareceríamos, um dia, pela mesma estrada por onde o meu tio se sumira. E voltaríamos ou não. As fotografias da selva a preto-e-branco eram coladas ao lado das nossas em festas de aniversário, havia vários anos.

No dia fatídico de 7 de outubro, lá voltei para as aulas. Quase o mesmo ritual, mas com um novo professor. Esqueci-lhe o nome. Mais velho, com menos paciência que o Carrapito. Na trégua do primeiro dia, meteu-nos a fazer uma cópia. «Senhor professor», dissera-lhe a contínua, à entrada, «se quiser outra cadeira, posso ir buscá-la, porque temos mais uma na arrecadação.» Esta era, para o professor, talvez, a sua décima escola. Vários anos em cada uma, os sotaques das empregadas mudavam, mas – pensava, com desprezo – tinham todas a mesma cara. Por isso, fizera uma espécie de sorriso condescendente, respondendo «que logo lhe diria». E esta, que também não era nova, murmurara para si mesma, ao sair, de cabeça baixa: «Ai, és desses? Atão quando chegar o frio vou-me esquecer de te fazer a braseira todos os dias, só para teres de pedir.» Durante os anos seguintes, vi-o mais vezes sentado, inclinando para trás a mesma cadeira, do que de pé a dar a aula. As nossas carteiras estavam próximas do seu estrado, por isso, em caso de zanga, bastava-lhe apanhar com uma mão o ponteiro gigante, feito de cana-da-índia, porque dobrava e não se partia, e fazê-lo varrer, horizontalmente, as cabeças mais próximas. Os mais atentos desviavam-se a tempo, mas os sonhadores sentiam-lhe o embate violento nas orelhas ou nas têmporas. E, claro, voltar para casa com marcas de ponteiro não era coisa que despertasse interesse às famílias desse tempo.

«Se ele te deu com o ponteiro foi porque mereceste», era a inevitável resposta, se nos queixávamos. «Não levaste com a régua já é bem bom.»

Tínhamos sete anos, mas já aprendêramos a mentir. Aos pais, se nos perguntavam porque tínhamos apanhado. Ao professor, se chegássemos uns

minutos atrasados ou sem os trabalhos feitos, porque não éramos malucos de nos atirar para a frente daquele comboio que vivia para o dia em que não tivesse de nos aturar, mas que não hesitaria em nos deixar maltratados. E, aos outros rapazes, se nos perguntavam a razão de não termos comprado senha para almoçar. Como poderíamos nós repetir a frase das nossas mães, «Hoje, sentas-te no recreio a comer este pão com queijo que a mãe te manda e bebes água da casa de banho. Quando chegares a casa, logo comes melhor», se isso era um atestado claro da nossa pobreza?

Eu já lia com uma facilidade e rapidez superior à maioria dos meus colegas. Tinha a sorte de ter pais vagamente escolarizados. E alguns livros circulavam pela casa, desde antes de eu nascer. O meu título favorito era *Os Fidalgos da Casa Mourisca*, de Júlio Dinis. Gostava do som da palavra «fidalgos», sobretudo do início: «Fiiidalgooooos». E não desdenhava «mourisca». O que queria dizer «mourisca»? Não tendo dicionários em casa, cada palavra nova era um mistério excitante. Queria conhecer e acumular todas as que pudesse.

Nos anos seguintes, e à medida que conseguia pôr mão nalgum livro, colecionava tudo. E, aos poucos, o vocabulário, herdado do Alentejo, as palavras que quase sempre se referiam ao trabalho do campo ou da natureza onde já quase não vivíamos, deram lugar a outras. Dois anos mais tarde, a tia Lurdes iria chegar com uma caixa de livros velhos que a patroa ia deitar para o lixo e oferecer-mos. Mas, isso, fica para mais tarde.

Nesse ano em que frequentei a segunda classe, li, sobretudo, cartas. Pedações delas, pelo menos. Sobretudo, as linhas que me eram dedicadas.

«E como vai o meu sobrinho, esse malandro. O tio lembra-se tanto dele. Ainda outro dia, íamos no unimogue a caminho de ~~Alentejo~~ e vai o Mendes, que é do Lavre, e pergunta-me: Mas quem é esse sobrinho que só faz patifarias? Eu disse o teu nome e que as fazias, mas que gostava mais de ti do que de massa frita, que já sabes, querido sobrinho, o que eu sou maluco por ela.»

Sabia. Da massa frita e de ele ser maluco. Nesse tempo, ser maluco era para mim uma coisa boa. Não o maluco de se babar e correr atrás de nós, que me evocava um medo visceral, orgânico, sentido no corpo. Mas o maluco-palhaço, o de fazer maluquices, de dizer graças, de ser inesperado e levemente rebelde ao que se esperava dele. Para mim o Quim era isso mesmo.

Um dia, ele escreveu, num aerograma dirigido à minha mãe, mas com umas linhas para mim:

«Agora também já tenho um macaco. Um saguim, que é muito pequenino. Não é como o outro que tu sabes. Este anda-me pegado ao pescoço para todo o lado.»

Eu levantei os olhos brilhantes das letras.

«Mãe, acha que ele vai trazer o macaquinho? Gostava tanto.»

Ela mostrou-se cética.

«Duvido. Para ter de o prender o dia todo enquanto estiver a trabalhar,

não me parece.»

«Mas um saguim deve ser diferente. Se calhar é como o macaco da Pipi das Meias Altas.»

«Eh, sabes lá tu a raça do macaco da Pipi.»

Eu ainda teimei, embora baixando a voz. Não queria acabar com uma bofetada na cara.

«Eu acho que deve ser como o dela. Se é macaco e é pequenino...»

Nunca descobri se era mesmo verdade, mas para mim, nesse instante, o meu tio e a Pipi, que conhecia da televisão, passeavam a mesma espécie de símio nos ombros.

Não me deixavam ler tudo o que ele escrevia.

«Esta parte não é para a tua idade.»

Outras frases vinham tapadas a preto. Riscadas com qualquer coisa, talvez uma caneta de feltro, para não se perceber.

«Porque é que isto vem tão riscado? Se é ele que se engana, porque não volta a escrever o que queria dizer?»

As mulheres entreolhavam-se e apressavam-se a tirar-me a carta das mãos.

«Porque há coisas que ele não tem ordem para dizer. Coisas da tropa. Nada que precisas de ficar a saber. Dá cá isso, que eu leio.»

Com o passar do tempo, as vezes em que ele dizia que chorara de saudades disto ou daquilo foi aumentando. E as frases dirigidas a mim foram encurtando até passarem a ser apenas, «espero um dia voltar para te abraçar».

Tinham descido às camaratas do porão, divididas em três níveis, conforme o lugar em que iriam desembarcar. Nessa viagem, estavam com sorte, porque, apesar de transportarem quase dois mil soldados, não teriam de se deter em Cabo Verde ou na Guiné-Bissau, como, às vezes, acontecia.

«Este gado vai todo para Angola e Moçambique», tinha dito, por graça, um furriel quando lhe perguntaram. «Vamos dar tiros onde eles, agora, estão a fazer falta.»

Muitos estremeceram com estas palavras. No seu receio constante, havia o alívio de não terem sido enviados para a Guiné, o pior de todos os cenários, murmurava-se à boca pequena. Deitados, à noite, mar adentro, queriam convencer-se de que o seu destino seria, mesmo assim, benéfico. E, sobretudo, das palavras dos oficiais de treino que lhes asseguraram que bastaria obedecer às ordens, dar o melhor de si, de forma heroica se preciso fosse, para voltarem em segurança à metrópole. Só lá ficariam os que não cumprissem.

Nessa noite, ainda diante da costa de Marrocos, Quim procurava conciliar o sono, apesar do ruído constante provocado pelos companheiros dos andares de cima. A ordem de silêncio não era cumprida a rigor, e os passos dos outros sob o piso improvisado de tábuas mantinham-no num insone alerta.

Fechou os olhos, uma vez mais, e a imagem da multidão que se despediu no cais voltou até ele como uma faca que lhe raspasse a garganta. Nunca tinha visto tantos lenços brancos a dizerem adeus. Nem tantos braços de mulheres, velhas e jovens, estendidas na sua direção. Empoleirado na amurada, tal como os restantes camaradas, procurara com uma réstia de esperança avistar o rosto de uma irmã, do sobrinho ou de outra cara qualquer conhecida. Mas sabia de antemão que nenhum deles viria. Ou não teriam dinheiro para a viagem ou não poderiam largar o posto de trabalho, sempre frágil e difícil de manter. Viu um homem grisalho a chorar, estendendo a mão na direção de um filho que

estaria por ali e pareceu-lhe ser a ele que acenava. Pensou no pai que tinha morrido, uns anos antes, debaixo de um trator, a poucos quilómetros do local onde toda a família agora vivia. Na mãe que vestira luto apenas uma semana, e que quando a censuravam por isso, respondia: «Eu cá tenho as minhas razões.» Não sabia que ela tinha voltado à arca da roupa para desencantar essas mesmas roupas. E que, nesse mesmo instante, as vestia por ele. Nunca o chegou a saber. O homem que se despedia do filho no cais, despediu-se dele, também, em nome de outro pai que não teve tempo para tal.

Nunca falou desta despedida nas suas cartas para a metrópole. Dizer o quê? Que havia ali tanta dor sobre as pedras do cais como revolta calada, dentro de homens jovens enviados para uma provável morte? Não viviam no país das perguntas, mas sim no das ordens a obedecer. Crescia-se num Inverno sem fim à vista.

Pararam em Angola para reabastecer e descarregar uma parte dos regimentos. Os soldados que ali iriam ficar desceram, num misto de dureza e medo, procurando focar-se nos gritos dos oficiais. Ao som ritmado das botas foram encaminhados para o grupo de camiões que os levariam ao seu destino. Não se despediram dos companheiros que continuariam viagem e com quem tinham passado horas no convés, a jogar às cartas ou a conversar sobre raparigas, enquanto o *Niassa* subia e descia pelas ondas. Nunca mais se veriam, era o mais certo. Sublinhar isso com um abraço para quê?

O meu tio, contudo, e parte dos seus camaradas foram autorizados a descer, quando as coisas sossegaram. Puderam descer mais lentamente, exercitando as pernas na passadeira que os ligava a terra. Ainda era cedo, o calor que em breve desceria, cruel, ainda não se tinha instalado sobre a baía de Luanda.

«Eh, pá, afinal, isto é lindo», disse o Caneças, descendo ao cais, dois segundos antes de se estatelar no chão, tonto por pisar terra firme. O movimento marítimo a que, finalmente, se tinham habituado, era ali substituído por um solo amovível que desestabilizava o sentido de equilíbrio.

Quim desceu e também ele teve de se sentar no chão com as tonturas de já não estar a subir e a descer. «Ai, porra, que não me aguento das pernas.» Desatou a rir e ficou ali, sentado, a ver os outros a ajustarem-se ao estático da terra firme ou caírem como eles os dois.

«Então, já estão na praia? Até parece a quem os vê, aí, estendidos», troçou, de cima, um marinheiro. Eles levantaram-se a custo e lá partiram a ver um pouco da cidade, andando aos tombos, dominando como podiam o enjoo de terra. O navio só partiria ao entardecer e tinham-lhes dado licença até às três horas.

Sobretudo, estavam contentes por poderem sair. Admiravam os coqueiros, em cima da praia, ao longo de toda a marginal, os carros que passavam devagar pela larga avenida. Tinham ordens para não largar o uniforme camuflado que haviam começado a usar na viagem. Mas muitos foram os que se despiram logo e se descalçaram, correndo em direção ao mar

para experimentar as águas mornas. «Venham, rapazes, que a água está melhor que em Portugal!», gritavam. Não diziam «Metrópole», ainda. Era a um outro país que se referiam. Pelo menos, por mais algum tempo.

O meu tio também tirou a parte de cima, os braços marcados do sol do convés e o resto branco, pálido, quase desagradável de ver, descalçou as botas e foi molhar os pés. Tudo ali era tão novo para ele que nem sabia o que dizer. Como nomear aquele céu, aquele mar, aquela cidade desenhada em curva a partir da baía? E o cheiro, feito de qualquer coisa húmida misturada com cascas secas de plantas que desconhecia? Que cores eram estas e a que saberiam os cocos amarelados ou verdes que via pendurados, a grande altura?

Pequenos barcos de pesca estavam a regressar à praia, guiados por rapazes negros que deveriam ter a idade dele mas que não conseguia identificar dessa forma. Um preto, naquela altura, não era como um branco em nada. Nem na cor, nem na idade, muito menos naquilo que seriam os seu eventuais desejos e sonhos. Reconhecia-lhes a existência física – estavam ali, pronto – mas era tudo. E todos os outros rapazes, à sua volta, que entravam na água brincando com a voz mais grossa que conseguiam desencantar, pensavam da mesma forma.

Passearam, ainda, pela cidade, admirando os prédios altos, maiores que os de Lisboa, e os brancos, bem vestidos, a entrarem e a saírem dos edifícios do Estado. E viram, pela primeira vez, um número que lhes pareceu absolutamente esmagador de pessoas negras e mestiças.

«Até parece que estamos em África, pá», atirou um deles, trocista. E todos riram.

Tinham passado os últimos meses a serem treinados para matar *turras*. E, embora não mostrassem imagens deles, as palavras dos comandantes de treino tinham desenhado, aos poucos, a cara do inimigo: homem negro, sem expressão, carregando uma arma dirigida ao peito de cada um deles.

Agora, ali, nas ruas de Luanda, viam circular o que lhes parecia um número alarmante desses possíveis inimigos. Mas as suas roupas não eram de combate, e havia mulheres bonitas, vestindo roupas leves de padrões que eles nunca tinham visto. Alguns dos soldados soltavam coisas maliciosas sem, contudo, se atreverem a dirigi-las a quem passava. Outros faziam sinais de quem disparava contra as costas de algum homem negro que passasse mais apressado. Mas a maioria evitava olhar. Ainda não era a guerra. E, se era aquilo que os esperava, agora que conseguiam definir a forma dos corpos, com certeza que não seria tão mau como temiam.

«Afinal, isto não vai custar tanto quanto a gente pensava», disse Lourenço, que vinha de Alfama e que até há pouco chorara, às escondidas, os caracóis escuros e longos, cortados na recruta e que sabia não poder voltar a deixar crescer tão cedo. «Dois anos vão passar a correr.»

Quim e outros à sua volta disseram-lhe que sim, porque naquele instante, sentados num muro de pedra a comer *quitutes* de carne e empadas de frango, comprados por quase nada, estavam contentes. Perto dali outros soldados, em

grupo, tentavam o peixe, assado em pequenos fogareiros, e muitos pediam, deslumbrados, que lhes abrissem um coco para ver se sabiam ao que tinham imaginado com os filmes da televisão. Era como se fizessem turismo por uma terra agradável e amiga. Sendo África o destino – Moçambique – não deveria ser muito diferente daquilo. Começaram a contar com comida barata com fartura e pretos sorridentes a guardar, humildemente, as moedas de escudo. A reconhecerem que a pátria podia ter palmeiras sem deixar de fazer parte da nação. Toda a preocupação que os tinha roído de stresse, até ali, parecia-lhes agora exagerada.

Embarcaram de barriga cheia e responderam, a uma só voz, aos seus oficiais na formatura rápida. Dois soldados chegaram a correr, suados e com o uniforme mal abotoado, e foram logo mandados para castigo. Mas não pareceram particularmente aborrecidos com o facto. Olharam para os camaradas e fizeram sinais discretos com o polegar para cima, enquanto desapareciam no porão.

Lourenço apertou os olhos bonitos e exclamou, divertido:

«Filhos da mãe! Até conseguiram ir às pretas, no entretanto!»

Por esses dias, o meu pai voltara a aparecer. Ia e vinha, por muitos meses, entrando em casa quando lhe apetecia, amparado nas falinhas mansas. A Mãe, apesar de todas as coisas, não conseguia deixar de o sentir como dono daquele espaço e daquela família. Os votos que tinham trocado no Registo Civil, nove anos antes, continuavam vivos para ela. Como uma ferida aberta no corpo que não conseguia negar como sua. Por orgulho, recebia-o, a princípio, com dureza e recriminações. Subia a voz irada, a que me deixava a tremer, mas que nele não tinha efeito. Reclamava das dificuldades que tinha passado desde que ele se fora embora, as coisas que as pessoas tinham dito por a verem sem marido. Tentava ainda o insulto, alguma coisa que o emmasculasse, mas acabava sempre a quebrar em choro, como um naufrago que a custo tivesse chegado àquela praia. Ele, nesses momentos, mantinha-se calmamente em silêncio, deixando-a falar, dizer tudo o que lhe tinha ficado entalado. Só quando a via desvanecer, avançava com palavras de desculpa e reconforto, no seu tom afável de malandro. Tocava-lhe, primeiro, no braço, dali ia à mão, se ela o repelisse voltava, insistente, e finalmente chegava-lhe à face, enquanto os olhos chorosos dela se enleavam nos seus, claros e bonitos. Não havia ninguém com tão bom aspeto como ele, por perto, e sabia-o.

«Já sabes como é que eu sou. Um estroina», avançava com voz sedutora, «mas que acaba sempre por voltar. Para ti e para o nosso menino.»

Ela apontava na minha direção, novamente desesperada.

«O gaiato está a crescer, quase sem saber quem é o pai. Já nem pergunta por ti. Para quê?»

Era o tempo de eu ser chamado ao baile. Ele aproveitava a deixa, puxava-me pelo braço, e, baixando-se, dava-me um beijo na cara.

«Ele sabe bem quem é o pai. Não sabes, filho? Nunca te esqueces, pois não?»

Forçado, eu dizia, em silêncio, que não, e ele levantava a cara para a Mãe.

«Vês? Nem deu por estes dias que estive fora, tão bem tu soubeste dar conta do recado.»

Na verdade, raramente a imagem dele me vinha à cabeça. Habituara-me a ver a minha mãe entrar sozinha no seu quarto, todas as noites. E, se por acaso me lembrava dele, era sempre como na fotografia, já antiga, que tínhamos sobre a camilha da cozinha. O meu pai tinha, nela, vinte e poucos anos. Usava uma camisola de gola alta e apontava um sorriso forçado para a câmara. Ostentava um tímido bigode que agora se tinha transformado em algo mais amplo, descido quase até aos lados do queixo.

Numa dessas noites, acordei com sede e ia chamar pela minha mãe, como de costume, mas chegaram-me os sons que vinham das suas bocas e o ruído ritmado de algo que batia contra a cama. Não conhecia os detalhes da ação, mas sabia que fazia parte do mistério que deveria manter à distância. Virei-me contra a parede, forçando-me a dormir. O que nesse tempo não demorava quase nada.

Ele aguentou quase dois meses connosco, nesse Verão. Arranjou um trabalho precário numa obra qualquer, cinco dias por semana e as manhãs de sábado, sem nunca faltar. A Mãe estava contente e, conseqüentemente, menos agressiva comigo. Os fados que costumava cantar, enquanto limpava a casa, geralmente trágicos, tornaram-se mais alegres. «São os caracóis, são caracolitos / São os espanhóis, são os espanholitos». Da rua, um dos meus tios ou um dos vizinhos que passasse, às vezes, metia-se com ela, dizendo: «Aí, fadista!», e ela ria. Estava feliz. Não queria muito, na verdade. Só que o homem que continuava a amar, esquecesse para sempre a sua qualidade de vadio do mundo.

Ao fim de um mês, contudo, ele começou a demorar-se mais fora de casa, à noite. Não havia nada de incomum neste comportamento masculino, ali no Bairro. A maioria parava na taberna, para uma cerveja e uns comentários de bola ou de hóquei em patins, antes de entrarem em casa. Os mais jovens e sofisticados, sobretudo quando o tempo aquecia, tinham-se habituado a ir depois do jantar, enquanto as mulheres ficavam a lavar a louça. Os mais atinados voltavam para casa ao fim de uma hora. Os outros, aqueles a quem o álcool amantizara, ficavam até já não terem dinheiro ou o taberneiro, que agora se começava a chamar «dono de um café», os pusesse na rua. O meu pai era dos que saía depois de comer. Mas, não se contentava com a taberna próxima. A pé ou de boleia, ia até ao centro da cidade, onde afirmava ter amigos que nenhum de nós chegou a avistar. Ia sempre bem lavado e de roupa limpa e passada a ferro. E, claro, por ser tão distante do Bairro, acabava sempre por voltar tarde. Quando eu já dormia e a minha mãe aguardava, zangada. E de manhã, levantava-se exausto, pelas poucas horas de sono.

As discussões voltaram a irromper entre eles. As queixas de falta de dinheiro, que ele gastava nas suas saídas noturnas e a solidão em que ela

afirmava estar de novo a cair. «Se foi para isto que voltaste, mais valia continuar sozinha.» Ele amansava-a, mas, aos poucos, também deixou de se esforçar para o fazer.

Continuaram, assim, por algum tempo, até ao dia em que ele apareceu em casa montado numa mota que, segundo ele, iria pagar aos poucos. Nessa noite, a minha mãe perdeu o resto da compostura. Chamou-lhe coisas que ele merecia e outras apenas filhas da ira e que não vinham ao caso. Noutra casa qualquer, das que tínhamos em redor, estas palavras ter-se-iam convertido numa sova do marido ou nuns chapadões na mulher, pelo menos. Mas, justiça lhe seja feita, nunca o vi levantar a mão. Ela, sim, fez muitas vezes o gesto de lhe atirar com coisas, contendo-se no último instante. Nessa noite, da mota, os dois gritaram mais do que o costume. Mas, ao contrário do que costumava acontecer, não fizeram as pazes na cama. Ela foi-se deitar, fechando a porta do quarto e ele ficou na cozinha, a fumar. O cheiro dos seus cigarros Ritz atravessou a porta da sala-quarto onde eu dormia, fazendo-me aclarar a garganta várias vezes para conseguir respirar.

E, algures durante a noite, voltou a partir.

Imaginei-o, muitas vezes, sentado nessa mota que tinha dois faróis brilhantes de lado, a acelerar em direção a Lisboa. O cabelo a esvoaçar, sedutor, e a cabeça totalmente esquecida de que deixava para trás a mulher e um filho.

Uns dias depois, quando aceitou que ele não ia voltar tão cedo, a minha mãe apercebeu-se de que estava novamente grávida. Mas, desta vez, limitou-se a engolir as lágrimas e a bater à porta da cunhada para lhe pedir algum dinheiro emprestado, em segredo. E, numa manhã gelada, foi com esta até a um consultório escuso, onde lhe raspavam o amor que insistia em sentir pelo meu pai.

A aproximação à costa de Moçambique teve o condão de acalmar as tensões que se tinham criado entre os soldados. As brigas pelos jogos de batota, as perdas do pouco dinheiro que levavam consigo, os insultos que se seguiram e até as escaramuças físicas que tinham irrompido entre muitos, à medida que o tédio e a sensação de aprisionamento cresceram, haviam desaparecido. A passagem tormentosa pelo Cabo da Boa Esperança que tinha levado, de novo, ao enjoo, muitos deles, era agora substituída pela entrada pacífica no Índico. O azul profundo, quase violeta, às vezes, daquelas águas tranquilizaram os forçados viajantes.

Durante uma parte do trajeto foram acompanhados por peixes-voadores.

«O que é aquilo, o que é aquilo?»

Os soldados atropelavam-se contra a amurada, para ver aquelas criaturas que se levantavam da água e se erguiam alto como se pudessem escapar à sua condição aquática.

Depois, avistaram golfinhos e, quando já estavam duzentas milhas a leste da Cidade do Cabo, baleias. Só já perto da chegada a Moçambique apareceram os primeiros pássaros. Albatrozes, gaivotas e pardelas que pousavam por um momento no metal, antes de levantarem, novamente, voo. Muitas vezes, para se entreterem, os soldados deitavam-lhes pedaços de pão ou bolachas que levavam nos bolsos.

Aos poucos, a terra foi crescendo na direção da embarcação e o alívio pelo fim da viagem, misturado com o nervosismo do que se iria seguir, tomou conta dos homens jovens.

Ainda antes de o navio atracar, foi-lhes ordenado que arrumassem as suas coisas e vestissem o uniforme oficial, verde-azeitona, rematado pelo quépi castanho com a fita verde e vermelha. Portugal vinha reclamar o que nunca deixaria de ser seu, tinham-lhes ensinado nos treinos endoutrinados.

Alinhados sobre o convés, já prontos e perfilados, viram aos poucos aparecer o largo cais, diante da cidade moderna.

Não tinham ordem de falar, naquele instante, mas quase todos pensaram que se Luanda lhes tinha parecido bonita, Lourenço Marques era algo como nunca tinham visto. Os prédios modernos já se avistavam do mar, bem como carros igualmente novos e em grande número, a passarem na estrada marginal, como se tivessem saído de uma revista. Nada que houvesse na soma de aldeias e vilas de onde provinham se comparava com aquilo.

Se iriam lutar na selva, esta não começaria ali.

Ao primeiro olhar, tiveram outra certeza: Lisboa, ao lado da capital moçambicana, não passava de uma aldeia provinciana.

O barco atracou sem problemas e o resto dos soldados que havia entrado em Lisboa desembarcou rapidamente, de forma ordenada. Quim, entre eles, alinhando em formatura, junto a um dos lados do cais.

Muito pequenino e anafado, a suar dentro do uniforme, o comandante Antunes, que tinha vindo com eles no navio e a quem nunca tinham escutado a voz, subiu a um pequeno palanque para anunciar com ar de frete: «Esta parte da viagem acabou, mas, ainda vamos para longe, rapazes.» Tirou um lenço do bolso e limpou a testa alagada pela temperatura e humidade. «Falta embarcar numa viagem de comboio, conforme o destino das vossas unidades. E depois mais uma, de camião, para as missões respetivas. Contamos convosco para lutar e honrar a nossa bandeira.» Depois, apontou o braço para a frente, fazendo a saudação fascista e gritou: «Viva Portugal!»

E todos responderam «Viva», repetindo o gesto.

«Viva a grande pátria portuguesa!», insistiu, já sem grande convicção.

«Viva!»

Fez continência e todos o seguiram, as mãos hirtas a bater pala.

Desceu do palanque que já parecia um pouco gasto, limpou o suor e juntou-se aos oficiais inferiores que o conduziram ao jipe que o aguardava.

Dissera «vamos», mas não acompanharia as tropas que seguiam para norte. Era a sua terceira viagem àquele inferno tropical, tão diferente da frescura da sua Beira Alta que mesmo no Verão se deixava temperar pela frescura das ribeiras e pelas sombras das incontáveis oliveiras. Felizmente, tinha amigos na cidade que o acolheriam, evitando-lhe o incómodo de pernoitar em quartéis. Debaixo do calor dos trópicos, e enquanto os soldados marchavam a passo, debaixo do ruído dos tambores e clarinetes, só pensava na piscina que o esperava, nas coca-colas geladas e nas cervejas que o arrefeceriam, finalmente. Com sorte, voltaria também a encontrar as coxas de Elina, uma das empregadas dos seus hóspedes, com quem costumava deitar-se quando ali vinha. Eles deixavam e ela tinha de deixar. Ao telefone, o empresário que o acolheria de novo baixara a voz untuosa para lhe confidenciar que Elina «tinha ficado muito contente» quando soubera da sua vinda. «Não sei o que você lhe fez, Antunes, mas que vai ter ali com que se entreter, isso vai. Já sabe que aqui as pretas são danadinhas para o enrolaço.»

Depois, aclarara a voz para perguntar: «E a família, na metrópole: a mulher, o filho, ou é filha? Está toda bem e de saúde? Pois, isso é que é preciso.»

Pela avenida da República acima, a longa coluna de soldados marchava, soltando, de vez em quando, brados militares. O sol estava já alto e alguns deles sentiam-se tontos, embora continuassem a marchar.

Pessoas espalhadas ao longo da rua, batiam-lhes palmas e algumas soltavam brados de «Viva a nação». Mas, muitas outras, limitavam-se a olhá-los das esplanadas dos cafés, sem se levantarem. Observavam as centenas de homens jovens fardados como se estes tivessem vindo de um planeta que não era o seu. E, mais, como se estes estivessem a dirigir-se para um lugar que também não lhes dizia respeito. O seu mundo era apenas aquele onde estavam. Muitos, não tinham conhecido outro. Ou, se vindos da metrópole, em criança, tinham agora África como o lugar onde queriam viver até ao fim.

Os soldados, enquanto desfilavam, iam olhando, de soslaio, para eles e para os prédios e anúncios de néon, desligados, da mesma forma. Atravessavam, sem saber o que sentiam, aquele mundo artificialmente perfeito, onde, noutras circunstâncias, talvez gostassem de estar. Choravam ainda pelas suas terras subdesenvolvidas, onde nunca seriam ninguém, mas cujo cheiro e cujas cores viam como parte do que eles próprios eram e, por isso, morriam de saudades.

Chegaram à praça Mouzinho de Albuquerque e alinharam-se diante do grande palanque, de onde seriam proferidos os últimos discursos e a cerimónia do render das tropas. A estátua do homem que capturara Gungunhana, reduzindo por algum tempo a resistência aos europeus, projetava pouca sombra, àquela hora.

Quim, tal como os outros, chegara ali caminhando com o passo acertado das botas contra o chão perfeito do asfalto. Embora se mantivesse frágil, o tempo de recruta e treinos dera-lhe a musculatura e a resistência necessárias para aguentar o peso do equipamento e da arma por longas distâncias. Mas, ao contrário de outros, reparava em tudo, ao longo do percurso. Nas roupas claras e nas camisas curtas dos homens, alguns deles, ousando calções em plena cidade, coisa impensável no mundo de onde viera. Prestou atenção às saias e aos vestidos das mulheres, as brancas vestindo de forma europeia com uns escandalosos dois dedos de altura acima dos joelhos. «É do calor», pensou, compassivo. «Não aguentariam roupa muito comprida, aqui.» A maioria das mulheres que identificava como africanas, porém, vestia-se com capulanas ou tinha nela alguma peça usando esses mesmos padrões. Olhava, tentando não tropeçar, para ambos os lados da avenida.

Uma memória formou-se na sua cabeça. Veio do Alentejo. E era Verão.

«Quim, estás a olhar para onde?» O tom duro da mãe a chamá-lo à atenção. E ele, com uns dez ou onze anos, os pés descalços enfiados no pó, especado a ver descer de um carro dois rapazes da sua idade. Vinham vestidos de fato e gravata a visitar o tio padre. Acompanhavam a mãe, elegantemente enfiada numa saia e casaco, uma pregadeira de ouro na lapela e brincos de

pérola nas orelhas.

«Anda para aqui, Quim, não canses os senhores», repetiu ela, agora em tom servil, mas os olhos que pousavam nele, em fogo. Os mesmos olhos-chama que passaria à filha, como arma de defesa.

O padre acenou às visitas e apressou-se a fechar o saco de pano onde tinha metido um pão, meio quilo de farinha de segunda e restos de linguiça cozida do jantar. Estendeu-o à mulher fazendo sinal com a mão para que se fossem embora. Mas Quim não estava com pressa. Admirava a elegância dos rapazes e da visitante sorrindo abertamente para eles. A mulher ainda lhes acenou com a cabeça, antes de entrar na sala do irmão padre e queixar-se do frio que nesse ano fazia.

«Os rapazes já vão no segundo par de botas. Não dou à conta a mandá-las fazer.»

Estes passaram por Quim como se ele não existisse. Os seus olhos atravessaram-no sem se deterem. Era invisível, no seu manto de pobreza.

Agora, ali, a milhares de quilómetros de casa, também o seu olhar julgou encontrar o de uma rapariga branca, jovem, o cabelo arranjado e os lábios pintados. Não conseguiu deixar de lhe sorrir ao ver que agitava a mão na sua direção. Dizia-lhe adeus, por certo. Teve vontade de levantar a sua e responder. No seu coração queria crer que era a ele que acenava. Mas, no instante seguinte, de dentro de uma pastelaria saiu um homem jovem que passou o braço por cima da rapariga e a levou dali. Iam comer um gelado. Ela disse-lhe qualquer coisa que parecia ser sobre o desfile e tocou sem tocar, uma última vez, em Quim, que virara a cabeça para ela, antes de se entregar ao namorado.

Agora, na enorme praça, enquanto aguentava o calor e a espera por mais discursos, pensava nela. Na sua boca bonita, de batom ligeiro. Na sua imaginação já só sonharia com ela, com vir a tocar-lhe no rosto e perguntar se não queria beber dos seus lábios do Sul, em forma de fonte.

Não havia brincadeira mais obsessiva para nós do que a dos índios e *cowboys*. A televisão pública alimentava-se de *westerns* baratos que comprava por tuta-e-meia nos mercados internacionais, com o desconto adicional de ser país pobre que nunca iria a lado nenhum. Para nós, que não conhecíamos mais nada, estava muito bem assim. Homens a puxar de revólveres Colt 45 ou a levar ao ombro a sua espingarda Winchester e a apontar ao peito de um índio que depois de atingido caía lentamente de um penhasco ou, de forma abrupta, de um cavalo, era entusiasmante.

«Pum! Pum! Morre, Billy...», gritava àquele que fizesse de *cowboy*. E o outro levaria a mão ao peito antes de se precipitar no chão. No que tocava aos nomes, não fazíamos grande distinção entre colonizadores e nativos. Eram todos «Billy». Um dia, alguém tentou dizer «Sam», mas isto gerou uma violenta discussão sobre a forma como se pronunciaria em alentejano e que acabou com vários dos «linguistas» a reboarem pelo chão, aos murros. Por isso, daí para a frente, quedámo-nos pelo nome tradicional de todos os forada-lei.

Preferíamos os terrenos baldios para estas representações do Faroeste, porque estavam mais afastados e não havia mãos por perto a chatear-se e a chamar para casa. Mas, também, porque poderíamos exercer a nossa crueldade moderada sobre bandidos ou índios capturados, sem medo de represálias. Se aquele que fazia de xerife e os seus ajudantes sentiam, durante a perseguição, a necessidade de agir de acordo com uma conduta mais ou menos rígida, os maus faziam o contrário. Rastejavam, escondiam-se e atacavam por detrás ou como podiam, de forma a delapidar as forças da ordem. Infelizmente, acabavam sempre capturados, amarrados e levados para o pedaço de chão acordado previamente como cadeia. Onde, claro, seria torturado de alguma forma e, onde, eventualmente, perderia as calças até

pedir, a chorar, que lhas devolvessem para ir para casa. Outras vezes, usava-se a tortura das cócegas violentas.

«Cócegas, não!», gritava eu, sempre. «Bate-me antes com a vara.» Preferia a dor do ramo a atingir-me no corpo do que ser torturado pelos dedos de um ou vários. Não conseguia explicar porquê, mas, enleado nas cordas que me prendiam os braços e as mãos, começava por rir se me faziam cócegas, para, rapidamente, passar dessa sensação às de impotência e pânico. O meu corpo que, nesses dias, já era um poço de medos, lia aquela invasão aparentemente inocente como uma tentativa de entrar em lugares de mim que tinha como intoleráveis ao outro. Retorcia-me, gritava, chamava nomes e, por fim, vinham-me lágrimas de aflição tão sinceras aos olhos que até os mais brancos respeitavam.

«Eu disse, cócegas não...», gritava-lhes enquanto me libertavam. Depois ia-me embora para casa, a limpar os olhos e o nariz à camisola, zangado por esse dia.

O xerife e os índios ou assaltantes de banco ficavam ainda por lá, excitados. Indo, muitas vezes, numa direção ainda mais interdita. Depois da tortura vinha sempre a euforia dos torturadores. Sabia disso porque, na obrigatória rotatividade de papéis, estava muitas vezes do outro lado. Tenho ainda os olhos cheios de meninos magros a caminharem cambaleantes e em lágrimas para casa, enquanto nós, os bons desse dia, ficávamos a soltar gritos de celebração iguais aos que tínhamos aprendido nos filmes norte-americanos.

Uma tarde, a aventura levou-nos até ao Forno da Cal. Era uma pequena colina, furada em cima e com uma abertura em baixo que, em tempos, tinha servido para preparar a cal com que se caiavam as paredes das casas. Ninguém sabia quando tinha deixado de ser usado, vi-o sempre desativado. O tempo tinha recoberto a cúpula de terra e pasto, naturalizando a antiga estrutura de pedras. Nós ocupávamo-lo, para recriar coisas que tínhamos visto: cavernas, aquartelamentos, vulcões, ou para nos entretermos a descer em *rappel*, por assim dizer, algum miúdo mais pequeno, preso pela cintura, através da abertura superior.

Nesse dia, depois de uma grande escaramuça, tiros vocais de revólver e algumas setas disparadas a partir de arcos imaginários, fui capturado quando estava na parte de cima do forno. O Zé Bucha e o Carlinhos sentaram-se em cima de mim, para me imobilizarem e amarrarem o melhor que conseguissem. Ainda debaixo da adrenalina, fui dando alguns pontapés, gritando, enquanto fingia espumar de raiva:

«Não me rendo, não me rendo.»

Eles olharam filosoficamente um para o outro. Estudavam a maneira de me quebrar o espírito índio. Finalmente, o Zé Bucha disse, de forma acintosa:

«Olha, Billy, acho que temos de convencer este pele-vermelha... assim.»

Fez um gesto com os dedos, antes de me cravar as manábulas cheias no corpo franzino.

«Não, cócegas, não!», repeti, como de costume.

Mas eles ignoraram-me, lançando-se na pior das torturas.

Eu gritei, debati-me, espumei – agora de verdade –, passei da alegria à súplica e desta à raiva do desespero. Sem me aperceber dei um pontapé tal no mais novo que o atirei a rebolar pela colina abaixo. E, antes que o outro pudesse reagir, pus-me de pé, os braços amarrados, e lancei-me numa fuga cega.

Não vi o buraco do topo. Não deu tempo. Senti a vertigem da queda por um segundo, soltei um grito e, depois, o vazio.

Acordei lá em baixo, deitado num maciço de ervas que, felizmente, nesse Verão, tinha crescido em abundância. O impacto dos mais de dois metros de altura tinha sido parcialmente absorvido.

«Ai...»

Os meus dois companheiros cortavam os cordéis que me prendiam, com um canivete, da forma mais rápida que conseguiam. Pálidos de aflição.

«Vê se consegues mexer os dedos, Piruças...»

«Porquê?», perguntou o Carlinhos, puxando os cordéis com demasiada força e voltando a fazer-me gemer.

«Devagar, porra! Ainda fazes pior ao gaiato! Não vês que se não mexer os dedos é porque pode ter partido um braço, como eu, o ano passado?»

Tentei mexer-me, mas, ao princípio, quase não o conseguia fazer. Doía-me tudo.

«Mexe os dedos!»

Foquei-me na mão dorida e, lentamente, movi primeiro um, depois outro, e, finalmente, a mão.

Repeti o procedimento no outro lado.

O Zé Bucha ajudou-me a sentar, parecendo aliviado.

«Não tens nada partido. É só a dor.»

Não lhe ocorreu que poderia ter fraturado as vértebras, ou uma perna, no meu embate. O mundo das lesões que conhecia terminava nos membros superiores.

Os dois ampararam-me um bocado até que, finalmente, me puxaram para cima para ver se me aguentava de pé.

Eu ainda estava a chorar apesar de me sentir já melhor. A flexibilidade dos oito anos ainda está muito próxima da dos contorcionistas de circo, por isso, nem com uma pancada daquelas e amarrado como um chouriço me parti. Na verdade, esta incapacidade de quebrar ossos, acompanhar-me-ia ao longo da vida, tornando-me na única pessoa entre os que me cercaram que não sofreu qualquer fratura. Ser menos desvairado da cabeça do que muitos, também terá ajudado.

O sol já estava a descer e era hora de se ir para casa. Começavam a ouvir-se as vozes das mães a chamar os filhos dispersos. Faziam-no da porta das suas casas como se estivessem no alpendre de uma cabana de madeira com uma pradaria na frente.

«Ó Francisco Manuel... Vem para casa!»

«Ó António Joaquim... Vem que o teu pai está a chegar...»

«Vem lanchaaaaar... Rui Fernando!»

Os meus dois companheiros de infortúnio levaram-me até perto do poço, na entrada do pátio, deram-me a beber e lavaram-me a cara com a mesma água do caldeirão.

Recompus-me a tempo de ir para casa, ainda cambaleante. A minha mãe não deu por nada.

«Vai-te lavar, já!», disse, maquinalmente, sem ver que eu tinha ainda o cabelo molhado. «Hoje, vais jantar com a tua tia, que fez jardineira de frango e tu gostas. Eu como qualquer coisa, por aqui.»

Nessa noite, as dores do corpo foram tantas que tive de morder a almofada para não chorar alto. Adormeci já muito tarde e tive sonhos agitados com pessoas amarradas e rostos malignos à sua volta.

Pareceu-me ouvir a minha mãe falar com a família sobre uma cilada em que o meu tio teria caído. Iria jurar, até hoje, que a ouvi contar, em surdina, como ele estava amarrado, numa jaula de madeira baixa, as mãos presas ao teto. Rodeado de *turras* que o torturavam com paus.

Por isso, repeti esta história a vários vizinhos que, aflitos, vieram perguntar à minha mãe e à minha avó se era verdadeira esta triste notícia.

«É lá agora! É ele que inventa estas coisas!» E para mim: «Se voltas a dizer mentiras vais ver quantas levas.»

Mas eu teria jurado que escutei. Com todos os detalhes que talvez tenham vindo do meu sonho: a água lamacenta em volta da jaula, o sol a pique, a terra alaranjada a assomar de quando em vez das margens do rio.

Um novo toque de clarim, rufos de tambor e duas novas companhias entraram no recinto. Quim reconheceu o símbolo dos Caçadores, em que ele próprio estava integrado, nos estandartes que carregavam. Eram camaradas seus.

Vinham de uniforme limpo e caminhavam de forma ordenada, mais lenta do que as tropas que acabavam de desembarcar. Perfilaram-se, em sentido, ao mesmo tempo que vários oficiais e o governador subiam para os discursos.

Quim olhou para eles e perguntou-se porque teriam chamado para a guerra homens tão velhos. Estava habituado, no quartel e por onde tinha passado, tirando os oficiais, a encontrar rapazes que não tinham muito mais do que vinte anos. Alguns, até mais novos, com dezoito ou dezanove. A face de criança, ainda. Mas aqueles soldados que estavam diante dele e que seriam rendidos nesse dia, depois dos dois anos de missão, eram já homens velhos. Muito magros, o rosto quase da cor dos mestiços com que se tinham cruzado ali e em Luanda. Os cabelos mais compridos do que os deles, estavam cortados de qualquer maneira e muitos eram os que já os mostravam grisalhos.

«Velhos», pensou, de novo.

Mas aquilo que mais o impressionou foi a forma como eles olhavam em frente, sem parecer terem consciência de nada. A praça, os soldados, a assistência e o palanque estavam lá, mas eles não o registavam. Nada lhes chamava a atenção. E quando um dos novos soldados caiu, vítima do sol intenso, nem um deles virou a cabeça na sua direção.

Do palanque, com voz monótona, um dos oficiais ia dizendo nomes ao microfone e chefes de pelotão avançavam até lá, para receberem um diploma de bravura e terem a mão apertada pelo governador.

Depois, a banda militar voltou a tocar e as companhias começaram a mover-se. Primeiro, as que iam regressar à metrópole no mesmo barco por onde eles tinham vindo. Ao passarem na sua frente, Quim percebeu que a ideia de estar perante homens velhos derivava também da pele totalmente gretada e das rugas que muitos ostentavam na testa. Um deles, pareceu-lhe desfilar em câmara lenta, a mão a fazer o sinal de continência enquanto marchava, mas lágrimas escorriam-lhe pela cara abaixo sem que parecesse dar por elas. Isso tocou fundo em Quim, o chorão por coisas de nada. O que teria partido aquele homem, assim, para que descesse ao reduto guardado do seu sofrimento? E, pela primeira vez nessa viagem, teve o pressentimento de que nada voltaria a ser como dantes para nenhum deles.

O aquartelamento era bem melhor do que as camaratas de porão do *Niassa*. Quim ficou com o seu batalhão, num pavilhão de madeira acabado de ser erguido pelo último grupo de soldados, antes de partirem para os combates no Norte.

«Isto, por comparação com a porcaria do barco, é um luxo», disse para os outros, soltando aquele fluxo rápido de riso que fazia toda a gente rir com ele.

«Ó Cachopas, para ti que vens lá dos porcos do Alentejo e devias dormir no chão, até uma pedra deve ser um luxo», soltou o Laranjeira, que vivia na Foz do Porto e a quem a criada levava todos os dias o café com leite e duas torradas com manteiga à cama, mas que pouco aprendera na escola.

«Olha, pelo menos não digo *voi* nem *baca*, como tu», defendeu-se o outro.

Os mais próximos, nas camas de campanha, eram o Lourenço e o Vendas Novas, que se chamava Caxinas, mas que ficou sempre conhecido pela terra de origem, ironicamente, a sul. Soltaram os dois, em uníssonos, o mesmo som de «agora, fodeste-te, pá», mas a coisa não avançou muito porque o Laranjeira estava bem-disposto por finalmente estar em terra.

«Sabes lá tu o que é comer um bife de *voi*. E *baca*, o que é que tem de errado dizer *baca*? Fica mas é calado.» Disse isto e deitou-se na cama, sem se chatear.

Mas, às vezes, os outros metiam-se com ele, só para o ouvir.

«Ó, Laranjeira... tu, com esse nome, não serás, secretamente, de Lisboa?»

«Foda-se, caralho! Mais valia que me dessem um tiro nos cornos e me desgraçassem uma irmã! Tenho lá culpa que a minha avó fosse casar com um mouro de Setúbal ou lá onde era, antes de regressar à Foz? A puta da velha,

com tanta gente boa, desde Caminha à ponte Dom Luís, foi-se logo enrolar com um mouro.»

*

No primeiro dia, não tiveram ordem de sair do quartel, entretendo-se com treinos e, no caso dos furriéis, em receber instruções da especialidade. Eram particularmente severos com os de Comunicações, porque da sobrevivência no mato à certeza de que a cadeia de comando obedecia de cima para baixo, muito dependeria deles.

Mas, no segundo dia, depois do almoço, tiveram ordem de visitar a cidade. Desceram em direção à Baixa, guiando-se pelos edifícios mais altos e pela cúpula da Catedral que se via de vários lados.

Em grupos, seguiram na direção da avenida que já conheciam e, dali, mais separados, para outras, todas traçadas a régua e esquadro.

«Não há comparação com Lisboa, caraças.»

«Nem com Lisboa nem com o resto do país», acrescentou outro.

Isto tocou o orgulho do Laranjeira, a suar por todos os poros e de novo com os cantos da boca a desdenhar para baixo.

«É bonita, não digo que não, e os prédios são altos... Mas olha que o Porto também não se fica atrás em casas, carago.»

«Ó Laranjeira, foda-se, tem juízo. Onde é que tu tens uma igreja do tamanho desta?»

Estavam especados há vários minutos diante da Catedral. Tinham a mão em pala, para olhar as torres apontadas ao céu. As linhas depuradas, elegantes, o volume enorme de todo o edifício, esmagava-os para lá de qualquer coisa que já tivessem visto.

«Tem algum encanto, é verdade. Mas não, não queiras comparar com os Clérigos.»

«Ó Laranjeira, pela alma da Santa.»

Nesse momento, o Valadão, um rapaz calado, de lentes grossas e que vinha da Povoação, em São Miguel, disse, sentencioso:

«Foi construída em 1936. Pelo engenheiro Marcial Freitas e Costa.»

Os outros entreolharam-se.

«Ó Valadão, não se percebe nada do que tu dizes, pá. Fala como as pessoas.»

Ele irritou-se.

«Estava dizendo... que esta igreja foi feita por um engenheiro que tinha de seu nome Marcial Freitas...»

Lourenço parou de tentar acender o cigarro com um isqueiro que não queria funcionar e abanou a cabeça.

«Vocês, não sei. Eu, cá, só percebi “material”.»

«Eu disse “Marcial”, filhos da puta de continentais. Só porque nasceram todos em Lisboa, gostam de fazer pouco dos outros.»

«Olha, eu nasci em Montrigo, ali, até ver, é Alentejo, pá», respondeu

Quim, que ainda estava de olhos franzidos a mirar a cruz no topo do edifício.

«Ah, agora já perceberam o que eu disse, não é? Se fossem mas era todos levar no cu é que seria lindo!»

Houve uma gargalhada geral, e vários passaram-lhe o braço pelos ombros.

«Deixa lá isso, açoriano, não te chateies. Vamos mas é ver se podemos entrar.»

Não puderam. Havia um homem à porta, vestido com um fato bege de algodão que levava a imagem de Nossa Senhora de Fátima espetada na lapela, e que os olhou de alto a baixo, dizendo que, nessa tarde, haveria uma visita de Estado. E que não era para soldados rasos, por certo. Mesmo assim, quando o homem se afastou para ajeitar um mostrador com estampas de santos, eles espremeram-se pela porta, tentando ver o mais que puderam. Confirmaram que mesmo sendo um bocado despida para o gosto deles («Olha, a Igreja de São Francisco, com o altar todo dourado e que até tem uma capela para os ossos...») era grande, sim senhor.

Aos vinte anos gosta-se mais de cafés e a cidade estava cheia deles e de restaurantes. Viam anúncios a coisas de que nunca ou pouco tinham ouvido falar, sendo Coca-Cola a mais referenciada.

«Dizem que é uma maravilha. Um gole daquilo e a pessoa fica sem sede para o resto do dia...»

Decidiram-se a experimentar a bebida maravilhosa. Mas, não foi fácil. Se tentavam sentar-se em mesas vazias, vinha logo alguém pedir-lhes para sair avisando que já estariam reservadas. O que talvez fosse verdade, porque várias vezes as viram ser ocupadas por mulheres e homens bem vestidos, que se sentavam nelas, sem pedir licença. Por fim, num café mais recuado, lá lhes arranjaram sítio e trouxeram-lhes coca-colas geladas.

«Isto é que é Coca-Cola? Parece um xarope para a tosse.»

«Eu gosto», disse Lourenço, «ao menos é docinha.»

«Já vimos que tu gostas de tudo o que seja amaricado», troçou o Mendes, que se tinha juntado ao grupo. Lourenço olhou para ele intensamente, mas não disse nada e voltou a beber um gole. Mas o Mendes já fazia sinal ao empregado: «Ó Patrão, não tem, aí, antes, uma cerveja?»

Percorreram, depois, sem rumo, as ruas até se aproximar a hora de recolher. Achavam tudo moderno e exótico. Não viram acender os néons, nem puderam entrar no cinema, por falta de tempo, mas avistaram o Gil Vicente, o Infante e mais um ou dois e isso bastou-lhes para intuir que se estava ali a construir um mundo novo. Sem o peso antigo dos palácios e igrejas da metrópole. Com uma modernidade que se tornava exótica pelo calor e pelo cheiro das bancas de fruta que avistavam nas esquinas.

Ali era o que Portugal queria ser e não podia.

E, isso, parecendo-lhes um grande avanço civilizacional, trouxe-lhes a intuição de que seriam usados, até onde fosse preciso, para que aquelas avenidas riscadas a direito não fossem parar a outras mãos. Estavam presos

numa caixa com buracos de lado por onde teriam de enfiar os canos das armas, sem nada ver. E só saíam delas, quando tivessem ordens para isso, ou fossem retirados para os enfiarem noutra, feita de pinho e fechada a chumbo por causa do cheiro da decomposição.

«Isto tudo é lindo, sim, mas deixa-me triste», confidenciou Quim no regresso ao quartel. Os outros, por uma vez, não responderam com uma graçola. Sabiam o que ele queria dizer.

No dia da partida, as companhias viram-se de novo em espera amontoadas, na estação ferroviária, durante muitas horas. O comboio que deveria seguir com as tropas até à Beira estava atrasado. Chegaram murmúrios sobre uma emboscada que teria matado o maquinista, outros, de um descarrilamento provocado com explosivos. Mas, ao certo, pelo menos de capitão para baixo, nunca se chegou a saber a razão.

«Ânimo, rapazes. Não tarda aí o transporte para a missão», diziam de vez em quando os graduados, ao passarem por eles.

O calor era muito, a água dos cantis teve de ser reabastecida várias vezes.

«E andou uma mãe a criar um filho para isto...», disse um rapaz muito alto que estava sentado a fumar em cima da enorme mochila de combate. «Se soubesse, tinha ido para padre. Ia continuar a ser apalpado, isso era certo, mas não vinha dar com os cornos no meio deste inferno.»

Disse isto, com a boca ainda bonita e desdenhosa, mas olhando à volta para não ser escutado para lá dos companheiros. Saber das orelhas atentas era para todos eles uma segunda natureza.

À hora certa, como ainda não havia notícias do comboio, tiveram ordem para comer a ração de combate, enquanto viam passar mulheres do outro lado da linha, com bilhas de água ou trouxas à cabeça e filhos pela mão. Alguns desses meninos acenavam-lhes, sorridentes, com os olhos muito abertos, desviando as moscas que lhes pousavam na boca e nos olhos.

As moscas, ali, eram diferentes. Parecia que não tinham patas ou que calçavam pantufas. Horrorizado, Quim, dera por elas pousadas na cara, sem que as sentisse. Sacudia-se frequentemente, no medo que alguma mais sorrateira lhe pousasse na boca e os ovos o comessem por dentro, mais tarde.

«Putas das moscas, pá!», gritava, desesperado, ao princípio. «De onde eu

venho, temos muitas, mas zumbem e a gente mata-as com o que tem à mão. Estas, são matreiras. Putas, pá!» Depois, ao longo das semanas, foi-se acalmando, desviava-as com menos pressa e, com o tempo, limitava-se a soprar se percebia que uma lhe caminhava pelos lábios. Eram parte deste novo mundo em que se movia, como num pesadelo de Verão.

Os mosquitos, o verdadeiro inimigo que iria enfrentar, esperava-o muito longe dali. Não tinha pressa, o bicho. Os corpos jovens e desprotegidos viriam devagar ao seu encontro.

Finalmente, ao entardecer, o comboio lá chegou e puderam embarcar, carregando materiais e armamento da forma mais rápida que conseguiram. Apressavam-se ao som das ordens dadas em voz grave. Tinham a guerra à espera.

O comboio arrancou lentamente puxando, a carvão, as suas muitas carruagens. A noite estava a cair e o perfil bem moderno da estação ficava para trás. Quim deitou a cabeça fora da janela para sentir o vento, como costumava fazer quando ia visitar uns parentes a Estremoz. Os cheiros, ali, eram outros. Sobrepunha-se o do carvão que saía da fornalha da locomotiva e se misturava com o do suor dos homens estendidos por onde podiam. Ao fim de umas horas, as suas caras, outrora claras, estariam cobertas de fuligem.

Os edifícios grandiosos da cidade distanciavam-se. Ainda avistou as primeiras luzes da roda gigante do Luna Parque e alguns anúncios luminosos que dali já só pareciam pequenas manchas de cor.

Depois, entraram num mundo de árvores e mato e a escuridão profunda cobriu tudo.

No meio do barulho das rodas metálicas sobre os carris, alguns contavam das coisas que tinham visto. Igrejas em forma de chapéu a que não tinham achado graça, edifícios governamentais que metiam os das suas cidades num chinelo, estátuas de navegadores, jardins e uma infinidade de cafés luxuosos cheios de gente bem vestida. Alguns tinham ficado confusos por terem visto muitas crianças de escola, brancas e pretas, de mão dada. Como se fossem amigas. Punham as mãos por cima dos ombros ou iam com elas dadas, a conversar, como se não houvesse guerra entre uns e outros. Mesmo se mais ao fundo da carruagem também seguiam soldados negros e mestiços com o mesmo destino deles. Quase ninguém falava com eles, por serem negros e desta terra estrangeira. Nascidos nas cidades, mas treinados da mesma forma que os seus camaradas vindos de tão longe para defender um território que tinham por nacional. «Portugal uno e indivisível do Minho a Timor», cantava o discurso.

Nas dez horas que durou a viagem, falaram, dormiram de qualquer maneira ou perscrutaram a noite pensando, com saudade, naqueles que tinham chorado por os ver partir e como haviam engolido em seco para não se deixar ir na mesma emoção.

Finalmente, a madrugada surgiu e os primeiros raios de luz trouxeram a visão esplendorosa da savana onde assentavam os trilhos da linha férrea.

Avistaram a primeira girafa, ao longe, a desaparecer entre uma fila de acácias, e um círculo de aves de rapina a voar em torno de uma carcaça. O calor começou a fazer-se sentir pelas janelas.

Lourenço olhou o relógio no pulso longo e quadrado e suspirou:

«Ainda não são sete horas e já não se pode estar...»

Por fim, apareceram as primeiras casas da Beira e, depois, a estação de onde transitariam para camiões militares ou outros, civis, alugados, que os levariam aos seus aquartelamentos.

Em setembro, como era moda médica nesse tempo, o doutor Bravo da Mata declarou a minha absoluta necessidade de ser operado às amígdalas. Vários dos meus amigos tinham voltado do hospital, meses antes, e, apontando para o fundo da garganta, diziam: «Não estás a ver nada porque me tiraram as *amigas*.» Sobre a dificuldade do processo não se abriam, mas estava mais ou menos determinado que acabaríamos todos com estes órgãos extraídos preventivamente. Modas não se discutem e lá acabei, tal como muitos outros, totalmente separado da minha família, pela primeira vez na vida, durante uma semana.

Na entrada do hospital, fui entregue aos cuidados de uma freira sem idade que me levou para uma enfermaria conventual, com diversas camas. Outros rapazes dormitavam nelas. Entre eles, numa alegria breve, avistei o Ica, um dos gémeos que moravam perto.

«Vens tirar as *amigas*, também?»

«Não, parti um braço, em três sítios», respondeu-me, tristemente.

A queda da bicicleta sobre um terreno rochoso tinha provocado a necessidade de intervenção cirúrgica. Estava pálido, dentro do pijama de riscas do hospital. Acenou-me, uma vez mais, com a mão em bom estado, e mergulhou nos lençóis antes que a freira se chateasse. Eu ainda não o sabia, mas estas vigilantes de hábito impunham, naquele lugar escuro, de janelas altas, o silêncio a todas as crianças. Ajudava a curar, diziam elas. Mesmo às crianças, habituadas ao riso.

A que me acompanhava disse-me que me despisse completamente, deixando-me apenas uma pequena toalha para tapar a tímida genitália. Demorou a voltar com um pijama e, eu, nu e sozinho, senti ainda mais a falta de casa.

«A mãe vem amanhã ver-te», tinha-me prometido. «E trago-te uma

coisa.» Trazer uma coisa era voltar com uma pequena prenda ou doce para me alegrar. Mas, quantas horas faltariam para ser amanhã?

Nessa noite, dormi mal, com os gemidos de dor do Ica quando se voltava na cama e com o cheiro a fezes que vinha da arrastadeira de um outro miúdo que nunca vi acordado durante esse tempo. O tamanho da ala conventual também me esmagava, habituado a ter o teto a pouco mais de um metro da cabeça. A manhã apanhou-me, finalmente, pesadamente adormecido, com as freiras a rezar ao pé das nossas camas, antes de me levarem para a sala de operações.

E, nesse lugar frio, a tresandar a éter, com um projetor triplo virado para cima dos olhos, vivi o primeiro momento místico da minha vida.

Amarrado com gaze aos braços da cadeira, por me estar a debater, sufocado pelo cheiro do clorofórmio deitado na máscara empurrada contra a cara, vi Nossa Senhora. De olhos abertos, e enquanto pinças e bisturis de aço me entravam pela boca, no meu desespero enevoado vi a imagem que estava pousada em frente a crescer, iluminar-se e vir na minha direção. Nessa altura, para alívio da freira e do médico, deixei de me debater.

«Dorme, menino», ouvi-a dizer. «Não vai durar muito o sofrimento.»

A mãe, a Grande Mãe, que me era ensinada na catequese, estava ali a proteger-me. Pude, finalmente, fechar os olhos e deixar-me ir, embalado, para só acordar mais tarde, já na minha cama de enfermaria, a garganta feita num oito.

Devido a esse avistamento celestial e nos anos que se seguiram, nunca deixei de lhe dedicar uma ave-maria, nas minhas orações noturnas. E, mais tarde, quando a adolescência se transformou num pesadelo que me fechava em casa, era também a ela que pedia que o dia seguinte fosse melhor. Mesmo num tempo em que começava a ganhar consciência de que os deuses tinham mais que fazer do que acudir a um rapaz em sofrimento. Ainda assim, consagrei-lhe um espaço de oração todas as noites. Como quando se chama por uma mãe que não virá, mas que, mesmo assim, insistimos em lhe dizer o nome, por ser a única mãe que temos.

Foi no hospital, na visita das três da tarde (como passava depressa...), que a minha tia se lembrou de trazer o aerograma que estava a escrever para o meu tio e de me perguntar se lhe queria acrescentar alguma coisa. «Começas com “querido tio”», instruiu-me.»

«Querido tio, fui operado à garganta, mas estou melhor e já posso comer gelados, que me fazem muito bem. Espero que esteja de saúde e que o macaquinho também. Como é que é o nome dele? É igual ao da Pipi da televisão? Quando voltar, pode trazê-lo, que eu ajudo a tratar dele. E, se arranjar um leãozinho, um que fique sempre pequenino, traga-o também. Muitos beijinhos.»

A minha mãe, que também ali estava, olhou o texto.

«Não se percebe nada dessa letra. O professor é que tem razão. E tu achas que o teu tio vinha carregado com um leão?»

Riu, daquela forma sarcástica e cruel que tirava o amor da gente em pequenas colheradas.

«Tás mas é maluco.»

A tia Lurdes passou-me a mão nos cabelos, que não eram lavados desde que ali entrara.

«Deixa estar o menino. E se fizer o tio rir com o macaco e o leão, já vai ser bom.»

A sineta da freira tocou, no corredor, a anunciar o fim da visita.

Agarrei o braço da minha mãe. Mas ela já estava a verificar se tinha deixado tudo o que era para deixar e guardado tudo o que era para guardar.

«Agora, descansa que é para te pores bom e ires para casa», levantou-se. «Também não sei que mania é esta de guardarem as crianças, aqui, oito dias. Se é para lhes darem porcarias a comer, mais valia deixarem-nas ir para casa.»

As duas desapareceram e a luz que vinha das janelas em cima e que não deixavam ver mais do que o topo das árvores, sumiu-se mais um pouco. Segurei um carrinho de plástico que a Tia me tinha trazido, entre os dedos, para me consolar.

Um rapazinho que tinha sido operado ao apêndice (outra grande moda entre os médicos, nesse ano), ainda se veio sentar na minha cama por um bocado, para me mostrar o carrinho miniatura, de metal e corda, que a mãe lhe tinha trazido. Depois, uma das freiras entrou com o lanche feito de leite barato e pão com marmelada e dispersámos, cada um de nós de regresso ao silêncio imposto.

Quando o sol desceu, as folhas das árvores projetaram-se na parede. O movimento do vento intensificou-se e, a certa altura, julguei ver silhuetas de pássaros a debaterem-se.

Adormeci com a sensação de que alguma coisa tinha acontecido. E, a dor que já tinha na garganta e que me causava ansiedade, pareceu acentuar-se ainda mais. No meio dos meus sonhos, um som de asas de pássaro a esvoaçar sem sair do mesmo lugar atormentou-me até de manhã.

Nessa noite, o aquartelamento em Fingoé estava calmo. O misto de terra queimada e mato denso, em volta do quartel, reduzira-se a vultos negros, mesmo se a lua se mostrava quase inteira. Deitado na cama de campanha. Nunca se tinha visto luas como as que se avistavam ali. Grandes, gordas, esmagadoras, a saírem da terra como se esta as tivesse parido de um ventre liso. Apareciam, lentas, quando o sol se punha e tudo ficava de tons vermelhos e os perfis dos coqueiros iam enegrecendo, aos poucos.

Quim dava voltas e mais voltas a tentar dormir. O desejo atormentava-o. Também ele culpou a lua, que tinha visto nascer, enorme, por cima da elevação que ficava a norte. Chegara redonda, feminina, a prometer mistérios. Como o da fenda no corpo de Celina onde Quim se tinha vindo, pela primeira vez na vida. Ela abria muito as pernas e sorria-lhe, enquanto ele movia, instintivamente, as ancas. Os calções apenas baixos até aos tornozelos. Não durou muito, em cima dela, mas ficou-lhe para sempre a sensação do seu sémen a deixar o corpo e a entrar nela. Beijou-lhe os mamilos túmidos, uma vez mais, e ali teria ficado se ela não o afastasse, delicadamente.

«Já chega, mingué», disse-lhe. «Agora que já estás satisfeito, é a minha vez.»

Levantou-se, atando a capulana em volta do corpo nu. E Quim esperou ainda que ela se sentasse nele ou fizesse mais alguma coisa que lhe trouxesse ao rosto o êxtase que ainda o tomava. Mas Celina limitou-se a ir até uma espécie de pequena mesa que tinha no canto da cubata, pegando na sopa que ele lhe tinha trazido, e começou a comer, sôfrega. Era o preço que os soldados pagavam por entrar dentro dela. Aceitava outras coisas, se estas dessem para trocar por comida ou algum produto de necessidade. Dinheiro, aceitava raramente, que não era puta. Resistira a esta prática, comum entre as raparigas da sua idade, até há pouco. Mas os ataques dos guerrilheiros tinham-se

intensificado nos últimos meses e era difícil fazer chegar víveres até à aldeia. Por isso, Celina, que na verdade se chamava Salima, mas os soldados nunca conseguiam fixar-lhe o nome, começara a abrir as pernas por restos de comida. Se tinha pouca fome, bastava-lhe uma vez, se esta apertava deitava-se, à vez, com dois ou três sobre a esteira. Quim tinha sido suave e desajeitado com ela. Não sabia onde enfiar o sexo, mas ela conduziu-o, generosa, e viu com satisfação que ele se vinha depressa. Apesar de já ser homem, era novato, percebia-se. Mais do que os rapazes da sua aldeia que se deitavam com mulheres mal entravam na puberdade. Por isso, elas engravidavam muito entregando o novo filho à comunidade, para que crescesse ajudado por todos. E, se sobrevivesse, seria ele um dia a encher o ventre de outras mulheres.

«Volto, amanhã ou depois», prometeu-lhe Quim, as pernas ainda a tremer. Ela voltou a sorrir, os olhos baixos.

«Tá bem, mingués. Já sabes onde estou. Se quiseres mais não te esqueças de trazer comida.»

Mas ele não conseguiu voltar, tão cedo. A companhia partiu para o mato no dia seguinte em busca de guerrilheiros que se sabiam por perto. E por lá andaram, quase a passar fome, sem encontrar ninguém, durante uma semana. Quando voltou, Celina tinha desaparecido e ninguém lhe soube dar notícias do seu doce ventre.

Por isso, naquela noite, de lua cheia, lidava com o seu tesão persistente, rodeado apenas pelo cheiro de quase duas dezenas de outros machos, tão doridos e sedentos de tudo como ele. O vulto grande do Faria rodou na cama, mostrando uma ereção a sair-lhe das cuecas de pano. Quim teve vontade de rir e a sua excitação quase lhe passou. O seu olhar moveu-se para a fila seguinte de camas até se deter na figura de Lourenço, soerguido sobre um cotovelo. Também ele observava o Faria. A camarata nunca ficava completamente escura, porque as cortinas verdes que tapavam as janelas se moviam sempre um pouco, deixando passar a luz de um candeeiro de campanha que colocavam perto. O vento quente empurrou um pouco mais os panos iluminando o rosto do soldado insone. Tinha a boca, a bonita boca, entreaberta e passava a língua nos lábios ressequidos. Os olhos, esses, dançavam no volume entumecido do outro. Quim sabia o que isso queria dizer. Mas, o Lourenço era o Lourenço. Virou-se para a parede e tentou adormecer. Onde iria ele, Quim, desencantar outra preta que quisesse deitar-se com ele?

Nem cinco minutos tinham passado e um estrondo monumental fez toda a gente saltar ou cair para o chão. Luzes acenderam-se do lado de fora e o barulho de gritos e de uma sirene rebentaram por todo o aquartelamento.

«Alarme, alarme!»

As vozes de aviso desmultiplicavam-se. Os rapazes – porque eram rapazes, como esquecer, sequer por um momento, os seus vinte anos que ainda ontem eram de infância? – enfiaram alguma roupa num ápice, meteram os pés nas botas que não tiveram tempo de atar devidamente e correram para

fora.

Havia fogo sobre uma das barracas onde se guardavam os víveres.

Quim, com o coração aos saltos no peito, pensou:

«Foi um morteiro. Estão a atacar.»

Ouviram-se gritos de alerta e outros para se deitarem no chão. Todos pegaram na sua espingarda juntando-se ao seu oficial mais próximo. O silvo de *rockets* e morteiros cortou a noite; um rasto de luz mortífero saiu do mato e cruzou os céus, por cima deles.

«Lá vem ela, a Morte», pensaram vários.

Os designados para as metralhadoras, situadas nos cantos e a meio do quase retângulo de quartel, correram para elas.

«Fogo!»

E toda a gente começou a disparar, mais ou menos às cegas, para os locais de onde se supunha virem os ataques. Os longos treinos nos campos de tiro da metrópole, onde lhes davam cabo da cabeça com os ângulos de ataque, sumiam-se, ali, como se o mais importante fosse apenas cobrir a noite de tiros. Os furriéis agrupavam já as patrulhas que saíam em busca dos atacantes, mal houvesse condições.

«Há baixas, há baixas?», perguntavam, ansiosos, uns aos outros. E a resposta, se a havia, era que não, que até ao momento se tinham safado todos. Mas, em breve, uma nova chuva de projéteis voltou a cair e outros alvos foram atingidos. Ripostaram com mais fogo, chamando todos os nomes da Terra ao inimigo invisível.

Depois, o silêncio.

Durante um momento, ninguém gritou mais nada, os ouvidos a zumbir, das explosões.

Quim levou os dedos aos tímpanos e sacudiu-os, como se o zunir contínuo fosse água. Ao seu lado, outros camaradas, deitados no chão, arfavam de ansiedade e tensão, agarrados às G3.

«Cachopas», disseram-lhe, a meia voz, «vai com o Casinhas até ali mais ao fundo e vejam se há perigo.» Apontou para um dos depósitos da água, já perto da vedação.

«Sim, meu alferes», respondeu, pronto, mas sem se ouvir, porque o pânico lhe tinha secado a garganta.

Fez sinal ao outro, paralisado, junto de si.

«Anda, porra!», disse tossindo, para aclarar a voz. Deu-lhe um toque com a coronha da arma. O rapaz olhou para ele. A sua magreza antiga estava agora agravada pela pouca nutrição da comida que lhes davam. Olhou para Quim com os seus olhos claros, quase cinzentos, e o rosto lívido. «Anda, Casinhas, não ouviste o alferes?» Este, que ainda estava por perto, apertando a arma a si, escutou a frase, e reforçou com os dedos, para que se despachassem.

Os dois rapazes rastejaram pelo chão seco, apoiando-se nos braços despidos, que ficaram logo em sangue sem que reparassem sequer.

Colocou-se cada um do seu lado do depósito. Perscrutavam o escuro, apertando os olhos na tentativa de divisar um vulto ou, sem saberem porquê, o ponto incandescente de um cigarro. Algo que denunciasse quem os atacava e que pudessem localizar e eliminar.

Mas, nada. Nem rasto.

Do outro lado da cerca, apenas a noite. Um desmesurado fruto carregado de sementes mortais.

A audição de Quim melhorara um pouco, por isso, conseguia aperceber-se de que os soldados da sua companhia se tinham, entretanto, espalhado por todo o lado, tentando organizar-se na defesa.

Não se escutavam mais disparos, do lado de lá, e, os deste lado, também se foram calando aos poucos.

A voz do único major – que estava ali por acaso, vindo de Cahora Bassa e a caminho da Beira (raios partissem o destino, filho da puta, que o metera no meio de um ataque, num quartel que nem era o seu, com a patente maior. Merda de sorte, vê-se logo quem nasce só para levar com as chatices dos outros!) – fez-se ouvir, ainda com sinais de nervosismo:

«Devem ter batido em retirada, homens. Furriéis, organizem os vossos homens para responder. Quantos mais matarem menos sobram para...»

Para os virem matar a eles, subentendeu-se.

Um ou outro soltou uma exclamação de entusiasmo e, ainda com o corpo baixo ou de joelhos, reuniram-se em torno dos unimogues de combate.

Quim olhou para o vulto do companheiro que continuava deitado no chão.

«Vamos de volta. Parece que já fugiram todos.»

Mas Casinhas limitou-se a olhar para ele, com a mesma expressão de pânico congelado.

«Anda, Casinhas, não ouviste, pá? Já acabou.»

Não havia quase lua, mas conseguia distinguir-lhe os olhos, como se estes tivessem luz própria.

«Acho que me caguei, caralho...»

Noutra altura, isto teria feito Quim rir. Mas, ali, depois do que tinham passado, sentiu apenas compaixão. Falou-lhe como se ele fosse uma criança.

«Vamos na mesma. Já te lavas e ninguém dá por isso.»

Levantou-se e estendeu-lhe a mão para o ajudar a levantar-se.

Casinhas colocou a sua mão ossuda na dele e apoiou-se num joelho.

«Nunca na vida me caguei nas calças, Cachopas. Nem quando era catraio.»

E, aí, sem querer, Quim voltou a sorrir. O Quim dos campos secos do Alentejo. O Quim que tinha escutado todas as histórias, cantado várias canções que falavam de rapazes marotos que só faziam tropelias.

«Deixa lá isso. Desde que não venhas dormir para o pé de mim, está tudo bem.»

O outro sorriu, também, e, apoiando-se na arma travada, pôs-se em pé.

Ficou logo com mais vinte ou trinta centímetros do que o alentejano.

«Fica descansado que...»

Mas não teve tempo de acabar a frase.

Uma nova rajada de metralhadora saiu de uma mata de arbustos e o seu corpo fez uma dança macabra, antes de cair para trás, sem vida. Quim, atirou-se ao chão por instinto e tapou a cabeça com as mãos. Só depois voltou a pegar na sua arma e a descarregar tudo o que tinha contra o inimigo invisível. Ouviu dois gritos, no meio do barulho. Tinha atingido alguém, talvez mais do que um. Ajoelhou-se junto do camarada caído e ergueu-lhe a cabeça, pousando-a na sua perna. A mão de Quim tocou-lhe no peito e sentiu a viscosidade do sangue a chegar em golfadas. O primeiro instinto foi tentar estancar com a mão. Mas Casinhas tornara-se numa fonte de si próprio e a quem ninguém poderia valer. E, assim, partiu.

Na longa viagem de comboio até à Beira, dali para Tete e no infundável percurso de camioneta até Fingoé, sempre que a alegria esmorecia alguém começava a falar do que poderia acontecer num combate. Então, as armas que traziam consigo ganhavam um novo significado e eles tocavam-lhes ou começavam a poli-las. Gastavam assim o medo, até que um deles dissesse um disparate qualquer e comesçassem de novo a rir. Ninguém se atrevia a dizer que poderiam morrer. Era uma realidade demasiado intensa para aceitarem.

Na capital do império também se partilhava do mesmo silêncio. Uma ou outra vez lá se referiam na rádio os heróis que «tinham dado a vida pela Pátria, a sua verdadeira mãe». Mas nunca havia corpos para confirmar. Frequentemente, caixões chumbados atravessavam os oceanos, e iam a enterrar nas cidades e aldeias. Mas, lá dentro, já não iam o José, o Francisco, o António, de que as mães se tinham despedido. Os restos a serem devorados num banquete de bactérias não seriam vistos por ninguém.

Não havia morte para lá da do coração dos pais, onde permaneceria para sempre, e na foto a sépia de um rapaz em flor vestido com uniforme de Praça, sobre uma lápide de mármore.

Quim lembrou-se muitas vezes desta primeira morte. De ter visto um corpo conhecido a dançar, crivado de balas. Ficou-lhe, sobretudo, a memória de não ter sentido uma dor imediata. Era mais estupefação. Aquilo estava a acontecer e não estava. Casinhas, transformado em gato de Schrödinger.

Esse Inverno passou, e a Páscoa, com as suas férias, aproximou-se, primeiro, lentamente, e depois, upa, já lá estávamos. Como todos os meus colegas do Bairro, eu ficava em casa, sozinho. As mães partiam à serventia das patroas a dias e os pais, se os havia, sumiam-se no amochar da construção civil ou das oficinas de mecânica.

A televisão, como *Bartleby*, durante a maior parte do dia, preferia não emitir, por isso, cada um de nós matava o tempo como podia. Visitas dos amigos eram proibidas dentro de casa e desaconselhadas se fossem a mais de cem metros.

«Aí pelo meio-dia, aqueces a sopa e comes», dizia-me a Mãe. «Tens um resto de frango no frigorífico e – duvido – se quiseres, há alface também. Já sabes: um pouco de azeite, outro de vinagre e...»

«Não quero comer salada.»

«Já sabia. Se fosse batatas fritas bem podia deixar-te um balde.»

Depois, lá se ia, estrada fora, com os sapatos baratos a darem-lhe cabo dos pés, a caminho de uma *Senhora* que trabalhava nos Correios. «Tenho agora uma *Senhora* que é muito boa...» ou «Andava numa *Senhora* que me dava coisas, foi pena ter acabado», eram expressões muito usadas. O «S» maiúsculo designava sempre alguém que levitava acima da situação social das empregadas. Associavam esse título a uma entidade eventualmente benéfica, que não tendo um manto estrelado ou sido levada em ombros de anjo para o Céu, ainda assim, repartia com os mais pobres as coisas que já não lhe serviam. Vinham delas as roupas velhas, o que sobrasse do almoço ou do jantar que já não quereriam repetir ou, ocasionalmente, umas meias de homem que talvez servissem a um filho adolescente que tivesse começado a trabalhar como aprendiz numa gráfica ou a carregar baldes de massa nos frágeis ombros. E, na Páscoa, enviavam amêndoas de açúcar colorido para as crianças

mais novas. Se estivessem para aí viradas, e o feitio permitisse, talvez até um pouco mais de dinheiro. «Estes vinte escudos são para as amêndoas.» Se fossem «boas Senhoras», claro. Porque havia ainda as cabras, as forretas e as torcidas do focinho que não se envergonhavam de não responder às boas tardes de despedida porque tinham a boca cheia com bolos cobertos de doce de ovos e suspiro, tirados de uma caixa aberta, onde aguardavam mais outros cinco.

Toda a caridade era mais do que bem-vinda à miséria, que a minha mãe e as outras não chamavam por esse nome, por vergonha. «Nasce-se pobre e de pobre não se passa», diziam, entre si, encolhendo os ombros. Mas, à Senhora delas, resplandecente de estar em casa sem trabalhar, aprendiam a agradecer com: «Que Deus lhe devolva em dobro, minha senhora. A si e aos seus.»

Essa pobreza, que me deveria ser natural, porque predestinada, a certa altura começou a pesar-me. Sobretudo, a partir do dia em que a Mãe me levou a casa de uma das famílias para quem trabalhava.

«Dá um beijinho à Senhora», disse, e eu dei.

«E outro ao Senhor», e eu estendi os lábios de menino para o rosto bem barbeado e a cheirar a água-de-colónia. O odor envolveu-me como uma carícia desconhecida. O meu pai, apesar de vaidoso, nunca cheirara, assim, a lavanda Ach Brito. Recendia, sim, a restos de sabonete Lux, quase sempre, com um misto de algum suor, por se mover depressa. Este patrão da minha mãe cheirava ao que eu queria ter como um pai. A um sucesso social que não estava ao meu alcance, de momento. Nunca reparei nas roupas da Mãe, nem nos vestidos que ela usava, apesar de serem sempre os mesmos. Estava habituado a vê-la assim. Eram roupas de mãe. Nem pobres nem ricas, aos meus olhos, adequadas para a imagem que tinha dela. Mas, o contacto com a pele perfeitamente escanhoad e perfumada daquele homem, lançou-me num inesperado drama social. Deixei instantaneamente de me conformar com o lugar que me deveria caber na hierarquia da pobreza.

Outros rapazes, com tão pouco dinheiro como eu, volta-e-meia apareciam com um chocolate comprado na mercearia do Bairro ou com um brinde ganhado numa rifa a que chamávamos «furo». Pequenos luxos que não custavam muito. Mas, eu, nunca tinha qualquer moeda para fazer o mesmo. A Avó era conhecida pela sua proverbial forretice, adquirida nos tempos da fome. E os filhos que, de facto, possuíam muito pouco, também nunca se alargavam no soltar de uma moeda para isto ou para aquilo. A Mãe, claro, não era exceção, entre eles. O pouco que conseguia amearhar era guardado numa caixa de madeira, no interior do guarda-fatos do quarto. Punha a chave escondida, numa prateleira mais abaixo, mas eu conhecia o lugar. Não é fácil esconder coisas de um filho quando se mora em cinquenta metros quadrados, divididos por três divisões.

A certa altura, senti que precisava de partilhar desse dinheiro.

Por isso, uma tarde em que fiquei sozinho, fui, com as mãos a tremer, buscar a chave minúscula e coloquei-a na fechadura do cofre de madeira. Já o

tinha visto aberto, sabia o que estava lá dentro. Era ali que a Mãe guardava, entre outras coisas, as pequenas caixas de ourives, em plástico, com o fio de ouro minúsculo e a minha pulseirinha do batismo, bem como um anel que me tinham dado em bebé. Era, também ali, que ela fechava algumas notas maiores (que deveriam servir, um dia, para dar de entrada na compra de algum eletrodoméstico). Tinha ainda um pequeno monte de moedas de dez escudos. Eram essas moedas brilhantes o que mais me atraía. Dez escudos era muito dinheiro para quem não tinha nada. Quase peças de ouro com que se poderia comprar uma caixa de gelado de meio litro ou um número quase infundável de bombons de um tostão. Olhei para elas como quem observasse um tesouro. Toquei-lhes, quis guardar uma no bolso, mas voltei a devolvê-la, antes de fechar a caixa à chave e de a devolver ao seu esconderijo. Não seria ainda dessa vez que efetuaria o roubo.

Nessa noite, quando ela voltou, exausta do trabalho, mencionei que no lugar-de-hortaliça, que era como chamávamos à microscópica mercearia do Bairro, havia agora umas tabletes de chocolate – as de morango, especialmente – que pareciam deliciosas. Acrescentei «quem me dera comer uma».

Ela nem levantou os olhos da revista antiga que tinha trazido de casa da patroa.

«Quem me dera também, a mim, ser rica. Quando tu ganhares muito dinheiro logo compras o que quiseses.»

Esta resposta não era particularmente original. Era a que quase todos os rapazes e raparigas da minha idade escutavam se pediam alguma coisa cara. Mas eu falava apenas de um chocolate. Um doce barato que ela conseguiria pagar sem esforço. Se o quisesse.

Ressentido, não lhe disse mais nada. Liguei a televisão, que aqueceu lentamente até surgir com um programa em que um homem velho falava sem que eu percebesse de quê. Mas fiquei a matutar nesta recusa permanente e incompreensível até me deixar dormir na cadeira ao som monocórdico das palavras «Se bem me lembro...».

A ideia de retirar algum dinheiro para mim, das poupanças dela, não desapareceu. Pelo contrário, foi-se tornando mais consistente. Todas as tardes, eu ia até ao quarto da Mãe, abria a caixa de madeira e ficava a mexer nas moedas. A observar as duas faces brilhantes, as coisas inscritas. Tinha quase a certeza de que se retirasse uma ela daria imediatamente por isso. Mas, e se não desse? Nesse caso, eu poderia ser feliz ao gastá-la. Essa possibilidade obcecava-me.

Uma manhã, em que estava sozinho, o Tonho Zé veio até ao espaço em frente da minha casa para me mostrar um livro de quadradinhos, brasileiro. Um Pato Donald, creio. Fininho, o preço vinha em reais, ao lado do logo da editora Abril. Eu achei lindo, esse nome, porque era o do mês em que estávamos. Passou-me o livro para as mãos, e eu toquei com entusiasmo as suas folhas. Comecei a ler a primeira página, mas ele arrancou-mo dos dedos.

«Eh lá! Não é para começar a ler! A não ser que tenhas algum para a troca.»

Eu conhecia esta prática de empréstimos e permutas entre as crianças que tinham a sorte de possuir banda desenhada barata. A mim, infelizmente, faltava-me ter um exemplar para iniciar o processo. Tentei negociar.

«Dou-te dois berlindes, só para ler... Depois podes ficar com ele, outra vez.»

Dois berlindes valiam vinte e cinco tostões. Não seria uma má proposta, não fosse já ter passado a época para o desporto que nos fazia andar de cócoras no chão de terra batida a tentar enfiar as minúsculas bolas numa ou várias covas.

«Ná, isso não me interessa», folheou o livro. «Este é mesmo bom. Cada história...» Deu uma gargalhada. Depois meteu o livro dentro das calças, apertado contra as cuecas. «Se arranjares algum, para trocares, diz-me.» E foi-se embora.

Esta cena deixou-me numa frustração amarga. Toda a gente tinha qualquer coisa, menos eu: chocolates, livros de bonecada, um pai...

Nessa tarde, mal acabei de comer os restos do jantar que me tinham deixado, entrei no quarto da Mãe, abri a caixa dos valores e peguei numa moeda sem pensar. Voltei a guardar a caixa, com as mãos a tremer. E fui até ao lugar-de-hortaliça.

«Dê-me uma tablete de chocolate... dessas... a de morango... e dez bombons de um tostão.»

A dona que me conhecia, desde o nascimento, hesitou.

«Dez?»

«Sim.»

«E tens dinheiro para tudo?»

Eu pousei a moeda brilhante em cima do balcão. Ela pegou-lhe e retorceu-a na mão. Temi, por um instante, que me fosse perguntar onde a tinha arranjado. Mas limitou-se a dar-me o troco que guardei no bolso.

Saí de lá, escondendo tudo como podia. Ao passar perto do quintal da minha avó, ela chamou-me. Mas eu não estava disposto a ser apanhado com a minha carga roubada.

«Já lá vou, avó. Tenho de ir à casa de banho, agora.»

Corri para casa, tranquei a porta da rua e sentei-me a comer tudo. Primeiro o chocolate inteiro, quase de uma vez, depois um bombom, a seguir outro, assim, de seguida até ao fim. Uma fome insaciável de açúcar apossara-se de mim, por isso não deixei nada. Fui esconder o troco e os papéis dos embrulhos e deitei-me no sofá de napa. Estava enjoado mas exaltante por ter conseguido aquela proeza. Já não me sentia impotente na minha miséria. O pior que poderia acontecer seria ela descobrir que faltava uma das moedas. Talvez achasse que se teria enganado a contá-las.

No resto da semana, ela não deu por nada. Mais: como era fim de mês, voltou a abrir a caixa e a depositar mais uma ou duas notas e outras moedas de

maior valor do que aquelas que transportava na carteira.

Não tardei a voltar a roubá-la.

Desta vez, usei o dinheiro todo que tinha para comprar um gelado de meio litro. Mais uma vez, a vendedora hesitou, mas deve ter pensado que me tinham mandado fazer este recado e limitou-se a contar o dinheiro.

Desta vez, foi pior o enjoo. Comi com sofreguidão a cobertura de compota de morango, depois a metade de nata envolvida numa parte rosa e inebriante. O pequeno estômago declarou-se cheio quando faltava um terço, mas eu não me podia dar ao luxo de deixar vestígios. Além da sensação de que poderia não voltar a haver outra oportunidade de ter um gelado enorme só para mim. Por isso me forcei. E voltei a forçar, até não restar nada. Ao fim de uma hora, tudo o que tinha comido veio ao de cima e dei por mim com a cabeça enfiada na sanita, que cheirava permanentemente mal, a vomitar.

O maior medo, aquele de que se podia falar, era o dos bichos. Pavor à África dos leões que devoravam homens, das cobras que se podiam pisar no meio do capim. Durante a travessia de jangada sobre o Zambeze, a maioria agarrara-se aos carros, por medo de se afogarem com as pesadas botas, mas, sobretudo, pelo avistamento dos crocodilos nas margens.

«Não metam a mão na água, se não querem ficar sem ela», disseram-lhes. «Está cheia de *alfaiates*.»

Quando o batalhão de Quim fez a travessia já começara o entardecer. Silhuetas de cabeças compridas avistavam-se sobre a superfície laranja e prateada das águas.

Quase todos tremeram, adivinhando o resto do corpo. As mandíbulas que os destroçariam se caíssem ao rio. Só respiraram de alívio quando conseguiram saltar para a margem enlameada do outro lado.

«Livra, é cada um. Mãezinha do Céu!»

Com o tempo, habituaram-se mais à presença da variegada bicheza.

«Na minha terra, também temos cobras. Só eu, já vi umas poucas, aí com quase uns dois metros.»

«Mas eram capazes de te engolir, como faz uma jiboia? É que estas engolem-te», alguém disse.

Todos estremeceram.

«Comem um boi, se for preciso.»

Quim nunca chegou a ver nenhum desses monstros, mas, no aquartelamento, corriam histórias de homens achados dentro de animais com quase três metros.

«Enrolam-se primeiro à tua volta, partem-te os ossos todos, e depois engolem-te inteiro. Estão sempre a achar pretos dentro delas. Quando alguém as consegue matar, com uma rajada, está claro.»

Os rapazes voltavam a tremer e olhavam instintivamente para a noite preta de animais. Os sons da savana traziam até eles o riso das hienas e rugidos, não muito longe. Às vezes, escutavam gritos de animais a serem trucidados por outros. Quando avistavam os voos circulares dos abutres-de-cabeça-branca já sabiam que de algum outro animal só restariam despojos.

«Animal ou pessoa...»

E, a partir desse momento, Quim começou a pensar que talvez os abutres estivessem a devorar os restos de alguém. Nos seus sonhos, que agora eram sempre agitados, via-se muitas vezes preso ao chão. Os braços nus, muito brancos, a tentarem soltar-se do capim, à medida que esses mesmos pássaros gigantes iam descendo mais e mais sobre ele.

Mas, o animal que acabou por o apanhar, era minúsculo.

O seu zumbido não lhe era desconhecido, porque nas noites abrasadoras de Verão, no Alentejo, escutara-o milhares de vezes, antes de o tentar esmagar com a mão contra o pescoço ou cara. Às vezes, com sucesso. Outras, tomando consciência do fracasso pela baba avermelhada que se formava nele, depois da probóscide do inseto lhe chegar ao sangue. As duas agulhas que lhe afastaram a pele, as outras duas que a penetraram, e a seguinte que lhe detetou a veia e lhe sugou o sangue. Por fim, a sexta agulha, a libertar as toxinas que lhe provocaram a irritação, dando o alerta tardio.

As primeiras febres chegaram onze meses depois do desembarque. Agora, contava tudo em meses, para saber quantos lhe faltavam para regressar, dos vinte e quatro a que tinha sido condenado. Sem o tempo da viagem, que esse fora um bónus à Nação. E se tudo corresse bem.

Acordou uma manhã com o corpo dorido, sentindo mais calor do que o costume.

«Toca a despachar, Cachopas, que a formatura não espera por ti», gritaram-lhe.

«Já estou pronto, meu alferes», disse. Mas as pernas vacilaram ao tocarem o chão e um arrepio de frio percorreu-o. Vestiu-se a custo, mais lentamente do que gostaria e tentou correr para tomar lugar ao lado dos companheiros alinhados.

«Estás com má cara, pá», murmurou-lhe, pelo canto da boca, o Vendas Novas.

Ele assentiu, pálido, tentando ignorar os tremores que se apossavam dele.

Um pouco depois, à mesa da cantina, com o púcaro de lata com café na frente e as bolachas que não tencionava comer, na mão, desatou a tremer tanto que o aconselharam a ir procurar o enfermeiro.

Procurou-o por toda a parte até o ir encontrar na latrina.

«O que é que foi, agora, caralho? Já nem cagar em paz posso? Espera aí que já lá vou.»

OuvIU-se o raspar de papel na pele e, por fim, o enfermeiro saiu à porta, passando pela torneira de água, como se ela não existisse.

Quim mal o conseguia ver.

«Não sei o que tenho, meu enfermeiro. Estou todo a tremer.»

Este pôs-lhe a mão na testa, e observou-lhe os olhos avermelhados.

«Tu tens tomado a merda da cloroquina que te deram?»

«A quê?»

«A porra dos comprimidos para o paludismo, foda-se.»

Quim voltou a ter um ataque de arrepios e o seu corpo estremeceu todo. Era Inverno rigoroso no calor de África.

«Às vezes, esqueço-me.»

O enfermeiro começou a andar.

«Então fodeste-te, pá. Apanhaste com o paludismo, que nunca mais te vai largar.»

Fez-lhe sinal com a mão.

«Anda comigo. Vais para a enfermaria.»

Quim seguiu-o, mas tudo nele queria soçobrar, fazê-lo cair ao chão, enrolar em concha, comido por um fogo que o gelava até aos ossos.

Ficou internado durante uma semana, a receber tratamento. Nos primeiros dias, os pesadelos tomaram violentamente conta do seu corpo febril e julgou não conseguir resistir. Mas, por fim, a medicação acabou por funcionar e os sintomas foram diminuindo. No último dia, internado, já conseguiu sorrir e falar com um outro camarada internado com disenteria, e começava a apreciar o breve descanso.

Até o furriel aparecer e perguntar se «este homem já estava bom para se juntar aos companheiros». O enfermeiro encolhera os ombros e respondera que «pelo menos já se aguentava nas canetas». Foi o suficiente para ter alta e regressar ao pelotão, ainda mais magro do que antes.

«Pareces ainda mais pequeno, ó Cachopas. Qualquer dia, desapareces.»

Era verdade. Também ele sentia que todos os dias desaparecia um pouco. O rapaz que tinha sido, perdia, a cada anoitecer, uma camada. Como uma pintura exposta a um sol que lhe corroesse, com uma rapidez alarmante, as cores originais.

«Toma lá as minhas bolachas, a ver se engordas», dissera-lhe um outro companheiro. E esse gesto de camaradagem consolou-o um pouco, no seu desânimo. Estava no Inferno, mas não sozinho.

*

Por esses dias, chegou-lhe igualmente um aerograma inesperado. Leu-o, com ar admirado, encostado à sombra da parede da caserna.

No remetente, com uma letra arredondada, um nome, «Susana», e o apelido. Depois a morada de uma rua do bairro de onde ele vinha e a cidade. Por um momento, não conseguiu localizar quem seria a pessoa. Susana, Susana... Depois, fez-se luz: uma rapariguinha que morava lá para o fundo das casas e que costumava caminhar pela rua, sempre de olhos no chão. Vinha muitas vezes acompanhada pelo pai que tinha cara de quem se enfastiava com

pouco. Bem-falante, Quim, como a toda a gente, abria-se num sorriso quando se cruzava com eles, «Bom dia, vizinhos», «Bom dia», e seguiam. Lembrava-se de esta lhe ter sorrido de volta uma ou duas vezes, mesmo se não tinha chegado a ouvir-lhe a voz. «Susana», sim, só poderia ser ela, mesmo se desconhecia o apelido.

«Caro Joaquim, espero que te encontres bem e de saúde», começava. Ele leu isto, e retorceu-se no lugar, ainda com o corpo dorido da febre que o tinha colhido, e continuou. «Deves até estar admirado de receberes esta carta. Quem será esta Susana que não conheço de parte nenhuma?» Quim sentiu-se corar e olhou em volta, como se ela tivesse a capacidade de lhe adivinhar o pensamento. «Sou a Susanita, a irmã do Zé Carriço, que trabalha na oficina da Somefe, acho que sabes.» Ah, confirmava-se. Lembrava-se agora do irmão e de este ser filho do homem de cara fechada, que era pintor das obras – mais um detalhe que lhe vinha – e que caminhava com a rapariga. Susana-Susanita explicava, de seguida, que tinha sido abordada por umas senhoras do Movimento Feminino para ver se queria ser madrinha de guerra de alguém. E que se tinha lembrado dele. Se quisesse. Era muito nova, mas se ele quisesse... Poderiam escrever-se, de vez em quando, para ela lhe dar ânimo e alguma ajuda que ele precisasse. Não dizia muito mais. Quim revirou o aerograma e viu que tinha vários carimbos, um do último sítio onde tinha estado. Olhou a data que a rapariga tinha anotado na sua letra de flores ingénuas e viu que já tinha mais de um mês e meio.

Um grupo de soldados passou em unimogues, as armas levantadas ao céu, o rosto tenso. Iam partir em missão. Alguns não voltariam. Na sua cabeça surgiu outra canção de que gostava mas que não conseguia cantar bem, por ser muito grave:

*Fui colher uma romã, estava madura no ramo
Fui encontrar no jardim, aquela mulher que eu amo.*

Um dos soldados do último carro virou-se para trás, mesmo antes do portão do quartel se fechar e disse adeus a alguém. Depois, voltou a sentar-se e a olhar para a frente, abraçado à arma.

*Estava madura no ramo, estava madura no ramo
E a romã caiu ao chão.*

Quim voltou a desdobrar o aerograma e releu o conteúdo até ao fim.

«Recebe os meus cumprimentos e fico à espera de resposta.»

Sorriu e levantou-se à procura de uma caneta e de um aerograma, que devia ter guardado no fundo do que era seu.

Durante muitos anos, temi os dias felizes. Aqueles domingos onde até ao final da tarde tudo corria de forma perfeita. Quando eu me entregava a essa alegria como quem se deixa cair nos braços de um amigo, para, de seguida, surgir a dor. A tragédia inesperada que me arrastava, desprevenido, para o fundo. Uma e outra vez aconteceu, até eu me convencer ser esta uma regra da vida: desconfia da felicidade.

Numa tarde, a Mãe chegou mais cedo do trabalho. Tinha, agora, uma espécie de emprego fixo nas limpezas de uma pequena fábrica têxtil. Durante a maior parte do dia recolhia os restos de tecido que iam caindo das máquinas ou ajudava a levar caixotes com os pedaços maiores que não eram aproveitados até uma pilha que seria mais tarde queimada ou levada para uma lixeira a céu aberto, nas imediações da cidade. Ao final do dia, lavava o chão, as duas casas de banho, que serviam todos os empregados, e uma terceira, no andar superior, usada pelo patrão. O dinheiro continuava a ser pouco. E eu sabia isso porque vigiava a caixa de madeira escondida. As notas estavam reduzidas a quase nada e as moedas não tinham aumentado.

«Andamos sempre a bater com a perna uma na outra», queixava-se à família, antes de concluir, com os cantos da boca tensos, «Enquanto pelo menos der para comer, vamos andando. Depois, logo se vê.»

Às vezes, a Avó rompia o silêncio para lhe perguntar se o «outro», o «cigano», tinha dado alguma notícia. Nunca gostara do meu pai e a vida parecia dar-lhe, agora, a razão toda. A Mãe respondia que não. Mas que ela lá se arranjaría. Depois a minha avó perguntava se ela queria levar um bocadinho de queijo para o menino, que era eu. E ela engolia o orgulho e aceitava um «pecadечinho», para ver se eu não a chateava a querer o fiambre que ela não poderia comprar.

Na tarde em que veio mais cedo, eu estava particularmente feliz. Corri

para ela para lhe mostrar uma revista sem capa, nem metade das páginas, um *Tio Patinhas*, escrito num misterioso francês. Oferta do Zé Bucha que o tinha achado no lixo da cidade, onde gostava de remexer, na esperança de encontrar algum maço de tabaco com cigarros dentro. Nunca acontecia, o melhor que se apanharia seriam beatas do chão que alguém não tivesse fumado até ao fim. Por não perceber nada do que estava escrito na revista, o que lhe dava um valor zero no mercado das trocas, tinha-me deixado ficar com ela.

«Olhe o que me deram», disse-lhe, contente, depois de lhe beijar as faces. Sempre as duas, uma mais fria do que a outra. Na verdade, sentia-me duplamente contente, porque também gostava de a ver voltar a casa. Sentia um alívio inexplicável.

Mas ela vinha agitada e mal olhou.

«Porcarias. Só me trazes é porcarias para casa.»

Percebi-lhe a irritação, pela maneira como atirou os sapatos para um canto, começando, de imediato, a arrumar coisas. Mesmo depois dos três quilómetros de estrada, não se chegara a sentar.

«Comeste o peixe todo?», olhou a panela «Ora, não comeste quase nada. É mais um para deitar fora.»

Atirou os restos da pescada para o caixote do lixo.

«São todos. Todos a cravar-me a faca.»

Fechei o peito e tentei sair, de mansinho, para a rua, antes que a zanga se virasse para o meu lado.

«Aonde vais?»

«A lado nenhum. Ia só lá fora...»

«Vai mas é estudar, não tens trabalhos de férias?»

Menti, disse que não. Se ainda faltavam tantos dias, para quê destruí-los com contas e cópias que não serviam a ninguém?

Ela começou a lavar o meu prato do almoço. Parecia perdida num pensamento obsessivo qualquer. Sentei-me numa cadeira da cozinha, sem saber o que deveria fazer. As minhas pernas, que ainda não chegavam totalmente ao chão, a balançar.

Subitamente, ela atirou com uma chávena para cima do poial da louça e disse:

«Que se lixe esta merda toda. Ele julga que me engana, mas já vai ver!» Virou-se para mim. «Tu, vai-te vestir. Pode ser mesmo com aquelas calças que estão em cima da cadeira. E calça as botas.»

«Vamos aonde?»

«Vai-te vestir e não faças perguntas!», gritou-me, irada.

Durante todo o percurso até ao centro da cidade, ela não disse uma palavra. Caminhava com um passo tão rápido que eu quase não conseguia acompanhar.

«Um cadinho mais devagar, Mãe...»

«Acelera, que se tens pernas para andares a correr atrás dos outros também tens para acompanhar o meu passo.»

Entrámos numa parte mais antiga da cidade onde eu nunca tinha passado. Entrámos numa rua estreita e escura. Até que chegámos a uma casa que tinha duas portas abertas, mas um biombo a tapar a vista da rua. Afixado, estava um letreiro com um nome pintado e dois copos de *cocktail* a baterem um no outro.

Ela deu-me a mão e entrou.

Era um bar comprido, cheio de mesas. Àquela hora, estava vazio de clientes. Uma mulher estava sentada em cima de uma mesa, com os pés numa cadeira, a falar com outra, sentada mais em baixo. Ambas tinham perucas armadas, a primeira era loura e, a da segunda, negro-azeviche.

A Mãe nem disse boa tarde. Abriu a mala de mão e tirou lá de dentro uma foto.

«Conhecem este homem?»

Uma delas ergueu a sobrancelha e disse para a colega:

«O que é que esta, agora, quer?»

A Mãe olhou diretamente para ela e estendeu ainda mais a foto. Vi que era uma antiga do meu pai. Os olhos claros, que não herdei, a iluminar-lhe o rosto jovem.

«ESTA quer saber se viram ou se dormiram com este homem, que é meu marido, e não dá notícias.»

A loura, empoleirada, pegou na foto. Trocou um olhar com a outra, antes de a devolver e começar a acender um cigarro.

«Não me lembro, filha. Passam por aqui, tantos.»

Quem seriam estas mulheres, e por que razão a minha mãe lhe perguntava pelo meu pai, que deveria estar em Lisboa.

«Pois, a mim, disseram-me que o viram a sair daqui esta semana. E mais do que uma vez.»

A da cabeleira negra também tinha acendido um cigarro.

«Olhe, amiga, se quer o meu conselho, vá para casa. Se ele quiser voltar, volta.»

A Mãe estremeceu e senti que me apertava a mão até me fazer doer.

«Mas, viram ou não viram? Tenho o direito de saber.»

O tom duro tinha já uma nota de desespero.

As duas levantaram-se, indicando que se iriam afastar.

«Se era esse ou outro, não lhe sei dizer. Homens, para a gente, é tudo igual. Mas também lhe digo que se tem de vir aqui atrás dele, é porque já vale a pena o esforço.»

Um tipo com ar de brutamontes surgiu, de uma porta lateral.

«Há problema?»

A loura atirou a ponta do cigarro para o chão.

«Não há problema nenhum. Esta mulher veio à procura de uma pessoa que desconhecemos. Só isso.»

O homem acenou que sim.

«Já lhe responderam, por isso...» E apontou a porta de saída.

As mulheres viraram costas, o homem cruzou os braços na frente, e a minha mãe ficou parada um bocado. Não me atrevia a olhar-lhe o rosto. A sua mão tensa esmagava-me os dedos pequenos. Por fim, puxou-me e saímos para a boca das ruas.

No caminho de regresso, não a vi chorar. Era mais como se ardesse nela uma fogueira silenciosa. Algo que a queimava por dentro, que não sabia como apagar, e cujas labaredas assomavam, de quando em vez, aos olhos. Fizemos o trajeto de volta, em silêncio. Eu, com medo de perguntar fosse o que fosse. E quando chegámos a casa, sem uma palavra, ela entrou no quarto e atirou-se para cima da cama.

A noite tinha começado a descer e eu, ao fim de um bocado, como não havia jeitos de se fazer jantar, não disse nada e fui comer um bocado de pão com queijo. Ouvi a cama mexer e, um instante depois, ela saiu do quarto, os olhos vermelhos, mesmo se não lhe tinha escutado um soluço.

«Posso comer este bocadinho?», perguntei, apontando o último pedaço do queijo seco. As porções deveriam ser milimétricas, apenas o suficiente para tirar o sabor do pão.

Pareceu ir dizer qualquer coisa ácida, mas acabou por fazer, com a mão, um gesto de «já estou por tudo». Calçou-se e saiu para a casa da minha avó.

Fiquei ali, sozinho, em silêncio, quase na escuridão. Apenas a luz de um candeeiro de rua a iluminar, pela janela, as divisões.

Senti uma fome inexplicável de chocolates. Ou de gelados. Alguma coisa doce que houvesse em casa. Mas sabia não termos nada disso. Pensei nas moedas brilhantes. Amanhã, tiraria uma e iria comprar alguma coisa à pequena loja do Bairro. Sorri com essa ideia. Talvez o dinheiro até desse para um furo da sorte. Quem sabe não me sairia uma bicicleta ou uma espingarda de pressão de ar? Nem me ocorreu que se me saísse essa sorte grande teria de dar explicações sobre a proveniência do investimento.

Entrei no quarto e abri a porta do roupeiro. Lá estava ela, a caixa do tesouro. Tirei a chave da gaveta e abri. Contemplei as moedas que continuavam na mesma. Amanhã, seria a vez de voltar a ser feliz.

Nesse instante, a porta da rua abriu de rompante. Na aflição, fechei a caixa à bruta e atirei-a para dentro do roupeiro. As moedas tilintaram contra a madeira do fundo.

A figura desconfiada da Mãe bloqueou a porta do quarto. Acendeu a luz crua do candeeiro de teto. O seu olhar ia de mim para a porta entreaberta do roupeiro.

«O que é que estás a fazer?»

Eu tremi, e a minha voz ainda mais.

«Nada, nada.»

«Deixa ver, e aí de ti se é o que eu penso.»

Empurrou-me para o lado, abriu o roupeiro e deparou-se com a caixa virada do avesso e as moedas espalhadas.

«Andavas a roubar-me, ladrão?»

A sua voz colérica encheu as paredes. Eu comecei a chorar, sabia que aquilo não acabaria bem.

Ela agarrou-me pelos cabelos e puxou-me para a cozinha, onde me dobrou até ficar de joelhos sem me conseguir levantar.

«Um ladrão! Tenho em casa mais um ladrão! Não bastava o filho da puta do teu pai, agora és tu a levar-me o que me custa tanto a ganhar. Tu e ele são iguais.»

«Desculpe, mãezinha», chorei.

Mas ela não ouvia. Estava noutra dimensão, no meio de um inferno de chamas em que ela era a vítima e de onde só sairia se esmagasse todos os demónios que a atormentavam. Deu a volta à chave da porta da rua, para que ninguém acudisse, enquanto apanhava um cinto largo de couro, com uma fivela em forma de ferradura.

«A mim! Fazeres-me isto a mim, que só trabalho para te dar de comer e vestir!»

«Desculpe, mãezinha...»

Do chão, não lhe conseguia ver a cara. Apenas lhe ouvia os gritos e sentia os meus cabelos presos nos seus dedos. Levantou a mão com o cinto e deu-me a primeira vergastada. Senti como se me queimassem naquele sítio. Depois, veio outra e outra. E eu só repetia, «Perdão, mãezinha», aos gritos. Mas ela não escutava. O cinto bateu-me por onde me apanhou. A fivela atingiu-me o pescoço e rasgou um pouco.

Do lado de fora, a família acudia, batendo na porta. Mas ela não abria. Toda a ira e raiva acumuladas tinham agora um corpo onde desaguar.

Por fim, recuou, deixando-me caído e enrolado em bola no chão de cimento.

«A mim! Todos me querem fazer mal.»

«Abre esta porta, senão arrombo-a», era a voz do tio António.

Finalmente, ela deu a volta à chave e ainda me disse: «Assim, já aprendeste a não ser como ele.»

Não me lembro do final desta história. Suponho que me tenham levado dali, lavado a cara em choque e tratado das feridas mais visíveis.

Recordo a voz doce da tia Lurdes.

«Hoje, queres dormir cá com a tia?»

Eu não respondi, mas ela lá se arranjou para convencer a minha mãe a deixar-me ficar com eles. Fez-me uma caminha no chão, e várias vezes a senti aparecer, quando um novo soluçar irrompia em mim.

Na manhã seguinte, ainda sem me terem devolvido, a minha tia preparou um alguidar com água para que eu pudesse tomar banho. Quando recolheu as minhas roupas, observou o meu corpo nu, cheio de vergões fundos e vermelhos que levariam muitos dias a passar.

«Para que é que ela é assim? Não vê que a criança ainda é pequena?»

O meu tio que fora criado pela mesma mãe, não se impressionou. Tinha visto muitas sovas violentas, na vida. Sofrido no próprio corpo espancamentos

de o deixarem em sangue, apenas por ter dado uma resposta torta.

«Ele não teve juízo e ela, mais logo, já se esqueceu.»

Na verdade, quando voltei para casa, ela não tocou no assunto e pôs-me um prato de comida na frente. Papas de maisena, com açúcar, que eu adorava e ela sabia.

Não falou, mas os seus gestos assemelhavam-se ao do verdugo depois da aplicação da pena. Livres de ódio e com a certeza de que tinha sido cumprida a obrigação de justiça.

Eu comi devagar, um nó na garganta, sem olhar para ela e sem dizer nada.

A certa altura, estendeu a mão para me limpar algo de comida, na cara. Eu encolhi-me todo e ela retirou-a.

As marcas do cinto desapareceram do meu corpo, mas nunca mais me aproximei das mãos que, até esse dia, tinha amado profundamente.

Morreu ali um amor com que eu tinha nascido.

Outras vezes, muitas, a sua fúria voltou a abater-se sobre mim. Mas, todas as dores foram apenas físicas. O coração com que amara a minha mãe estava agora fechado numa caixa de madeira invisível, cuja chave não voltou a aparecer.

Nem os lamentos dela dizendo que eu já não gostava dos seus abraços me comoveram, ao longo dos anos. Por mais que racionalmente lhe tenha vindo a perdoar, beijei-lhe sempre o rosto a frio, nas chegadas e partidas, como se me tivesse despedido dela no caixão, muitos anos antes. Num caixão de cristal onde continuei a ver o reflexo da minha criança morta.

A época das chuvas tinha voltado a encher os pequenos riachos que se formavam no meio do mato. Era agora mais difícil circular pelas picadas enlameadas e quase impossível de o fazer sem percalços.

A ordem de ataque tinha chegado na noite anterior e fora difundida à companhia em sucessivas ondas hierárquicas. O discurso que Quim escutou tinha vindo da boca do furriel Roseta, um homem coberto de pelos desde a ponta dos pés ao pescoço e com um especial apreço por ovos moles de Aveiro, que lhe chegavam de um café da Beira, às duas dúzias. Possuía ainda um outro gosto, menos falado, por raparigas locais que tivessem alguma forma de deficiência. A sua memória mais recorrente era a do encontro com uma delas, que tinha ficado sem uma mão cortada a machete pelo marido de quem viria a escapar. Mais recentemente, passara a dar de comer a uma mulher alta, provinda da região de Zâmbuè, sempre de olhos baixos porque tinha perdido um deles, em criança, num ataque de felino. Uma cicatriz, em forma de rasto de arado, também lhe cobria o rosto. A essas mulheres, com quem se deitava, costumava ordenar que se despissem apenas da cintura para cima, antes de lhe passar os dedos pelo lugar da deformidade. Depois, a língua. Dizia-lhes: «Foste tu quem fez isto, a ti própria, não foste, putinha?» Gostava dessa ideia. De pensar que as marcas da carne eram autoinfligidas para seduzir homens como ele. Elas nunca respondiam e ele desatava o cinto e baixava as calças. «Vais querer mais, não vais? Outras marcas para me deixares maluco?», e começava a dar-lhes estalos fortes na cara, masturbando-se ao som dos seus gritos.

Mas, nenhum dos homens naquela formatura sabia disto. Levava as raparigas para longe, antes de as atacar. Por isso, no quartel, todos o tinham por criatura dada a compaixões. Ao domingo, se havia missa, ele ficava sempre à frente, as mãos a tapar os genitais em sinal de arrependimento.

«Homens, como sabem, sofremos há umas duas semanas um ataque à nossa unidade. E apesar de numa arriscada missão termos capturado e abatido alguns dos *turras* assassinos, houve muitos que nos escaparam.»

Os soldados, nos quais se incluía Quim, escutaram em silêncio, uma ruga de preocupação instantaneamente formada entre as sobrancelhas.

«Os vossos camaradas dos serviços de informação deram notícia de que esses bandidos se esconderam em duas aldeias, perto. Provavelmente, a planear voltarem para nos dizimar a todos.» Desdobrou um mapa e apontou: «Uma fica a menos de vinte quilómetros daqui, e a outra na região de Chimacheca. Na próxima madrugada, vão sair duas companhias para fazer justiça pela a morte dos nossos companheiros.» Neste ponto, parou, um véu de dureza desceu-lhe sobre os olhos espalhando-se pelos de muitos que o escutavam. «Se Deus quiser, não vamos voltar sem limparmos o sebo a esses gajos todos.»

Soltou um grito de unidade e as vozes masculinas responderam grossas e em unísono.

Depois dispersaram, muitos deles fazendo o sinal da cruz e beijando a que traziam ao peito, geralmente de prata, oferecida pela mãe ou pela madrinha de batismo.

Partiram em camião e unimogues, ainda era de noite. Uma das companhias rumou a norte e outra, aquela em que Quim se integrava, para oeste. Andaram quilómetros a bater contra os ferros dos veículos, até pararem junto a uma zona de mato, que dava acesso a um riacho largo e depois a um pequeno rio. Em silêncio, descarregaram armas e barcos insufláveis de médio porte, que levaram até junto das margens. Aí os encheram, antes de os lançarem à água, juntamente com uns mais pequenos, que deveriam seguir à frente, com batedores. Quim sabia que, pela sua estatura, ele e um rapaz algarvio, o Valverde, juntamente com mais três ou quatro, fariam parte dessa linha da frente. A mais perigosa. A que deveria ir verificar se o caminho estava desimpedido de sentinelas, e dar sinal ao grupo numeroso de companheiros que seguiria atrás, nos barcos maiores.

Usaram os motores durante uma parte do percurso, onde o rio era mais largo e corria com mais força. Mas, à aproximação do alvo, os motores foram substituídos por remos, acionados de forma ritmada e com força.

«Cachopas, Valverde, soldado Ruas, Tu!», disse, em voz baixa, o furriel. E apontou para uma das pequenas balsas que seguiam atrás. «Teixeira, Peres, vocês acompanham!»

Entraram, um após outro, nos barcos mínimos, que não deveriam levar mais de duas pessoas sentadas. Num deles, seguiu Quim, deitado à frente, com a G3 apontada. O Valverde, estendido, meio em cima dele, e os outros sentados mais atrás para remar. No outro barco pequeno, que seguiria ligeiramente atrás ou ao lado se a largura das margens e a vegetação o permitisse, a mesma disposição, entraram outros quatro soldados. O rio, ali, estreitava e havia muitas árvores e arbustos que deitavam ramos quase até

à água. Tinha de se ir desviando galhos e folhas, da forma mais silenciosa que se conseguisse.

O dia começava a nascer e uma luz alaranjada desenhava o perfil da selva. O Peres, o primeiro dos homens sentados a remar, ia desviar com a mão um ramo, quando no último instante viu nela, enrolada, uma serpente verde. As cobras, sempre a puta das cobras carregadas com o medo. Lentamente, com o remo, empurrou o ramo e passou a cabeça por baixo, esperando a cada instante sentir o esticão do réptil e os dentes envenenados cravarem-se no pescoço ou num ombro. Mas, o animal deixou-se embalar no movimento sossegado, não dando sinais de se sentir incomodado. O suor, que já era muito do clima, duplicara em Peres, que voltou a remar, agora com o coração a bater intensamente. Focados no que poderia vir das margens, nenhum dos colegas dera pelo incidente.

O cheiro a lenha queimada chegou-lhes às narinas, estavam perto. Quim virou-se para trás e fez sinal aos companheiros que assentiram em concordância. Um pouco mais à frente, muito próximo da margem, avistaram as primeiras cubatas da aldeia. O alvo estava encontrado. Remaram em contracorrente ao encontro da companhia, que informaram. Poucas palavras foram murmuradas. Os rostos tensos dos soldados adensaram, ainda mais, a expressão. O primeiro-oficial deu ordens enérgicas com os braços e os barcos maiores passaram para a frente. Quim viu os companheiros, ainda deitado no pequeno insuflável com o peso de outro homem em cima.

«Talvez escapemos todos com vida», pensou. O Valverde ajeitou-se melhor, aliviando-o um pouco do peso.

Os barcos aceleraram o movimento até chegarem à vista da aldeia. Não parecia estar guardada. «Vamos apanhar os cabrões a dormir», pensou um deles antes de pisar terra. Os primeiros soldados saltaram para a água levantando as armas no ar, enquanto outros apontavam as armas para terra para lhes dar eventual cobertura.

Um cão saiu de uma das palhotas a ladrar, seguido de outro maior. E, uns segundos depois, um guerrilheiro, a vestir as calças, apareceu, dando um grito antes de se lançar no interior da habitação.

«Ao ataque», gritou o primeiro-oficial. E as rajadas de G3 começaram a varrer a aldeia. Ouviram-se gritos de mulheres e de homens e cabeças que assomavam e desapareciam. Tiros começaram a vir de dentro e os atacantes sentiram as primeiras balas silvar em volta das suas cabeças.

Os últimos saltaram para a água, já a disparar.

«Acabem com esses cabrões todos», voltaram a gritar.

«Tudo, limpem tudo», era a voz de um furriel.

Os outros soldados, encurralados, começaram a sair, baixando-se e a correr para procurar refúgio. Disparavam de volta, às cegas e quase todos caíam. Mas, mesmo assim, fizeram o Gonçalves tombar com a perna perfurada com dois tiros e o Lacrau, que vinha de Belmonte, soltar um grito agudo antes de chegar ao chão agarrado à barriga que rapidamente se cobriu

de sangue, empapando-lhe o uniforme.

Uma mulher com os seios descobertos, saiu a pedir socorro no dialeto da sua região, mas no meio do tiroteio ficou crivada de balas, caindo como um fantoche sobre o chão de terra pisada. O fogo metálico caía sobre a aldeia, levando tudo à sua frente. Não disparavam tanto com raiva, os atacantes, mas com o desespero ansioso de quem tenta criar uma muralha de balas à sua frente para evitar a morte. A ideia de vingar os companheiros, que existira, era agora mais fraca. Matavam para não morrer. Ou assim acreditavam.

No meio deles, Quim e os seus companheiros faziam o mesmo. O medo das balas que os deitassem ao chão, fazia-os apertar o gatilho uma vez e outra e outra. Percorreram cada casa, disparando contra tudo o que viam. Poupavam as mulheres que tinham os filhos no colo, mas não as que vinham aos gritos na sua direção. Muitas dessas morreram, também. Os corpos espalhavam-se por toda a parte. Eram muitos. Como um formigueiro revirado de dentro para fora.

Perante a derrota e a morte certa, começaram as primeiras rendições. Homens que depositavam as armas, antes de se porem de joelhos, levantando os braços no ar. O barulho dos disparos tinha agora acalmado. Os soldados brancos vasculhavam o terreno em volta voltando de lá com alguns soldados desarmados, na maioria das vezes com mulheres e raparigas jovens que ali se tinham escondido. A maioria delas vestida apenas com um pano, os seios, de fora, a balançar.

Reuniram todos os capturados no meio do terreiro, começando a interrogá-los sobre se haveria mais homens escondidos no mato. Eles respondiam com uma mistura de português e de lomué ou macua.

«Responde, filho da puta», a coronhada a abrir um rasgo na cara de um rapaz mais novo do que eles. Ele chorava e jurava que era tudo de que tinha conhecimento. Ninguém quis saber que o seu nome era Habiba, que significa «amado», por ser o segundo filho de um casal que vivia numa aldeia remota, e por o seu irmão anterior ter morrido cedo. Seria amado e cuidado como uma coisa preciosa, esse novo filho, dissera a mãe, e o pai concordara. E assim ficara Habiba. Menino que não tinha escola para onde ir, mas que fazia perguntas sobre tudo e desse tudo extraía pensamento. Foi muito amado até ao dia em que passou uma coluna de soldados que o convenceu a juntar-se-lhe porque teria toda a comida que quisesse e conheceria outras coisas. Tinha quinze anos, para o ano iria arranjar mulher. Mas, nada disso aconteceu. E a imagem da mãe agarrada por outras mulheres para não o ir arrancar aos soldados foi a última visão que guardou dela e da sua aldeia. Agora, ali estava de joelhos a tentar responder a outros soldados, brancos no caso, que não o viam como o rapaz que nascera para ser amado, mas apenas como alguém que disparara contra os seus. Queria encontrar forma de se fazer entender, por isso fechou os olhos por um instante. E, quando os abriu, viu, por uma fração de segundos, a coronha de uma arma descer-lhe sobre o crânio.

O choro das mulheres, em volta, aumentava, algumas olhavam para a

pinha de corpos que se ia formando à medida que juntavam os que tinham morrido. Apontavam com o dedo para alguém que tinha sido seu namorado ou parente e levavam as mãos à cabeça. Ninguém as entendia, mas a maioria apenas jurava que não tinha feito nada de mal.

Quando deram a situação por controlada, os oficiais deram ordem para que se abrisse uma vala para enterrar os mortos. Os poucos soldados capturados teriam de ser escoltados, a pé, pelo mato, numa jornada longuíssima, até ao aquartelamento. As armas apreendidas e morteiros seguiriam de barco pelo caminho de volta. Chegariam primeiro do que essa coluna de soldados.

Com os lança-chamas começaram a incendiar a aldeia. Ninguém mais se iria ali aquartelar. Ou, simplesmente, viver. As mulheres e as crianças olhavam as chamas escaldantes, faúlhas voavam na sua direção. Em breve, elas próprias teriam de se fazer aos caminhos incertos do mato na direção de outra aldeia, onde teriam parentes ou alguém se apiedasse delas, por um momento.

A missão estava cumprida e uma estranha euforia podia agora apossar-se dos homens. Tinham sobrevivido todos, e um helicóptero chegaria, em breve, para levar os feridos para o hospital distante.

«Conseguimos, homens. Esta, já está.»

E todos diziam que sim, riam e tocavam nos ombros dos companheiros em sinal de alívio e regozijo.

Um soldado apareceu a correr, vindo do fundo das casas em escombros. O seu rosto estava coberto de suor e fuligem e a expressão era muito diferente da dos que celebravam.

«Não achamos o Valverde, meu oficial.»

O sorriso cansado do oficial também desapareceu. Limpou o suor da cara suja de pó.

«Procuraram no mato?»

«Não, meu oficial, mas já corremos a aldeia toda. E no Zéfiro também não está.»

Um novo peso desceu sobre o homem jovem que carregava a divisa.

«Vejam lá, no mato.»

E foram ver. Percorreram as partes que já tinham sido batidas em torno da aldeia. E, depois, adentraram-se.

O corpo franzino estava exposto sobre uma pedra, ainda mais curta do que ele. A cabeça e os braços quase a tocar o chão. Não tinha botas, nem camisa. A garganta e o peito estavam cobertos de sangue seco. As formigas já tinham começado a fazer caminho, em direção a ele, e uma ave necrófaga espreitava do chão, não muito longe. O seu assassino já deveria estar em fuga. Achá-lo no meio do mato seria tarefa impossível. Foram buscar uma maca e carregaram o camarada morto, até à aldeia.

A coluna de soldados capturados preparava-se para partir. Quim estava entre os membros da escolta. Quando os viu regressar do mato, carregando o

rapaz que ainda há pouco fazia corpo consigo, correu para eles. Os soluços tomaram conta dele, sem que ninguém se lembrasse de o reconfortar. Um minuto alguém está connosco, julgamos que para sempre, e no minuto seguinte, desapareceu, sem uma palavra que nos preparasse. O buraco que isso abre no peito nunca fecha completamente. Ainda que já nos tenhamos esquecido da cara e do nome do que morreu. Essa traição ficará para sempre na nossa memória.

O oficial percorreu o olhar pela garganta cortada do seu soldado, pelo seu peito retalhado por um dos homens acobertados na margem deste rio. Depois, abriu o coldre que trazia à cintura e tirou a Walter, alemã. Chegou-se à fila dos prisioneiros e os seus olhos recaíram sobre Habiba, o rapaz que teria sido amado, o rosto ainda coberto de sangue da coronhada. E, sem hesitar, deu-lhe um tiro na cabeça. Habiba morreu com os olhos abertos de espanto e um buraco quase no meio da testa. A selva pareceu calar-se um minuto. Depois, todos os sons recomeçaram, inclusive o das pás do helicóptero chamado para recolher os feridos.

«Agora, metam-no na vala. É menos um para o caminho.»

Por mais que procure, não consigo encontrar o nome das pequenas flores roxas que enxameavam as terras no final do Inverno. E, contudo, são elas que definem melhor a memória desse ano.

Vinham muito depois das azedas, essas manchas amarelas e verdes a que nos habituámos no caminho para a escola. A tremer, debaixo dos nossos casacos ou gabões de lã grosseira, vestidos por cima das batas brancas, tínhamos o hábito de observar as valetas por onde a água escorria ou os campos de cultivo, ao lado, para distrairmos o tempo da jornada. Intuíamos a passagem das estações pelo aparecimento e mudança das plantas. O seu principal objetivo era dar-nos conta do aproximar do fim do pesadelo que, para todos nós, representava a escola primária. Ao vermos surgir os primeiros pontos violeta, os nossos corações alegravam-se: a Páscoa não tardaria com as duas semanas de férias. Com sorte, o professor não nos enviaria muitas páginas de trabalhos para fazer. Não nos arruinaria os últimos dias de descanso ou tornaria num pesadelo o regresso às aulas. Os professores cumpriam a tradição antiga: enviar trabalho que as crianças não conseguiriam fazer e aguardar pelo enfadonho momento de as castigar. Retiravam as réguas maiores das gavetas das secretárias ou das paredes, onde as tinham penduradas como avisos, porque já sabiam que nesse dia teriam muitas crianças para executar em nome da doutrina. Meninos que responderiam à pergunta: «Fizeste as cópias e os problemas?», e eles responderiam a tremer: «Fiz... quase tudo.» Ao que se seguiria: «Mostra! Quero ver», e as mãozinhas tirariam o caderno de casa, a tremer, para mostrarem apenas uma ou duas cópias, feitas com letras descuidadas e o início da resolução de dois problemas fundamentais sobre o volume da água do tanque do senhor Ernesto. Às vezes, sobre a metafísica questão de quantas fatias de bolo restariam se alguém tivesse a linda ideia de oferecer dois quintos delas. Nenhum de nós

poderia saber ao certo essa resposta, porque os bolos em casa aconteciam, com sorte, uma ou duas vezes por ano, e, depois de retiradas as velas (que seriam usadas de novo), era tudo cortado em fatias fininhas para dar para todos. Por isso, chegados da beatitude natalícia, por exemplo, muitos eram os que ouviam, tremendo: «Ai, preferistes andar a brincar em vez de fazeres o que te mandei. Ora, estende lá essas mãos.» E a régua erguia-se, com mais ou menos força, conforme a simpatia que o mestre ou mestra tivesse por aquele aluno para se abater com força contra uma das suas palmas. «Estende, se não é pior!», e o menino ou menina, chorando, abria a mãozinha de novo para receber o golpe da madeira. Se escondia o braço, levava o dobro. Se fechasse os dedos levava com o instrumento de punição nos ossos («falange, falanginha, falangeta...») o que doeria até ao final do dia.

A mim e aos meus colegas, que vínhamos de fora da cidade, a pé, debaixo da geada, custava mais este ritual punitivo. Por ser logo de manhã, e ainda mal termos tido tempo de retemperar os dedos congelados pelo frio. Dói mais quando as mãos ainda não aqueceram. Dói mais quando ainda não conseguimos mover os lábios gelados para chorar. Doía mais aos meninos que percorriam as longas estradas ainda cobertas pela geada noturna.

A minha necessidade de sobrevivência, aliada a alguma graça natural, salvaram-me quase sempre, nesses anos. Nas férias, fazia tudo à pressa, no último dia, às vezes, até tarde na noite. O professor gostava de começar pelos piores. Pelos que sabia que tinham fome de régua.

«Vocês pelam-se por levar com ela», repetia aos que tinha como irrecuperáveis. Aos sete, oito, nove anos, já, aos seus olhos, carregavam as marcas de que nunca serviriam para mais nada do que vir a limpar ruas, carregar fardos pesados ou, na melhor das hipóteses, terem as mãos pretas e a cheirar a óleo de motor. Numa garagem onde o mestre e os outros, que tinham merecido melhor sorte, levariam o Simca ou o Ford já com alguns anos para ser arranjado. Nessas alturas, professor e aluno fingiriam nunca se terem conhecido. Por isso, os bons alunos ou aqueles que não representavam uma ameaça imediata à estabilidade eram deixados para o fim da sessão. E, frequentemente, devido ao cansaço do mestre, nem sequer eram verificados.

Eu era um deles.

O sorriso permanente que, ou me vinha sincero, ou era ativado como forma de defesa, valia-me a simpatia dos professores. Mesmo quando errava nas contas, o que acontecia amiúde, era mais frequente levar apenas uma breve palmada na cabeça ou um toque de ponteiro, seguidos de um comentário bonacheirão. Comparados com as sovas que levava em casa ou as escaramuças de miúdos na rua, esses gestos eram quase beijos de mãe.

Mas, nesse Inverno, até as flores amarelas das azedas demoraram a aparecer. Todas as manhãs corríamos a mesma estrada, debaixo de chuva ou do frio da geada que cobria tudo de branco, procurando em vão.

A Mãe pareceu melhorar de estado de espírito, durante algum tempo. Ia fazendo amigas na fábrica de tecidos, que, por vezes, vinham lanchar

connosco aos domingos. Assim, entraram a Conceição, a Rita, a Maria Felismina ou a Geninha.

Mas as amizades duravam pouco. Ou porque estas não lhe demonstravam uma fidelidade canina e preferiam repartir o seu pouco tempo livre com a família. Ou porque insistiam em ter outras amizades, o que era para ela uma traição. Algumas vezes, afastavam-se por imaginarem que ela, mulher livre e só, não pensava noutra coisa que não fosse roubar-lhes os maridos.

Na verdade, nesses dias, a Mãe estava no auge da beleza que lhe coube. Era ligeiramente mais alta do que as mulheres à sua volta, tinha bons ossos de rosto e, apesar da alimentação desregulada, mantinha-se em forma. Os longos percursos, a pé, até ao local de trabalho, e o esforço árduo das tarefas não lhe permitiam engordar. E, fora de casa, transformava-se, com naturalidade, numa figura sorridente e com ditos atrevidos que divertiam e seduziam, numa primeira fase, as pessoas à sua volta. Era bonita longe das paredes que lhe lembravam que o marido a desertara. Ou onde tinha um filho que requeria o que a ela lhe parecia ser um esforço adicional.

«Só me dás trabalho, tu. Só, só...»

E eu a estender-lhe um amor infinito com os olhos. Simplesmente, nesse tempo, ela não o conseguia ver.

Aos poucos, ia-se fartando das amizades que fazia, das suspeitas de potencial adúltera, e voltava à solidão que ambos partilhávamos.

«Foi dizer àquela que...», começava, na voz nervosa. «Como se eu precisasse de...» «Uma ra-nho-sa a quem ajudei tantas vezes.» E, concluía, inevitavelmente: «Uma pessoa, hoje em dia, não pode confiar em ninguém. Ninguém!»

Eu ouvia-lhe estes discursos, intuindo, sem que o raciocínio o registasse, que também aquela amizade para a vida já tinha ido pelo cano abaixo. E assim se foi a Conceição e, uns tempos mais tarde, a Rita, depois a Maria Felismina, a Geninha e várias outras de quem não recordo os nomes.

No final de cada uma dessas relações de amizade, quando só lhe restava a certeza da cama fria e a de não ter ninguém com quem desabafar, tornava-se mais irritadiça. Nas casas ao lado, os meus tios e família sabiam disso. Conheciam-lhe o mecanismo de defesa pelo ataque e evitavam ficar a falar muito tempo com ela. Ou não apareciam lá em casa. Tudo isso a lançava contra eles, também, não sendo raros os períodos em que deixava de lhes falar. Por piedade, se a viam mais alterada e se a vida não lhes andava a morder os pés, não os deixando ver mais nada, iam-me buscar para sair com eles ou dormir nas suas casas.

Mas, a maior parte do tempo, éramos apenas os dois entre aquelas paredes apertadas. E muitas foram as vezes em que ela trancou a porta da rua à chave, por dentro, para que não acudissem aos meus gritos.

Ao contrário da minha mãe, eu ia fazendo amigos. Alguns, na escola, que acompanhava no regresso às suas portas, até eles desaparecerem para o que eu imaginava ser o colo de mães amantíssimas. Mulheres que lhes serviriam grandes sandes de pão fresco com manteiga e fiambre e copos de leite com chocolate. Nunca me convidavam a entrar, mesmo se eu lhes repetia que tinha muito tempo para regressar a casa, que ainda era cedo. As portas fechavam-se atrás deles, às vezes por um vulto feminino, sem que virassem a cara para um último adeus. E eu ficava mais um momento, com a mão no ar, em jeito de despedida. Só depois, puxava a mala da escola mais para cima, nas costas, e regressava à estrada gelada, a pensar no pão com queijo que deveria estar num prato dentro do forno do fogão da minha casa vazia. No dia seguinte, voltaria a ver estes amigos e a ser-lhes fiel como um cão. A rir-me das graças deles, a ajudá-los nas redações ou no que fosse. Para que não deixassem de gostar de mim. E, quem sabe, algum dia a mãe deles ou a criada me convidassem a entrar e a beber leite com chocolate de uma das suas canecas finas.

O Pai deu notícias no final de fevereiro. Por carta que a minha mãe leu em silêncio, sem uma lágrima. Vi a dor entrar nela pelo peito e espalhar-se pelo resto do corpo, até lhe chegar às mãos que começaram a tremer.

«O que foi?», perguntei, mas ela não me respondeu. Cruzou apenas um olhar rápido, mas sem me ver, realmente. «O teu pai...», disse, apenas.

Depois, levantou-se como se as pernas lhe pesassem toneladas e, levando a carta, desapareceu em direção à casa da Avó. Fiquei ali sentado, na mão um livro lido mil vezes, à espera do seu regresso. Duas horas depois, a porta abriu-se e a tia Lurdes apareceu.

«Anda, vem jantar com a tia. A tua mãe está em casa da tua avó a resolver um assunto. Gostas de açorda, não gostas?»

O meu pai tinha pedido, oficialmente, a separação. Encontrara outra pessoa e queria refazer a vida com ela. Já sabia que não poderia realmente voltar a casar, mas que ia meter os papéis para a separação. «Daqui para a frente, cada um pode seguir com a sua vida.» Como se não tivesse sido sempre assim. Que mandaria dinheiro para mim, sempre que pudesse. E, como prova de boa-fé, juntava duas notas de conto.

Foi o último dinheiro que vimos dele. Ao menos, não voltaria para desaparecer com o pouco que houvesse, na casa.

A Mãe foi buscar-me a casa da minha tia, já tarde. Eu adormecera no sofá, tapado com uma manta que pertencia ao bebé deles e que dormia no quartinho ao lado. Dessa vez, a minha mãe pegou-me ao colo, como se eu fosse muito pequeno e eu, semiadormecido, abracei-a por um instante. Mas, mal transpusemos a soleira da porta e o ar frio me atingiu, despertei e retirei os braços que tinha em volta dela, contorcendo-me para que me pusesse no chão. E, nos poucos metros que separavam as nossas duas casas, caminhei pelo meu pé, ao seu lado, tentando ignorar os soluços de choro que ela não conseguia suster.

Era abril e, uma tarde, ao regressarmos da escola, o meu amigo Bento apontou para um dos campos, parcialmente cultivado com seara e disse:

«Olha ali, as flores roxas. Vai começar a Primavera.»

O seu rosto de criança iluminou-se e eu deixei-me iluminar também pela sua alegria. Desatámos a correr, atirando as malas ao ar e gritando a palavra «Primavera». Alguns carros cruzavam-se connosco, na estrada não tão fria, nesse dia. Desviavam-se da nossa alegria com medo de que nos atirássemos para cima deles dando-lhes ainda mais cabo das vidas. Mas nós não percebíamos nada desse gesto e estávamos contentes.

«Primavera! Primavera!»

Os livros eram, para mim, uma forma de alienação cujos efeitos secundários começaram, desde cedo, a produzir efeitos. Enquanto me escapava do nevoeiro frio da infância que me tinha calhado e a alegria das páginas tomava conta de mim sofregamente, cavava também entre mim e o que me rodeava uma muralha. Aos poucos, fui deixando de pertencer àquela espécie de aldeia e os seus habitantes ganharam consciência de que tinham um estranho entre eles.

Por isso, briguei cada vez mais com outros miúdos que não faziam ideia daquilo que me entusiasmava ou me ofendia. Enchíamos-nos a cara e o peito de socos, pontapeávamos pilinhas, um sabido ponto fraco, esforçando-nos por não chorar de dor. Umás vezes ganharam eles, outras ganhei eu. E por ganhar, entenda-se que regressávamos a casa doridos, mas o outro tinha ficado a chorar, humilhado.

Os adultos, criados em mundos ainda mais violentos do que o nosso, limitavam-se a fingir que não viam. Pelo menos até ao ponto em que isso os obrigasse a levar-nos a um hospital ou ao sargento do exército que vivia perto e sabia coser, a frio, as feridas da carne. Para as de espírito, já se sabia, ninguém tinha remédio. Os homens e mulheres daquele lugar eram, todos eles, sobreviventes de várias guerras, sendo a da pobreza, que partilhavam, a mais temível. Quando se é pobre, ou remediado, como gostavam de dizer para se fazerem distinguir dos mais desgraçados, não há tempo para olhar as feridas ligeiras dos filhos. Usam-se as horas para dormir, ou para beber até cair, ou para ver jogos de bola como se a sua vida dependesse do resultado. Ou, no caso das mulheres, fazer bolos e criar dramas gregos, em que outras mulheres serão as megeras. Puxavam dessa crueldade entre elas, porque quando os gatos se estão a afogar pela mão do homem, dentro de um saco, a primeira coisa que fazem é rasgar os olhos aos outros gatos que se afogam

com eles. Ou elas, no caso. Os filhos eram alegria e parte do problema, ao mesmo tempo. Ninguém nos abraçaria por chegarmos com a cara inchada por um murro dado por outro rapaz. Por isso, nenhum de nós falava no assunto. Muito menos se a briga tinha começado porque um de nós se recusava a acreditar em coisas que já sabia provirem da ignorância.

A minha fome de leitura e a minguia de livros que tinha à minha disposição tiveram, um dia, um revés benfazejo. A tia Lurdes chegou com uma caixa de livros usados. Alguns realmente antigos, todos com as encadernações em mau estado.

«Olha, vê lá tu, a Dona Micas ia deitar estes livros todos para o lixo. Como sei que o meu menino é maluco por ler, pedi-lhe se mos dava.» Ela tinha um sorriso de orelha a orelha quando me disse isto – era nova, teria já trinta anos? – e me estendeu a caixa de cartão que tinha carregado ao peito durante quilómetros, pela estrada. «Achei que ias gostar, pronto.»

A minha mãe franziu o sobrolho. Não gostava que os outros membros da família nos dessem nada. O seu orgulho e a evidência da sua necessidade faziam com que não se conseguisse mostrar agradecida. Geralmente, eu tinha ordens para recusar fosse o que fosse. Mas, neste caso, faltavam-lhe os argumentos. Só disse:

«Mais porcaria para ele se distrair, em vez de fazer as coisas da escola.»

A minha tia protestou:

«Ah, não digas isso. Até o ajuda. Não que ele precise de aprender mais a ler, mas alguma coisa estes livros hão de ensinar...»

Eu não dizia nada. Um encantamento e sentimento de abundância que praticamente desconhecia, tinham-se apossado de mim. Tirava os livros, um a um, de dentro da caixa, lia-lhes os títulos e examinava-lhes as lombadas bastante degradadas como se remexesse em tesouros.

«*As Mil e Uma Noites*», li, alto.

«A D. Micas disse-me que o irmão dela leu esse, quando era novo, e que gostou. Ela, já se sabe, é uma pessoa fina, mas não lhe dá para a leitura.» E acrescentou: «Nem para os livros nem para lavar aquela cabeça, que nunca vi uma coisa assim...»

Eu remexi naquela edição muito antiga, coberta de buracos dos bichos da prata, com enlevo religioso. Depois peguei noutra, era Júlio Dinis. E num outro onde estava escrito, «Quinta de São Boaventura». E havia ainda mais uns dez, dentro da caixa. Tomei-lhe o peso e olhei para a cara cansada da Tia.

«Obrigado, tia», e fui abraçá-la pela cintura onde já se começava a desenhar um novo bebé.

A minha mãe olhou o gesto de carinho que eu fiz à cunhada, antes de se voltar para o alguidar da louça, onde uma caneca boiava na água de sabão.

«Já o estragaste até para o ano.»

Mas a Tia não respondeu, mantendo o abraço quente por mais um momento, antes de voltar para casa, para a sua própria família. Mas não me deixou sozinho. Meti-me num canto, atrás do meu castelo de letras.

É difícil ter noção do que aqueles livros me fizeram. Alguns deles tinham quase cem anos, cheiravam a pó e deixavam-me uma sensação de coceira nos pulsos que eu aliviava sem pensar. Por um acaso feliz, ou talvez a patroa da minha tia tivesse feito antecipadamente alguma forma de triagem, eram todos, ou quase, fantasiosos, daquele gênero que desperta a imaginação, abre possibilidades novas e, quando terminado, deixa o leitor com a sensação de que visitou uma terra até ali desconhecida. Li, apaixonadamente, os dois volumes de *As Mil e Uma Noites*, escritos numa grafia antiga, onde sobravam letras e surgiam «y» profundos. Os volumes pertenciam a uma coleção incompleta, mas, aqueles que me chegaram, deram para eu saber da existência de palácios cobertos de pedrarias raras, de cavernas que se abriam ao som de uma palavra mágica, mas que também poderiam aprisionar no seu interior quem cometesse uma imprudência. Havia ali uma sensualidade que eu já adivinhava, embora as palavras usadas ainda não conseguissem estabelecer relação com o que eu era. Mas, com o tempo, também este aspeto se tornou importante. Este foi o livro que mais reli, nos anos seguintes. Sobretudo, a partir do momento em que me veio parar às mãos uma lanterna pequena, de duas pilhas, que dava uma luz fraquinha debaixo dos lençóis, que me permitia continuar a ler, noite afora. Também nessa furtividade não me afastei dos rituais dos leitores do meu tempo. Ler tinha um limite horário que todos ultrapassávamos, de forma sub-reptícia e o coração aos saltos. Ler até cair de sono.

Dos outros livros dessa caixa, aprendi que, nem que fosse pelo amor, era possível romper barreiras de classe e lugares pré-definidos na escala social. Podia nascer-se pobre e vir a casar com uma morgadinha. Ou ser-se filha ou filho de ninguém, mas pelo bom coração encontrar alguém que nos levaria a viver num lugar melhor. O destino passou a ter um papel importante na minha esperança de poder vir a ter outra vida.

Num, muito diferente, descobri que havia famílias que se amavam e que passavam férias em quintas compradas, com sacrifício. O pai tinha de ir, durante a semana, para a cidade acudir aos seus deveres de médico ou de outra profissão abonada, mas acabava por voltar. Havia pais que voltavam. E que os filhos queriam que voltassem. Pais úteis, que insistiam em não se separar do núcleo que tinham formado com os seus filhos. Eu não tinha a certeza de querer ver o meu pai voltar. Por um lado, porque me desabituara da sua presença. Por outro, porque sabia que, nos momentos em que a violência se voltasse contra mim, ele não faria um gesto para a deter. Provavelmente, sairia pela porta fora ao encontro de algum amigo ou mulher de cabeleira falsa. Doía-me, sem o saber, apenas a ausência de alguém que me pudesse oferecer proteção. Mas, igualmente, nesses dias e durante muitos anos, achei que esse alguém nunca faria parte da minha vida. Como acreditar num deus a quem se conhecem as virtudes e a bondade, mas que sabemos nunca virá ao nosso encontro. Não por falta de qualidades divinas, mas por estar ocupado

com gente mais merecedora do que nós.

Numa das cartas que a Avó estava a ditar à tia Lurdes, pedi que dissessem ao tio Quim que eu andava a ler um livro maravilhoso, onde coisas mágicas aconteciam. Mas a minha avó recusou, porque o espaço dos aerogramas era precioso para se desperdiçar com fantasias de gaiatos. Mesmo assim, a minha tia escreveu numa linha muito apertada, ao fundo, já por baixo do «Recebe os cumprimentos desta família cheia de saudades», que eu «andava a ler muito e a gostar».

Só mais tarde me lembrei que poderia ter dito que Aladino também tinha entrado na cidade, em cima de um elefante.

A primeira vez que Quim viu elefantes, já estava há mais de um ano em África. A região onde tinha estado aquartelado, progressivamente desflorestada, não lhe permitira qualquer avistamento. Toda a gente local parecia ter um relato de encontros com um ou outro paquiderme, ao longo da sua vida. Mas quando lhes perguntavam quando, faziam sempre um gesto que queria dizer «há muito tempo». Naquela altura era mais frequente ver-se antílopes, búfalos e, não muito longe, bandos de leões que olhavam filosoficamente para as colunas de unimogues e camiões parecendo dizer que tudo aquilo acabaria por terminar.

Susaninha tinha-lhe escrito por graça: «Quando voltares há de trazer-me um corno de elefante para meter na parede do meu quarto», e ele tinha-se rido. Fora nessa mesma carta (ela enviara uma dentro de um envelope, debruado a traços coloridos e com um avião impresso, para poder juntar coisas, o que era mais caro, coitadita, sabe-se lá onde teria arranjado o dinheiro) que acrescentou, dizia, uma foto sua. Não era uma beleza, mas tinha o cabelo bem penteado preso numa fita, e com um sorriso artificial. Este sorriso falso era fruto do único fotógrafo da cidade, o Inácio, que mandava subir e descer a boca, abri-la e fechá-la, até que os músculos atingissem o que ele achava bom para a foto. Quim gostou. Pensou que, mesmo involuntariamente falso, aquele sorriso teria sido para ele. Só para ele. Quem sabe se um dia não beijaria aqueles lábios a preto-e-branco?

Ao décimo quarto mês, novamente saído da enfermaria, depois de mais um ataque de paludismo, Quim viu-se integrado num batalhão que iria viajar até à região de Niassa para acudir às tropas aí aquarteladas. Os guerrilheiros tinham intensificado os ataques e um grande número de baixas começara a preocupar o comandante-geral.

Foi uma viagem longa, penosa, até Metangula, nas margens do grande

lago. As tropas rebeldes tinham obtido bastante sucesso com os seus ataques e tornava-se necessário castigar esse gesto e recuperar alguns locais e armamento.

«Lá vamos outra vez para a morte», disse o Peres, que emagrecera perigosamente, no último mês, comido por uma infeção que não dava por curada.

«Tá calado, pá. Isto vai ser um ir e voltar, sem problemas», respondera-lhe Quim. Mas, por dentro, sentiu-se de novo a contrair. Habitara-se ao aperto no estômago, às idas nervosas, sucessivas, à latrina, até saltar para dentro de uma das Berliet ou unimogues e não ter outro remédio que esquecer o medo. Mas, dessa vez, não se sabia quanto tempo duraria a missão.

«Preparem bem as mochilas, com tudo o que precisam... porque não sabemos quando voltaremos aqui.»

E ele e os outros assim o fizeram.

Os carros partiram ruidosos pelas estradas de terra batida, onde as chuvas abriam crateras que se ultrapassavam a custo.

«Isto é um buraco com pedaços de estrada», resmungou Lourenço, que tentava ler um livro todo dobrado de poesia.

«Isso é de cobóis?»

«É. Uma cobiada mas com burros como tu.»

«Rimbaud (disse «Rim-bau-de»), só tu para perderes tempo com essas merdas. Estás aqui, estás a vomitar com os tombos da carroça.»

Lourenço não lhes respondeu, mas, daí a uns minutos, teve de desistir, o estômago feito num oito.

Continuaram o trajeto, durante um número insuportável de horas, só parando para abastecer em lugares remotos, em postos guardados por soldados tristes.

No início do segundo dia, Quim estava a dormir, todo retorcido no banco quando alguém lhe abanou o ombro.

«Ó Cachopas, acorda que tens que ver isto. Olha para aquilo, pá.»

Quim abriu os olhos, soergueu-se, mas a princípio não viu nada. Os colegas estavam todos dependurados no fundo do camião, a bloquear a vista.

«O que é que foi, porra? É para ver o quê?»

Levantou-se a custo e, furando pelo meio dos maiores, pousou as mãos na porta metálica, avistando a manada de elefantes que caminhava não muito longe da estrada que pisavam. Era mais de uma dezena de animais. Machos, fêmeas e três crias que caminhavam atrás das mães, segurando-se-lhe à cauda com a tromba.

Os companheiros de camião largavam piadas e observações sobre os bichos, mas Quim, estranhamente, não conseguiu dizer nada. A dimensão daqueles animais que nunca tinha visto ao vivo, embora soubesse que em Lisboa havia um, ou mais, que até tocava uma sineta, se lhe dessem cinco escudos, esmagava-o. Achava bonito, mas ao mesmo tempo era como se fosse excessivo suportar a dimensão daqueles seres. Voltou para o seu lugar

sentado, com o coração a bater intensamente e um nó na garganta. Não conseguia perceber por que razão estes animais lhe provocavam aquele efeito. Mas sabia-se atingido por uma visão que correspondia à metáfora de qualquer coisa que mexia consigo. Um grande macho afastara-se um pouco do grupo, continuando a caminhar mas observando a coluna de veículos. Era difícil determinar a sua altura, dois, três metros, talvez mais. Mantinha as presas intactas.

«Eh pá, olha só aquele marfim todo!», gritou alguém, «Jasus, há de valer pouco, há de...», e virando-se para um dos colegas atirou-lhe, por cima do barulho do motor: «Ó Amílcar, com aquilo até tu já compravas uma namorada, pá. Uma que não fosse preta, pelo menos. Ou que não te comesse sempre a sopa.» A gargalhada foi geral e Quim juntou-se a ela. O Amílcar caíra na asneira de ir falar, romanticamente, sobre uma mulher da aldeia próxima, com quem tivera sexo duas ou três vezes. Estranhara-a, a princípio, por não ser branca e ter um cheiro diferente das outras mulheres de quem se havia, timidamente, aproximado, em Abrantes. Mas, o facto é que nenhuma das portuguesinhas o deixara passar da soleira da porta. Ali, só com a promessa de casar. E esta, que já tinha dois filhos que dormiam virados contra a parede da palhota, enquanto ele se desvirginava, revelara-se doce e sensual. Ele deixava-lhe presentes quando saía e ela fazia-lhe uma festa na cara. Falou no assunto e ganhou de imediato o epíteto de «namorado da preta».

«Ó Amílcar, então tu não percebes que elas vão com todos? Dás-lhe um quilo de inhames ou um colar de plástico e elas deixam-te fodê-las toda a noite. Festinhas na cara... Só tu, ó patego.»

Nesse dia, no camião, nenhum deles sabia que Amílcar seria um dos poucos a regressar ileso. E que, contra todas as probabilidades, se voltaria a juntar à mesma mulher. Os dois fintariam o destino e ele mandá-la-ia chamar para junto de si, um ano após o regresso, à metrópole. Teve de vir sem os filhos – fora a condição – e levaria até quase ao fim da sua vida um caminho de humilhações racistas, no país para onde emigrou e que, em breve, não seria mais a capital do império. Mas, apesar de tudo, aquela coisa que os unira, desde o princípio, prevaleceu até ao fim. Pode falar-se em felicidade, mesmo se, ocasionalmente, a mulher era avistada, sentada num lugar alto, junto à pequena igreja do lugar, com o olhar a atravessar a paisagem de pinhais murmurando palavras de saudade na sua língua-mãe.

Um dia, apareceu em casa da Avó, no quintal para ser mais preciso, a namorada do tio. Já se sabia desta relação, mas, até aí, ela tinha-se mantido afastada, por isso, toda a minha família fingira que não existia. Mesmo se a rapariga morava a dois passos de nós.

O dia estava quente, e a minha mãe, a tia Lurdes e a Avó tinham-se sentado em semicírculo, debaixo do limoeiro. Susana morava mesmo na ponta do Bairro e eu já a conhecia de outro lugar qualquer, mas sem me conseguir lembrar. Não deveria ter mais de vinte anos, trazia um vestido modesto e via-se que tinha estado a pentear cuidadosamente o cabelo curto, preso por uma bandolete roxa. Haviam-na sentado, em frente delas, numa cadeira verde com fundo de buinho, ligeiramente mais baixa do que as outras. Um de cada lado, os dois cães da família, o *Labrego* e o *Faísca*, guardavam a roda.

Quando eu apareci, a minha mãe estava a falar com ela, em tom condescendente, como se lhe estivesse a dar alguma importância. O que todos nós sabíamos não ser verdade. Nunca haveria ninguém realmente importante para além dela própria. Mas, por razões estratégicas, começava sempre por parecer tão simpática que toda a resistência dos desconhecidos cairia por terra.

Estendeu-me o braço como se a luz dos seus dias tivesse surgido e disse para a rapariga:

«Ah, Susanita, este é o meu Tono, que já deves conhecer. E onde andou o amor da sua mãe?», disse, fingindo-se amorosa por mim.

Não tive tempo de responder, envolvido num enlace maternal muito diferente da chapadona que tinha levado nessa manhã por ter derramado o café com leite sobre a toalha.

A jovem fez que sim, sorrindo. Tinha uma palidez que lhe vinha de estar em casa, guardada.

«Sei, então não sei, vizinha, o Tono! Ele é que se calhar já não se lembra

de mim de lhe ter dado catequese, há dois anos.»

Ah, era daí que a conhecia!

«Então e ainda sabes aquela canção da Simone que andavas sempre a cantar?»

«Já não me lembro muito bem...»

Ela trauteou um pouco da «Desfolhada», mas eu, incomodado, não a acompanhei.

O braço em volta da minha cintura soltou-se, como se quisesse largar uma árvore e rastejar para a densidade da floresta.

«Ele, agora, é mais de andar a fazer asneiras com os outros...»

«Ah, não acredito. Se ele era o melhor a contar a vida de Jesus...»

«Era. Dizes bem. Agora, não faz nada que preste.»

A minha tia e a Susanita baixaram os olhos e eu produzi aquele som que agora se me ouvia muito e a que a minha avó chamava «impo», que era uma espécie de suspiro de ansiedade entrecortado. Reparei no aerograma que ela tinha na mão.

«Isso é do tio?»

Ela corou.

«Ai, que esperto, pelo menos na escola ainda deves ser bom.»

A minha mãe condescendeu.

«Com o que eu lhe ensino em casa, que remédio tem ele.»

A Avó que, para terror da rapariga cercada pelas harpias não tinha ainda dito nada, falou:

«Então e que mais é que ele te diz?»

Susanita corou, outra vez, e releu uma parte do texto.

«Diz que está bem. Que o que lhe custa mais é andar no mato...»

A Avó preparou-se para se levantar.

«Oh, nesse assunto já ele tocou muitas vezes...»

Olhou para o galinheiro.

«Isto que horas são? Não me posso demorar. Ainda tenho de ir enfiar o milho na goela de um dos patos, que não me anda a comer nada.»

A rapariga sentiu que estava a perder a audiência e procurou ansiosamente alguma coisa na carta que elas não soubessem.

«Ah, e diz também que quando voltar quer ir aprender para eletricista. Que ficou farto de carregar baldes de massa.»

Riu-se, jovial, sem perceber que as outras três se entreolharam, com ar ressentido.

«Pois, disso realmente não falou. Nem à mãe nem a mim, nem a ninguém.»

Susanita, ingénua, acrescentou:

«Pois, sabe como é que é, estando ele a pensar querer constituir família, andar só na serventia não chega.»

Nessa altura, um gato branco saltou o muro e entrou no grande quintal de terra batida. O *Faisca* avistou-o pelo canto do olho rafeiro e desatou a

persegui-lo, ladrando como louco. O *Labrego* ainda demorou um bocadinho a reagir, mas depois juntou-se à ladração, correndo atrás do bicho no seu passo pesado.

«Ai, que me dão cabo da salsa. Vocês querem ver?», gritou a Avó. E, pegando numa vassoura, lançou-se atrás deles, fazendo cães e gato desaparecer quintal afora.

Isto deu por finda a visita. A Susanita-Namorada estava apresentada.

Nessa noite, já metido na cama, ainda ouvi a minha mãe a falar com a Tia.

«Sabia que eles se andavam a escrever. Mas, com esta coisa das madrinhas-de-guerra, já ninguém sabe o que é namoro e o que não é.»

Ouvi os pratos a serem lavados com força.

«Ela não tem gracinha nenhuma. O Quim é que sabe, mas acho que podia arranjar melhor que esta matrafona.»

«Ah, coitadita, ela não é feia...»

«Não é feia? Porra! Aquilo é só ossos. É verdade que ele também não é muito grande, mas, mesmo assim, se a aperta, arrebenta-a.»

Riram-se, cruelmente.

«Deixa lá, até ele vir e não vir, ainda arranja outra.»

A verdade é que a coisa durou. Passámos a cumprimentar a rapariga sempre que a avistávamos na rua, às vezes, até se trocavam umas palavras, mais para tirar nabos da púcara sobre o namoro e as vontades secretas do meu tio, do que por outra razão qualquer. Ela, tentando aproximar-se, aparecia de vez em quando, de aerograma na mão. Nunca, durante esse tempo, lhe ofereceram sequer um café ou um pires de arroz-doce. Nada. Mas, quisessem ou não, tudo aparentava que o namoro, embora por carta, se tinha tornado oficial.

O acolhimento só melhorou um pouco quando vieram contar à minha avó que o pai de Susanita lhe tinha, um dia, dado uma sova, por ela querer namorar com um «pelintra». A Avó foi esperá-lo à rua onde sabia que ele iria passar, e perguntou-lhe se achava que a filha dele, por um acaso, tinha uma prega no cu a mais do que as outras. Ele que era muito baixinho, enquanto a Avó tinha mais uma cabeça de altura e uns braços fortes de amassar pão, encolheu-se um bocado. Não queria problemas. Uma coisa é bater numa filha que não se pode defender, outra seria levar uma chapadona nas trombas, dada por uma mulher em fúria. Respondeu-lhe, de olhos no chão, que não era por ele ser pobre, mas que não queria que a filha se comprometesse com uma pessoa que... Aqui, hesitou, mas acabou por soltar, «um rapaz que poderia voltar de lá ou não».

Disse, quem viu, que a Avó levantou para ele um punho fechado e o aproximou perigosamente daquele nariz que se quebraria com um piparote. Os seus olhos verdes terão faiscado. Mas que, depois, olhara para as roupas pretas que trazia por escolha e engolira parte da sua ira.

«Gostas tu tanto deste namoro como eu. Mas se eles querem o que é que

a gente pode fazer? É deixar correr, até ver.»

Limpou a mão suada ao avental, que não era preto.

«E quanto ao meu filho voltar ou não, não tenhas dúvida que o haveremos de ter cá outra vez, se Deus quiser. Nem que eu tenha de ir de joelhos até Fátima.»

Virou-lhe as costas para que ele não a visse chorar e voltou para casa. Nessa mesma noite, porque Fátima ainda era longe, prometeu um ex-voto de cera, em forma e tamanho do braço que ela tinha levantado ao eventual futuro compadre. E, pelo sim, pelo não, juntou à promessa uma nota de vinte escudos oferecida à Nossa Senhora d'Aires. A pregar-lhe no manto azul, em dia de procissão.

Por último, tirou o luto prematuro e mandou que escrevessem ao filho a dizer que seria ELA («Escreve aí em letra grande, para o caso de estar esquecido») quem teria de lhe dar autorização para mudar de emprego. E pediu que acrescentassem, a descaso, que não se metesse muito com as pretas que nunca se sabe o que poderia apanhar.

Eu, que ouvi ditar esta carta, não percebi a parte das pretas. Tive medo de perguntar, porque mesmo se a Avó nunca tinha levantado a mão para mim, o seu arquear de sobranceiras funcionava, já, como um perigoso aviso.

Uma manhã de domingo, a Mãe ficou mais tempo sentada a tomar o pequeno-almoço. Tinha na mão um postal dos correios que não me tinha deixado ler. De longe, percebi que era a letra do meu pai. Uma escrita percetível, onde as maiúsculas se misturavam de forma caprichosa no meio das frases. O «t» esticava-se para a frente, orgulhoso, mas, ao mesmo tempo, comido por uma ansiedade que o derrotava antes do «p» grafado, sempre, em letra grande. Eu achava que a sua escrita, apesar da ortografia errática, tinha um estilo próprio. Comparava-a com a minha, como um menino compara a amostra do seu pénis com o do pai: nunca lá chegaria. As minhas letras enroladas, sujas, alongavam-se pelas frases como aldeões bêbados num quadro de Bruegel.

«Um rapaz tão esperto e com uma letra que é uma porcaria», acostumara-me a escutar. E vá de mandarem-me fazer cópias em casa. Em vão. Só o conteúdo me interessava. A forma que admirava noutros, dera-a por perdida desde o início. Mas a letra do Pai não me parecia mal. Admirava-a. Mesmo depois de descobrir que os erros de ortografia se multiplicavam por tudo o que escrevia.

Ela bebeu um pouco mais do café com leite, a torrada gelada sobre o prato.

«O postal é do teu pai. Diz que vem cá, no domingo, e quer passar o dia contigo.»

Eu assenti, de forma quase impercetível. Não tinha nada para dizer. Ela, também não. Virou o rosto para fora, olhando para um lugar que não era aquele, como fazia nos momentos de impotência. Depois, disse, «Filho de uma magana», e levantou-se para despejar o resto do café na pia. Eu encolhi-me e virei os pés na direção da porta da rua. Mas ela limitou-se a acrescentar: «Se é o que ele quer, pois que seja. Levas é as botas velhas, para ver se ele te

dá umas novas.»

Nesse domingo, tomei banho no alguidar de zinco, entalado entre a sanita e o lavatório de ferro, e vesti a roupa de ir para a escola.

Ao som da buzina da moto, saí de casa. Ele tinha ficado parado à entrada do pátio, a sua silhueta grande de *playboy* do povo, entre mim e uma nesga de horizonte.

Dei-lhe a face a beijar e fingi que lhe beijava a outra.

«Estás um gajo crescido», disse, sorrindo, «daqui a nada, tens bigode.»

Uma fina camada de sotaque da capital tinha-se colado, à força, no seu discurso. Presa por pionés ao quadro de cortiça da sua nova vida. Ao longo do dia, falou muitas vezes dessa maneira, como a tentar provar a si mesmo que já não era dali; que a vida lhe tinha corrido bem e que agora pertencia a um lugar maior. Mas, inevitavelmente, volta e meia, a voz derrapava pela ladeira abaixo e vinha parar à planície onde o biscateiro que ele sempre seria recolhera toda a aprendizagem.

Foi um dia agradável, com ele a forçar a conversa, a falar-me de empregos miríficos onde praticamente o tratavam como patrão – coisa em que, mais tarde ou mais cedo, se tornaria, acreditava –, do apartamento com vista para outros prédios num lugar chamado «Moscavide», e que, pelas suas palavras, deveria ser de um luxo a que poucos acederiam. Pelo menos não os pategos que nós éramos, perdidos no lado de fora de uma cidade que já estava do lado de fora do progresso.

Levou-me a calcorrear as ruas da cidade, parámos diante do Templo de Diana para ele me explicar que «era naquelas colunas que se enforcavam os criminosos e toda a sua família até à quinta geração». Esse elemento, por assim dizer, histórico, deixou-me perturbado. Ocorreu-me que se ele fizesse alguma coisa grave eu próprio poderia vir a ser condenado. Os meus pequeninos pés balouçariam das colunas de pedra, por algo que não tinha podido controlar. E os meus filhos e os filhos deles e por aí fora, também. Para quem ainda não tinha nove anos, a coisa soava ameaçadora. Ao ver o meu ar alarmado, ele aproveitou para me pôr a mão no ombro e explicar que a solução era uma pessoa não se meter em trabalhos. De facto, ele não se metia. Pelo menos por mais de três meses.

Ainda cedo, fomos almoçar fora, a uma tasca que ele conhecia.

«Queres as febras? Bates-te com um prato delas?»

Eu olhei para um comensal próximo, que acabava de receber uma travessa com metade de um frango e batatas fritas, e tive vontade de pedir aquilo. Gostava mais, além de me trazer à memória a figura do meu tio, na noite feliz em que voámos naquele carrossel. Mas não me atrevi a contrariá-lo.

«Atão, ficam as febras», encomendou ao empregado.

E assim foi. Estavam boas, mas comi pouco, em pequenas dentadas, lento a mastigar como era o meu apanágio. Farto de me ver remoer na carne, a certa altura, cortou metade para ele, para «me dar uma ajuda». No fim,

mandou vir um pudim flan para mim e uma aguardente («mas daquela boa, não me traga uma zurrapa qualquer, que eu agora moro em Lisboa») para ele. Recostou-se, depois, na cadeira, palitando os dentes, e disse: «Com que então quase na terceira classe...» Tinha uns olhos bonitos, o meu pai. Mas, o que eles me diziam nesse momento era que ele não fazia ideia de quem era aquela criança desconhecida e que, dificilmente, acharia tempo para saber mais sobre ela.

Uma hora depois e mais uma volta pelas ruas, estávamos de volta. Desci da mota, e a Mãe aproximou-se.

«Vai para casa», disse.

Dei de novo a face a beijar e afastei-me, sem me virar para trás, deixando-os a discutir em voz baixa. Ninguém tinha nada a ver com a sua miséria.

Daí a pouco, quando ela voltou para casa, eu continuava sentado em silêncio numa cadeira da cozinha. Trazia umas notas enroladas na mão.

«Na terça-feira, na hora do almoço, vais ter comigo ao pé da fábrica e vamos a correr ao mercado. O teu pai quis-te pagar umas botas novas. Vá lá.» Entrou no quarto para guardar o dinheiro. Ainda a ouvi soltar: «Ao menos, não gasta este nas putas.»

Nessa noite, ou talvez na seguinte, sonhei com um pai. Era ele e não era. Sorria e as pessoas à sua volta cumprimentavam-no como se o conhecessem de um lugar distante, da televisão ou do cinema. Depois, eu e ele subíamos para um avião. Eu tinha medo, mas, ao mesmo tempo, estava contente com a sua presença. Subitamente, a porta da aeronave abriu-se e eu fui puxado para fora, iniciando uma queda infinita. Acordei com o susto e comecei a chorar baixinho. A minha mãe veio ver o que era.

«Foi um sonho, caí de um avião.»

«Volta a dormir, vá.»

Depois, a mão dela tocou o lençol e senti a humidade da urina que se me desprendera. Gritou alto o meu nome, apesar da hora tardia, e acendeu a luz crua do teto, para desviar a roupa de cama e me ver urinado e indefeso no meio.

Dormi melhor, nas horas seguintes, depois de sossegarem os soluços causados pelas pancadas.

Ao menos ela não se tinha ido embora.

Quim sonhou algumas vezes com as cataratas Vitória. Alguém havia aparecido com um postal e, sem saber porquê, apaixonara-se por aquela cortina de fumo branco que se desprendia das alturas.

«Eh pá, isto parece-me ser lindo. Ó Lourenço, tu que tens a mania que sabes tudo, diz-me lá se isto aqui é muito longe.»

«Mosi-o-Tunya», respondeu ele, sem se dar, como de costume, ao trabalho de levantar a cabeça do livro que estava a ler. Estava deitado no chão, por cima de um pano que tinha trocado por uns rebuçados da tosse, a uma mulher do vilarejo próximo. Ao contrário das noites frias, naquela hora, o calor tornava o ar quase irrespirável.

«Mosiótonho és tu, pá. Perguntei-te se sabias se era longe, porra. E tu pões-te a falar à preto para desconversar. Não queres dizer, não digas.»

Lourenço riu, espontaneamente. Os dentes, levemente sobressaídos, começavam a amarelar devido ao fumo do tabaco.

«Não é isso, estúpido. Estava-te a dar o outro nome das cataratas. Vitória e Mosi-o-Tunya é a mesma coisa. Ah, alentejano, que um gajo não pode brincar contigo, caralho...»

Quim abanou a cabeça, os olhos no postal, ainda chateado.

«Ao que tu gostas de brincar, já eu sei, mas a mim não me apanhas.»

O outro voltou a soltar uma gargalhada levemente amarga. Já não se ofendia. O que antes seria uma insinuação que era preciso afastar, tornara-se agora num pormenor no meio de um quadro muito maior. Diante da morte dos outros, tinha perdido toda a vergonha. Aprendera a ler os sinais do desejo nos outros soldados. Estavam todos enfiados à força num barco de cio. E muita coisa podia acontecer, a coberto das sombras. Estavam só os dois naquela sombra, de onde se avistava o movimento do aquartelamento. As sentinelas, junto à porta de armas, também se tinham sentado na sombra, a fumar.

«Fica longe, fica, amigo. Entre a Zâmbia e o Zimbabwe.»

«Então, nem sequer é Moçambique?»

«Não. Há de ter sido a mesma terra, antes do mapa cor-de-rosa.»

Quim fez um trejeito efeminado com a mão.

«Não viesses tu com o cor-de-rosa.»

As águas brilhavam, poderosas, no postal.

«Gostava mesmo de ver esta porcaria, pá. Mas não me deve calhar em vida. Se eu nem a Badajoz fui.»

«Também não há lá nada para ver. Devias ir a Paris. Ali sim...»

Quim arregalou os olhos, impressionado.

«Porra, Lourenço, tu já foste a Paris?»

O outro tinha voltado para o livro. Mas ainda lhe respondeu.

«A Paris, a Londres e ao Luxemburgo. Não é difícil lá chegar. Já à América é que é mais caro. “Los Angeles de seda, Los Angeles do céu...”»

Um unimogue com dois oficiais deu entrada no quartel. Os soldados de guarda levantaram-se e bateram-lhes continência. Um dos oficiais disse-lhes qualquer coisa, mas estavam longe, não dava para entender. Quim seguiu-os com o olhar, mas ainda a pensar naquilo que o outro dissera.

«Vida desgraçada, a dos pobres. Morro sem ter visto nada disso. Quando a guerra acabar volto para a parvoeira e ali vou ficar até ao fim.»

«Se voltares...»

«Ó Lourenço. Porra, pá! Este gajo, hoje, está demais.» Atirou-lhe com o postal, mas outro desviou a longa cara trocista da trajetória, enquanto observava o movimento na entrada. «Olha, parece que está ali a haver qualquer coisa.»

Uma Berliet também tinha entrado e alguns soldados desceram. Reconheceram o Gonçalo e o Fagundes, que eram batedores. Regressavam da picada poeirenta e dirigiam-se para o posto de comando. Os movimentos apressados deixaram Lourenço e Quim subitamente tensos.

«O que é que achas que foi?»

«Não sei, mas cheira-me que há merda.»

«Terá sido alguma mina que estourou?»

«Não me parece. Senão traziam alguém ferido com eles.»

«As minas são lixadas. E os *turras* encheram esta merda com elas.»

Da ruela ajardinada das messes, vinha, em passo apressado, o comandante.

«Ui! Ou houve porcaria ou vai haver...»

*

«Querida mãe, não sei se chegaram aí algumas notícias menos boas, espero que não, mas eu estou bem. Ainda estou em Furancungo, mas dizem que mais um pouco e descemos para Lourenço Marques. Já falta pouco para estar de regresso. Mais uns sete meses e já vão ter o Quim de vocês para abraçar. As saudades são tantas que já nem sei dizer. Espero que digam à

minha Susanita que eu estou bem e que também tenho saudades dela. Coitadinha, não lhe tenho escrito. Mas muita coisa aconteceu nos últimos meses. Houve o (parágrafo inteiro riscado com tinta preta) Mas o que interessa é eu estar safo. A novidade é que dizem que a televisão vem cá ao nosso quartel para filmar por causa do Natal. Fiquem alerta porque se eu puder aparecer, apareço. Só para me verem e saberem que estou bem. E para matarem saudades até ao meu regresso. E o nosso Tóno como é que vai? Digam-lhe que o tio pensa muitas vezes nele e que até já estou a guardar umas prendas para lhe levar. O macaco é que é capaz de não dar. Muita pulga. E para vocês também tenho coisas. Não se preocupe com o dinheiro, mãezinha, que aqui é tudo barato. Há coisas até que são de graça. Já tenho umas pulseiras para as manas e, se Deus quiser, hei de comprar um tapete com elefantes que há aqui e que são muito bonitos e podem-se meter no chão ou nas paredes para enfeitar. Sete meses, mãezinha, e estou aí. O mais importante é estarmos de saúde.»

*

O ataque foi violento. A madrugada rebentou em tiros e explosões. A guarnição defendeu-se como pôde, a princípio, antes de se lançar ao caminho, a tentar travar a própria destruição. Às vezes, era mais fácil, mas, naquela vez, tinham chegado guerrilheiros altamente treinados. Emboscados, matavam os portugueses que apanhavam. Iam a oito. Os tiros apanhavam-nos no peito, na cabeça, nas axilas, em qualquer lado. Apontavam sempre aonde pudessem matar, mas muitas vezes acertavam na barriga ou nas pernas e a morte sobrevinha, mas mais lenta.

As picadas, em volta, tinham sido ainda mais armadilhadas do que já estavam. Berliets e unimogues saltavam no ar como bichos metálicos a levar dentadas. Pedacos de corpos voavam até ao cimo das árvores ou aterravam no chão seco. Ainda nesse dia, mal caísse a noite, animais passariam a recolher um braço ou um pedaço de perna esquecido num lugar mais escondido. Os insetos e os vermes tratariam do resto. Ninguém daria pela falta, de qualquer forma, quando chegasse o caixão, fechado com chumbo.

Dos dois lados se morreu, nessa madrugada e nas horas seguintes. A lista de nomes seria extensa, forjada entre a Europa e a África.

Lourenço foi um deles.

Uma bala simples e certa entrou-lhe no meio da testa. Como nos filmes.

«Quando morrer, vou dar um belo cadáver», costumava dizer. E deu. Um rosto bonito por mais algumas horas, apenas marcado por um círculo negro. Alinharam-no ao lado de outros menos favorecidos pela beleza e saber. Todos, finalmente iguais, debaixo dos panos que os cobriram.

Quim avistou-o, um pouco antes de lhe taparem o cadáver. Primeiro não quis crer mas depois sentiu a notícia entrar no peito como uma broca que revirasse tudo. «Lourenço, ó Lourenço...», murmurou baixinho, a bola que se

formara na garganta a querer sair-lhe pela pele. Baixou-se até junto do camarada e, com a mão ainda suja de um sangue, que não sabia ser dele ou de outro, meteu-lhe o postal das cataratas Vitória no bolso do camuflado. Depois, pensou melhor e voltou a guardar a imagem no seu próprio uniforme. Aquilo era apenas um sonho dele, Quim.

«Até já, camarada», disse-lhe ou julgou ter-lhe dito. Tocou-lhe uma última vez no braço que ainda lhe parecia morno e imaginou-o de livro na mão, com a capa toda dobrada para trás, a dizer qualquer coisa sarcástica, enquanto a paisagem africana corria veloz, do outro lado da janela de um comboio.

Depois, levantou-se como se o corpo lhe pesasse toneladas e foi ajudar a transportar feridos e a colocar de pé algumas das coisas que tinham sido destruídas na base, naquele dia.

O tempo arrefecera definitivamente. Eu recebi, por antecipação de Natal, um gabão, igual ao de outros rapazes do Bairro. Era um manto enorme, de lã castanha, e que me cobria até aos pés. Não era uma coisa barata, para nós, tal como as botas alentejanas pagas com o dinheiro do meu pai e que era preciso engraxar com sebo por fora. Nenhuma criança, sozinha, conseguiria soltar delas os pés, pela sua forma em armadilha de pássaro. Acabava sempre no chão ou semipendurado no ar quando as descalçava. Era com elas, agora acrescidas deste monstro de lã castanha, que eu me arrastava pela estrada gelada acima. Se chovia, era pior, porque a lã encharcava e cada passo tornava-se num castigo.

A geada voltara a cobrir tudo e saía-se de casa ainda com restos de noite pegados ao caminho.

Na escola, para nosso alívio, o professor tinha acalmado. Murmurava-se que tinha a filha doente. Muito doente. Nós regozijávamo-nos, transferindo para ela o ódio que tínhamos ao pai.

«Bem feito», dizíamos contentes. «Pode ser que morra e ele tenha de se ir embora.»

Não nos ocorria, nem por um momento, estarmos a falar de uma outra criança, embora a tivéssemos visto. Que talvez se sentisse tão miserável como nós. O professor tinha-a trazido, uma vez. Era uma menina ligeiramente mais velha do que nós, que ele sentou ao fundo e com quem falou apenas uma meia dúzia de vezes, durante o dia. Uma criança pálida e assustadiça, com uma fita na cabeça e uns olhos grandes, mas que ela mantinha quase sempre em baixo. No recreio tentou dizer-nos alguma coisa, fazer amizade. Mas nós limitámo-nos a acenar com a cabeça e a criar distância dela como se tivesse peste. Estava, agora, no hospital, e apenas desejávamos que Deus a usasse para causar dor ao pai.

Não tivemos sorte. Uma semana antes das férias, ele regressou com ar contente.

«Se as vossas mãos perguntarem», (não perguntariam), «digam-lhe que a Olga Maria já teve alta.» Levou os olhos ao crucifixo na parede e beijou os dedos. «Graça a Deus.»

«Osga Maria», pensei. «Putá!»

Nesse dia, ele voltou a ganhar ânimo para ensinar quantos litros eram precisos para encher um tanque de horta com 5,24 metros quadrados, não chamou ninguém ao quadro e tudo acabou bem, até tocar para a saída.

Mas, no outro dia, já estacionou o carrancudo Volkswagen em frente do portão, de forma abrupta. E correu metade da turma ao estalo, por não saber o presente do conjuntivo do verbo «fazer». À saída, voltámos todos a desejar a morte da Osga Maria e que uma bomba caísse em cima do carro dele. Mas, claro, não tivemos sorte. Nem a rapariga feneceu, nem o Volkswagen odioso voou pelos ares. E merecia, se merecia!

Em casa, havia uma nova agitação, desta vez, boa. Tinha chegado aerograma do meu tio a dizer que era seguro que a companhia dele ia ser filmada para as mensagens de Natal na televisão.

«Adeus e até ao meu regresso», brincava a tia Lurdes. Mas via-se que estava comovida. As mulheres da família andavam tocadas por esta hipótese de matarem saudades do rosto querido.

«Ai, como é que ele estará? Deve estar mais magro, só pode, com a comida da tropa e o andar na guerra.»

A Avó não queria dar parte fraca, mas teve de soltar:

«Estando longe da comidinha da mãe, não admira. Ninguém o tratava como eu.»

As minhas tias fingiram mexer em qualquer coisa para não responder. Todas sabiam que o Quim estava longe de ser o filho favorito dela. O mais velho, esse sim, o primogénito. O que lhe respondia sempre com maus modos ou de forma seca, mas a quem ela ainda enfiava no bolso fatias de bolo ou metade de um queijo para ele comer no trabalho. O primeiro dos filhos. Mas ela insistia: «O quartel não enche a barriga como uma mãe.» E, naquele momento, acreditava no que dizia.

As mensagens de Natal começaram logo na segunda-feira. Os soldados vinham em filas, no meio do mato a preto-e-branco. Tinham poucos segundos para dizer as frases.

«Fala o soldado Abílio Fernandes, para pais, irmãos e restante família e possível noiva. Adeus, até ao meu regresso.»

«Fala furriel miliciano Soares, para Tomar... (inaudível) tal.»

Mudava-se de cenário, sem explicação, e agora era num quartel, e o microfone passava de um para outro.

«Até ao meu regresso.»

«Até ao meu regresso.»

«Alferes miliciano Paiva, para pais e futura noiva. Um Ano Novo cheio

de prosperidades.»

«Adeus e bom Natal.»

«Queridos pais, daqui fala o soldado...»

Em volta da nossa braseira, estendíamos os olhos e os ouvidos para o televisor.

«Ai, será que ele vai falar?»

«Se calhar não é hoje.»

«É hoje. O meu coração diz-me que é já hoje...»

De repente, o grito.

«É ele ali atrás, é ele!»

A tia Lurdes a pôr-se de pé.

«Onde, onde?»

«Aquele com a boina ao lado... O que tá quase a falar.»

Colámo-nos todos ao ecrã, para ver se sim ou não.

«Adeus, até ao meu regresso», concluiu o soldado antes da figura indefinida.

Mas, antes que pudéssemos saber, na televisão cortou-se para o genérico final das mensagens. Toda a gente recuou, desiludida.

«Não era ele, com certeza.»

Uma parte da família põe-se em pé e ajeita o casaco antes de ir para fora. A noite está gelada e escura.

«Oh, que pena... Afinal, não foi hoje.»

«Bom, fazer o quê?»

«Vamos andando. Talvez amanhã.»

A Avó desviou o rosto do ecrã, sentindo, finalmente, as pernas em fogo pelas veias dilatadas.

«Pode ser que amanhã...»

*

No dia seguinte, jantámos todos mais cedo para não perder o programa. A família foi entrando, na minha casa, embonecada nas roupas de Inverno.

«Atão, já começou?»

«Não, ainda está um homem qualquer a falar.»

«Isto quando começam com conversas em família, nunca mais se calam. Se não é um é outro. Para dar alguma coisa que preste...»

Os cães começaram a ladrar do lado de fora. A minha mãe foi espreitar, mas voltou, rapidamente, para dentro.

«Não é nada. São malucos, dá-lhes para fazer barulho.»

«Algum gato...»

«Querem café? Ainda lá tenho, fiz de tarde.»

«Ai, credo. Não sei como podes querer beber café a esta hora. Se fosse eu, levava a noite aos saltos na cama.»

«Eu bebo», disse o tio António.

A mulher fez uma cara contrariada. A barriga já começava a incomodá-

la.

«Pões-te a beber café, depois não há quem te ature até às tantas.»

Ele olhou-a friamente. Calculo que ainda fosse novo, nessa altura, mas o seu rosto era de velho, com vincos marcados na pele escura, sempre mal barbeada.

«Atão? Queres ver que tenho de me chatear.»

Ela desviou-se, nervosa, sem responder. A minha avó fez aquela expressão que queria dizer, «metem-se com eles, depois admiram-se de as papar na cara».

Para alívio de todos, o genérico das mensagens apareceu.

«Ai, ai, ai, ai, que vai começar! Mãe, venha mais para o pé do lume.»

«Estou bem aqui, no meu canto.»

Apareceram os primeiros soldados. Todos de uniforme aberto, para lá das conveniências militares. Falavam alguns segundos, meia dúzia de palavras que mal se entendiam. Quase sempre as mesmas.

«Fala o soldado Lemos, número 64823, para pais, irmão, irmã e restante família...»

Subitamente, sem qualquer preocupação de montagem, corta para a cama de um hospital, iluminada à bruta. Um rapaz de bigode e barba feita estava deitado, um dos braços para trás, e era a enfermeira que lhe segurava no microfone.

«Atenção Olivais Norte, daqui fala Luís Alberto... (apelido inaudível), desejo à minha querida irmã, cunhado e sobrinhos, e futura noiva, um bom Natal e até ao grande dia.»

As mulheres da casa empalideceram. A guerra deixara de ser feita apenas de rapazes ansiosos, de uniforme quase desleixado, a dizer que estavam bem, apesar das saudades. O que ali estava era a doença, talvez ferimentos de guerra. Não se viam marcas deles naquele rapaz, nem nos outros que se seguiram, nas camas, deitados. Pálidos, apenas.

«Coitadinhos, coitadinhos, como é que ficarão aquelas mães ao ver isto.»

«O mais certo é trazerem-nos mais cedo para casa.»

«Coitadinhos, coitadinhos.»

Na cozinha apertada, todos, menos eu, diminuíram a esperança de ver Quim regressar inteiro. Não sabiam das minas, nem dos acidentes de unimogue, frequentes, nem da malária, nem das doenças causadas por bactérias para as quais não havia cura ocidental. Porque ninguém tinha ordem de falar disso e o pouco que se ia sabendo vinha da boca de alguma vizinha, aliviada pelo regresso do filho, mesmo se fatiado. Não sabiam de quase nada, mas tinham razão em ter medo.

Olhámos as caras dos soldados que falavam, uma por uma. Nada do rosto querido, naquele hospital. Ao menos, não estava ferido. Antes assim.

No dia seguinte, repetiu-se o ritual, agora já com menos esperança. Nem todos da família apareceram. O tio António bebeu de novo café, apesar dos protestos da mulher e saiu antes de acabarem as mensagens. O Inferno era

onde ele já estava, sem precisar de ver África a preto-e-branco. Seis da manhã de Inverno e saltaria da cama. As colheres para chapar o cimento à sua espera. A areia que descarregaria da carrinha de caixa aberta, às pazadas, a dizer o seu nome. O patrão, que também não teria onde cair morto, a passar por lá e a descompô-lo por não ter feito bem o reboco daquela porta e que agora teria de recomeçar de novo. António tinha a sua própria guerra. Desde sempre. Achava-a mais dura, porque a travava em silêncio. Sovas de cinto e de pau recebidas, se dissesse a coisa errada. Lutava para evitar a fome, a dele, a da mulher e dos filhos, o que já lá estava e o outro a caminho. Nessa noite, deixou para trás a possibilidade de avistar o irmão. O que se estava sempre a rir e de quem toda a gente gostava. O que antes de partir tinha de ver os golpes amparados por ele para que não o despedissem. Rapaz fraco, sempre fora fraco. A obrigá-lo a ele, o irmão mais velho, a intervir para que o desculpassem. O irmão sério, a desdramatizar o erro e a pedir que tivessem paciência.

Na rua, o ar estava particularmente gelado. Acendeu um cigarro sem filtro e aspirou ansiosamente o fumo que lhe comeria as artérias aos poucos, até ao dia em que o coração não aguentaria mais.

«Se fosse para mim», pensou, «queria ver se ficavam ali pregadas à espera de me ver, noites a fio. Era o ficavas. Sou bom, só para trabalhar.»

O choro do filho pequeno, que deveria ter acordado, entretanto, na casa ao lado, chegou até ele. Ficou à espera que se calasse. Ou que subisse o tom e o obrigasse a entrar em casa para lhe dar umas nalgadas. Quase o desejou. Que ele lhe pedisse com o choro irritado que lhe fosse bater. Só aprendiam assim, a levá-las. Como ele tinha apanhado, injustamente, mas sem que o ouvissem queixar-se. E a mãe do filho era uma passa-mole que nunca levantava a mão ao menino. Se não se calasse teria de entrar à bruta e, pelo menos, mandar-lhe um berro. Guerra? A dele estava ali. Sempre presente. A criança pareceu ter escutado as ameaças, do berço onde se empinava, e voltara ao silêncio. «Isso, calado, safas-te melhor.»

O irmão, de novo, não apareceu e a mulher juntou-se-lhe na noite fria, dando-lhe o braço para o levar para a cama.

No dia seguinte, à luz do dia, a minha mãe queixava-se.

«Nada. Não há meio de aparecer.»

«Sabes como é que é o teu irmão», a Avó tinha a cara fechada, sentada no quintal, com uma galinha entalada entre as pernas, que alimentava de grãos de milho, à força. «Se calhar, nem lá foram. Ele é que meteu isso na cabeça e veio-nos desinquietar, para nada.» Pegou na galinha aturdida e atirou-a de volta ao galinheiro. Depois, pegou num pato que estava encolhido num canto e trouxe-o para o mesmo lugar onde estivera sentada. A mão carregada de grãos de milho a enfiar na goela do bicho. Ali, ninguém tinha ordem para morrer antes de tempo.

Nessa noite, não houve telejornal nem mensagens de Natal. Desde a tarde que a transmissão vinha do hospital de São José.

«Boa tarde e bem-vindos a mais um Natal dos Hospitais», os olhos bonitos do apresentador que todos conheciam, piscavam, como se não lhe passasse pela cabeça estar noutro lugar que não aquele, rodeado de doentes e cheiro a fenol. «Cinco horas de emissão em direto, para levar mais uma palavra de esperança aos que sofrem e, sobretudo, celebrar o nascimento de Jesus.» A plateia aplaudia, obediente. Médicos sentados atrás, autoridades e mulheres de autoridades nas filas do meio e à frente. As crianças ficavam no chão e doentes, vestidos de pijamas ou camisas de noite, cobertos por roupões ou robes, sentados em cadeiras de rodas. O plano abre de novo sobre o pequeno palco atafalhado com adereços pobres, um presépio de bom tamanho e a mensagem «Feliz Natal», presa por dois anjos e muita fita-cola.

Com voz untuosa, que ele presumia ser sedutora, o apresentador lia, em seguida, as mensagens das autoridades que tinham mais para fazer do que ficar sentadas a ver a palhaçada. «... e para Vossas Excelências, desejo um santo e rico Natal.»

«Rico só se fores tu, que há des ganhar pouco, há des...», resmungou a tia Lurdes, enquanto amassava as filhoses. A tradição era fazê-las no Carnaval, mas ela gostava sempre de fritar algumas para pôr na mesa da consoada. Um cheiro a ervas-doces e sumo de laranja enchia a cozinha onde estávamos. Eu ajudava a amassar, de vez em quando. As mãos pequeninas, de menino, a entrarem pela massa como quem se enterrasse num corpo de mãe. Ela desviou os olhos da televisão e sorriu-me.

«E tu? O que é que será que o Menino Jesus te vai trazer?»

Encolhi os ombros, mas estava um pouco preocupado. Era do conhecimento geral que o número de presentes estava diretamente ligado a ser-se sempre bom. E, ultimamente, eu duvidava de o ser. As críticas constantes da minha mãe, o falhanço persistente em ter interesse na aritmética que o professor nos enfiava pelas mãos com uma régua e uma ou outra coisa, inconfessável, mas que suspeitava fortemente ser do domínio do pecado carnal ou da aproximação a esse lugar de Inferno, pelo menos, faziam-me duvidar. Não, não tinha sido sempre um bom menino. Logo, melhor seria não ter grandes expetativas para o que iria encontrar na manhã de Natal.

Na televisão, uma fadista deixava sair da armação de cabelo e laca uma toada trágica, de contornos fúnebres, acompanhada à guitarra e à viola por dois homens de fatos escuros e gravatas fininhas. Quando acabou, a audiência lançou-se num aplauso frenético de palmas contidas.

Eu odiava estes números iniciais. Só lá mais para a noite apareceriam os cómicos e os artistas mais conhecidos. Ver o Natal dos Hospitais era também um exercício de paciência, como quem apura uma receita em lume brando e que só ao fim de algumas horas é que começa a parecer-se com algo apetitoso.

O olhar da tia, agora, a aquecer o óleo de fritar, estava num absurdo cabaz de Natal, no canto do ecrã.

«Ai, ai, ai... Se nos calhasse aquele é que era bom. Olha só o tamanho desse bacalhau e... Ai! Acho que estou a ver uma garrafa de champanhe... Ó

pá, até champagne têm! Eu nunca bebi, mas sabe tão bem.»

A conversa do sorteio do conjunto de prendas a transbordar de um cesto era recorrente. A televisão sorteava, todos os anos, este conjunto alimentício de luxo, a quem pagasse a taxa radiofónica. Num país a que a fome não era estranha, ver aquela despensa obscena fazia crescer água na boca. Fazia sonhar. Por isso, a possibilidade de receber aquilo tudo em casa excitava milhares de donas de casa como a Tia. Claro que ali, no Bairro, não iria calhar a ninguém, pela simples razão de os habitantes verem televisão ilegalmente. No meio da pobreza, pagar uma taxa elevada por umas horas noturnas de entretenimento, estava fora de questão. Os fiscais que andavam a espreitar as antenas por todo o país, ficavam-se normalmente pelas ruas da cidade. Os bairros pobres, com chão de terra ora poeirenta ora enlameada, ficavam distantes, sujavam as calças, e, já se sabia, só iriam dar chatices. A multar, seria casa sim, casa sim. Uma trabalhadeira. Por isso, raramente se davam ao trabalho de lá ir.

«Mas, e a tia pagou a taxa?»

Ela deu uma gargalhada.

«Eu? Ó filho, aqui é mais esticar o ordenado e arreganhar a taxa. Não podemos, além de que o teu tio diz que não anda a trabalhar para encher o cu aos ricos.» Suspirou. «Mas nesta altura do Natal, admito que gostava de ter tudo em ordem, para ver aparecer o nosso número e levar aquilo tudo para casa. Sonhos! Mais um.» Provou a massa crua. «Está boa. Vou só juntar um bocadinho de aguardente para a nossa vida ficar mais macia.» Despenteou-me com a mão húmida e amiga, enquanto no televisor o conjunto Maria Albertina atacava piedosamente com «Tu és uma ave-maria, o meu rosário de amor», acompanhado a acordeão e ferrinhos.

*

No dia seguinte, as mensagens dos soldados voltaram. De novo, a família se juntou em volta da camilha. Os soldados iniciaram a ladainha permitida, um a um, e, à medida que se sucediam, a nossa esperança diminuía.

Subitamente, a minha mãe deu um grito.

«Ai, tá ali o nosso Quim!»

«Se calhar não é ele, se calhar não é ele!»

«Aonde, aonde, ai, valha-me Deus!»

Mas, desta vez, era. Magrinho, mas lá estava com aquele sorriso aberto. No preto-e-branco, parecia mais bronzeado. Ao mesmo tempo, havia nele uma palidez que lhe desconhecíamos. Tinha o bivaque da tropa e o camuflado vestido, de mangas arregaçadas. Ao pescoço trazia um fio, com qualquer coisa pendurada, que apertava com uma das mãos.

«Aqui fala o soldado Joaquim Cachopas, para os meus irmãos, mãe e sobrinho...» Nesse instante, sem que o sorriso caísse, pareceu ir desatar a soluçar, mas recompôs-se e ainda disse, antes de ser empurrado por outro: «Feliz Natal e não me esqueço de vocês.»

Durou menos de um minuto esta aparição. Mas era como se uma explosão nos tivesse atingido e os seus fragmentos viessem na nossa direção em câmara lenta, antes de nos entrarem no corpo para, finalmente, ouvirmos o detonar e sentirmos a dor.

«Ai, meu rico mano!», «Ai, meu rico filho! Tão magrinho que ele está.»

E eu, agarrando-lhes a roupa: «Mãe, ele disse o meu nome, não disse? Falou no sobrinho!»

E, como se acabássemos de receber a notícia de uma morte iminente, desatámos todos a chorar. Quim deixara de ser uma memória querida e um conjunto de frases escritas numa carta. Ganhara, de novo, um corpo e voltara a fazer escutar a voz que lhe conhecíamos. Era ele, mas longe do nosso alcance. A morte e a doença como companheiras. Chorámos, sem saber bem porquê. Mesmo se mais tarde nos viemos a sentir gratos por, no meio daqueles milhares de rapazes e homens enviados para a dor, lhe ter calhado a sorte de ser escolhido para falar. E, sobretudo, pelo facto de o seu testemunho não ter sido cortado na edição.

O choro só parou quando eu disse:

«Tia, diga lá se isto não foi melhor do que lhe ter saído o Cabaz de Natal!»

Ela riu, no meio das lágrimas, e cobriu-me de beijos.

«Foi, isso foi, lindo. Porra para o bacalhau e para o champanhe da televisão.»

Não se sabe o que a guerra pode fazer a um homem, sem se ter lá estado dentro. É um poço imenso e fundo, de onde se levará o tempo todo a tentar sair. Em vão. Um dia, tem-se as mãos na beira e preparamo-nos para sair, passando a perna por cima da beirada. No outro, a terra estremece com um estrondo de granada e voltamos a cair de costas dentro dele. E será assim, até ao fim. Mesmo se um dia deixámos para trás o campo dos companheiros mortos.

Umás semanas depois do Natal, a insurreição voltou a rebentar na zona de Tete. Ainda havia restos das fitas decorativas com que se tinha enfeitado a cantina, quando chegou a ordem de marcha.

«Lá vamos nós outra vez», disse Quim, enquanto afivelava as correias da mochila e verificava o armamento. Subiu para o camião, juntando-se a uma parte do que restava da sua companhia. Era ainda noite e seguiam todos de cabeça baixa, em silêncio. Já tinham desistido de falar. Ir matar ou ir ser morto tornara-se uma rotina de probabilidades. E a insensibilidade que daí advinha fazia agora parte da sua forma de estar.

«Parece que estou anestesiado», dissera um dia o Patinho, que acabara estendido com o rosto desfeito, em Fingoé. No momento em que soltara a frase, havia batido com a mão na cabeça, repetidamente, agredindo-se, até um dos camaradas lhe segurar o braço e lhe pedir para parar. «Anestesiado», repetiu, «já não sei o que sinto.» Os outros nada disseram, mas partilhavam do mesmo. Bebiam sempre mais quando voltavam. Como se uma sede impossível de saciar tivesse nascido do chão africano. Mas, na verdade, era deles que emanava.

De Lisboa, chegaram ordens para que mobilizassem quantos homens tivessem e partissem em missão repressiva e de reordenamento da situação. O número de baixas começava a ser grande demais para se esconder da

metrópole. Venceriam, pois claro, em nome da Nação, fechando os olhos às mulheres vestidas de negro e aos homens, subitamente velhos, espalhados pelas ruas das cidades e aldeias. Nem o temor a Deus e a obediência geral conseguiriam abafar os choros noturnos de pais, mães, mulheres ou noivas. As pequenas capelas, por todo o país, cobriam-se de ex-votos de cera e de fotografias de rapazes uniformizados.

A resposta oficial ao aumento da resistência consistira em querer acabar com os focos de revolta. E depressa.

O comandante-chefe apertara os olhinhos estratégicos, antes de dizer:

«É mais uma zona para limpar? Então, vamos acabar com eles, de vez. Cortar a cabeça à cobra.» Depois, pensara um pouco, e retificara: «E se o bicho não morrer às primeiras, pelo menos, estenderemos no capim quantos pudermos, para espalhar o medo. Chamem-se as tropas e preparemos o nó górdio.»

Vieram tropas de quantos lados puderam. Aos Caçadores, juntaram-se a Cavalaria e outras companhias. Mais tarde, os paraquedistas desceriam dos céus, como bombas humanas que tombassem sobre a selva. Chegavam da Beira, de Porto Amélia, de Cabo Delgado, de todos os lados que a logística de transporte permitiu. O céu cobriu-se de aviões, as estradas, de Berliets e unimogues, os rios, de lanchas. Era a hora do vai ou racha. Viesse a carne jovem, branca ou negra para sustentar um sonho de império, ordenado por Deus, que não poderia terminar.

A viagem até à área de combate durou, para a companhia de Quim, mais de dez horas, através de picadas e estradas de terra batida. O medo das minas e das emboscadas fazia com que fossem obrigados a parar inúmeras vezes, no trajeto. Os pelotões de desminagem faziam o que podiam, para descobrir e neutralizar as armadilhas espalhadas pela guerrilha. Apenas uma, ao ser rebentada, causou ferimentos ligeiros pelos estilhaços. Foi um dia de sorte para os rapazes permanentemente focados, de auscultadores largos nas orelhas e varas metálicas nas mãos, que espetavam cuidadosamente na areia. Nem sempre assim era. E por isso tinham morrido Alcides F. e António F., primos, quase irmãos, que se tinham abraçado à chegada do mais novo e até tirado uma foto de pé sobre uma Berliet. Nesses dias, dos dois lados, morreram muitos outros. Vários por cada letra seguinte no alfabeto.

À passagem dos carros, avistava-se gente a pé, mulheres, quase sempre, com bilhas de água à cabeça. Bandos de crianças, cobertos por uma nuvem de pó, observavam-nos das bermas, à passagem. Às vezes, corriam ao lado dos carros a pedir comida. E, uma vez ou outra, algum dos soldados atirava bolachas ou outra coisa qualquer, ficando a observar a luta que se gerava, o engalfinhar dos corpos pequenos. Depois, vinha mais estrada e mais estrada. Pássaros grandes acompanhavam-lhes a marcha, revezando-se. Talvez algum dos soldados caísse do carro e pudessem fazer dele alimento. As asas batiam, gulosas, por cima dos corpos em movimento. Já nem isso lhes fazia impressão. Habitaram-se à ideia de poderem ser comidos de uma forma ou

de outra.

«Estou anestesiado», tinha dito o rapaz que iria morrer sem nada sentir. Pois estavam.

*

Antes de chegarem, já conseguiam avistar as nuvens de fumo, ao longe. Helicópteros Alouette passaram por cima da coluna de veículos, em direção a norte. Depois foi a vez de dois T-6 Texan quase lhes tocarem com as asas.

«Ui», gritou o Teixeira para Quim. «Vai ser lindo, vai. Já viste a quantidade deles que está a passar por cima?»

Ele acenou que sim e levou a mão ao fio de prata com o crucifixo. «Não haverá de ser desta, ainda», pensou.

Chegaram ao acampamento no sopé de um pequeno monte, onde já se encontrava um número tão grande de viaturas e homens como nenhum deles havia visto. Descarregavam-se mantimentos e armas, improvisavam-se postos de comando e cozinhas. A azáfama parecia geral e os Caçadores foram rapidamente integrados nela. Não partiriam de imediato para o combate. Havia muitas coisas para fazer, antes disso. O som de rebentamentos chegava de vez em quando, seguido da revoada de bandos de pássaros em fuga. Os Alouette iam e vinham a apanhar e levar os mais feridos.

«FLAPFLAPFLAPFLAP», faziam as suas gigantescas hélices. Depois, era a correria dos enfermeiros e ajudantes a transportar as macas. O sangue que os pensos improvisados na mata já não conseguiam conter, escorria para o chão, misturando-se com o pó vermelho da terra.

Um jovem médico passou a correr, de cabeça baixa, a cantarolar, sem perder de vista o seu destino:

Alouette, gentille alouette

Je te plumerai le bec, et la tête et la tête, alouette.

Ao anoitecer, permitiram-lhe algumas horas de sono, nos colchões de ar. Quim enchera o dele com esforço, parando algumas vezes. Sentia-se sempre tonto com o esforço de soprar. «Um dia desmaio, com esta porcaria», dissera, enfiando-o debaixo de um camião. Sentia-se mais protegido, assim, sem avistar o céu.

Não sabiam quando chegaria a ordem de marcha para a frente de combate ou para onde se dirigiriam, em concreto. Os confrontos cessaram ao cair da noite. Era, para uns, tempo de recuar para uma posição mais segura. Para outros, o de procurar novos locais, para armar emboscadas.

Por cima de si, Quim via o eixo da Berliet e sentia-lhe o cheiro a óleo. O pensamento fugiu-lhe para o dia, já longínquo, em que tentaram empregá-lo numa oficina de carros, não muito longe de casa. Tinha catorze anos.

«Se te deixarem lá ficar, vens comer a casa, e escuso de te estar a preparar almoço», disseram-lhe a Avó.

Deixaram, sim, mas a coisa durou apenas um dia e uma tarde.

O dono da oficina era um mecânico de meia-idade, com mau feitio. De manhã, ainda se aturava, mas depois do almoço, já bêbado, implicava com toda a gente. A começar pelos aprendizes, a parte que não podia responder de volta.

«Tu, já vi que tens tanto jeito para limpar essas ferramentas como eu devo ter para levar no cu», tinha dito, com desprezo, a Quim. O adolescente até lhe sorriu, pensando que era apenas uma graça, uma coisa que se dizia, passageira. Mas, nas horas que se seguiam, descobriu que não. Ouviu gritos sempre que fazia alguma coisa errada, viu chaves de rosca atiradas na sua direção, até que uma delas lhe acertou no ombro magro. Quim deu um pequeno grito e fez um esgar com a dor.

«Ai doeu? A próxima ainda há de ir com mais força.»

Voltou para casa, em silêncio, uma mancha roxa no ombro. Quando lhe perguntaram como tinha corrido o primeiro dia, limitou-se a encolher os ombros. Não sabia o que fazer com a infelicidade que sentia.

A meio da tarde do segundo dia, o dono da oficina ordenou-lhe que colocasse um macaco manual e uns calces de madeira por debaixo de um Fiat que ele iria examinar. Depois de Quim executar o que lhe pediu, hesitante, por ser a primeira vez, enfiou-se lá debaixo, compenetrado a retirar uma peça em bom estado para aumentar a conta ao cliente. Foi quando um dos calces cedeu e o carro tombou para esse lado. Por não ser muito grande e pela posição, lá se safou. Mas, quando foram chamar ajuda e o tiraram de lá, a primeira coisa que fez foi dar um murro no nariz de Quim.

«Filho da puta, que vieste aqui para me matar!»

O miúdo ficara a sangrar e a olhar para ele, que se desfazia em berros. Depois, viu-se corrido a pontapé, para fora da oficina, com a ameaça de que lhe rachariam a cabeça com um martelo de chapa. Quim não estranhou muito. Estava habituado a falhar, independentemente do esforço que colocasse na tarefa. Se ele soubesse quem era Sartre teria repetido, «Je suis né gaucher», um desajeitado, a fazer sempre as coisas da forma errada.

Quim atribuía a si próprio uma parte dos problemas que lhe aconteciam. Mesmo estar ali, agora, na guerra, teria a ver com o facto de ter nascido na época errada. Dez anos antes, e teria escapado ao alistar obrigatório, como o irmão mais velho. Dez anos depois, também já não encontraria a guerra, mas isso, nem ele nem ninguém poderia saber naquela altura.

No acampamento militar, durante a noite, a azáfama nunca parou totalmente ou o silêncio chegou a instalar-se. Havia sempre um motor, um grito, alguma coisa pesada que caía ao chão. Quim adormeceu rapidamente, num sono agitado, até sentir que o abanavam para se levantar e partir. Tinha começado a sonhar com a estrada que levava ao Bairro, às casas da família. Mas tudo se colocava no seu caminho, impedindo-o de lá chegar.

O batalhão seguiu a pé, a partir dali. Tinha chegado apelo de um outro grupo que pedira reforço por ter enfrentado uma emboscada e perdido um dos homens. Tinham conseguido matar vários guerrilheiros e feito outros fugir para o mato. Mas, desconfiavam que numa aldeia, mais à frente, se esconderiam outros. Não se sabia por quem as populações torceriam, naquela região. Ingratas, muitas eram as que cuspiam nas benesses que recebiam da metrópole-mãe.

«Burros, porcos e tão estúpidos que não percebem que é tudo para o bem deles», tinha dito o major Patrício, na noite anterior. «E, se for mesmo gente ingrata, é para os limpar, sem dó nem piedade.» Ao escutarem isto, todos perceberam o que era para fazer.

Entranharam-se na mata, olhando para todos os lados, a arma sempre pronta a disparar. O Teixeira levou a mão ao cantil que trazia à cintura, várias vezes. Sede, tinha sede, tanta sede.

«Não bebas tudo, pá, que depois não tens para voltar.»

Mas ele bebeu na mesma. Sede, tanta sede.

Uma explosão de morteiro soou, já não muito longe, assustando alguns que se atiraram para o meio do capim alto. O furriel miliciano que os comandava fez sinal de que continuassem na marcha. A mata adensava-se cada vez mais e era difícil encontrar o rasto do trilho. Sabiam que os animais se encontravam escondidos, afastados o mais possível da loucura destes homens. Os soldados temiam o ataque de outras figuras, negras e dissimuladas entre os arbustos. As suas garras teriam a forma de balas, se não os avistassem a tempo. Por isso, o medo e a ansiedade começaram a crescer neles. Quim também sentia a boca a ficar seca. Conteve a vontade de deitar a mão ao cantil, e, tal como o Teixeira, beber até à última gota.

O dia tinha nascido, havia várias horas, e o calor começara a chegar, impiedoso. As mãos de Quim escorregavam na coronha da G3 e o seu boné de camuflado era usado, constantemente, para limpar o suor.

A certa altura, ouviram o rebentar de um tiroteio. Rajadas de metralhadora, tiros de pistola e explosões de granada levaram a que todos se atirassem ao chão, como proteção. Estavam muito próximos. O oficial fez-lhes sinal de que aguardassem um minuto, enquanto o militar das comunicações falava com alguém do comando. Quando este pousou o aparelho, disse-lhe qualquer coisa que eles não ouviram, mas o oficial levantou-se e fez sinal a todos de que retomassem a marcha.

Entraram numa pista mais larga e avistaram os primeiros soldados das suas tropas. Dois soldados portugueses, um branco e um negro, mortos, alinhados lado a lado, no chão. Alguém tinha colocado uma camisa de camuflado, a tapar a cara de um deles. Um alferes, com uma expressão desorientada, veio ao seu encontro.

«Foi uma emboscada», contou. «Perguntámos aos filhos da puta da aldeia se tinham *turras* ali; se havia lá algum escondido. Que não lhes íamos fazer mal, só queríamos apanhar os *turras*... Disseram que não e que estavam

todos do nosso lado.» O alferes parou para limpar o suor com a mão cheia de sangue. «Perguntámos uma vez e outra, e eles, nada. Avançámos então e, a menos de um quilómetro depois... Lá estavam escondidos», apontou para os seus mortos.

Quim olhou para o capim, um pouco mais à frente, e viu vários outros corpos, mas estes, dispostos em monte, uns vestidos com o uniforme dos guerrilheiros, outros com qualquer coisa. Nenhum era branco.

«Fizemos-lhe confiança», disse ainda o alferes agachando-se, de seguida, no chão, e tapando os olhos, como se pudesse deixar de ver o que já tinha visto.

O oficial da companhia de Quim virou-se para ele e para os outros e disse:

«Estamos a lidar com canalhas. É ordem para limpar tudo.»

O que se seguiu foi como uma dança executada no interior de um denso nevoeiro, aos olhos do rapaz que viera do Alentejo ainda a sonhar com as primeiras flores depois do Inverno, a beleza das raparigas das revistas que nunca seriam suas. A violência treinada, amplificada pela emoção e pelo medo, foi de tal maneira crua que se recusou a lembrar-se dela dessa forma até ao fim dos seus dias. Sem poesia e esquecimento não lhe teria sobrevivido.

Partiram, em marcha rápida, na direção da aldeia, de onde vinha o barulho de tiros e gritos. O medo que sentiam estava agora convertido em raiva, cegando-os, sem exceção. Atingiram as primeiras palhotas e começaram a ver mais corpos espalhados por toda a parte. O resto do pelotão anterior estava avançado no seu trabalho de vingança. Tiravam, nesse instante, um homem de dentro de uma das palhotas, à coronhada, antes de o porem de joelhos e lhe darem vários tiros na cabeça. Mulheres e crianças corriam para todos os lados, como insetos noturnos apanhados pela luz, antes de dançarem uma última vez a música das balas.

«Matem-nos todos, a esses cabrões.»

Quim, tal como os outros, desatou a disparar, de rajada. Mas as suas balas não acertavam em nada. Gastou todo o carregador, num ápice, sem saber como. Um dos seus companheiros, que ainda há pouco dormia pacificamente perto de si, tinha tirado a faca de mato e cortava com ela tudo o que lhe aparecia pela frente. Alguém começou a puxar fogo a uma das palhotas e logo outros o imitaram, por lhes parecer que não havia mais nada a fazer. As duas companhias, unidas na sua missão, espalhavam o fogo do inferno, por crerem na lealdade atraçoada. E o que restaria da vida no mato se nem na palavra se poderia confiar?

Parado no meio do terreiro, com o carregador vazio, Quim estava pregado ao chão, enquanto as coisas se moviam à volta. Fizera-se uma espécie de silêncio na sua mente. Apenas via os movimentos, mas não os escutava ou fazia parte deles.

Subitamente, uma bala silvou-lhe junto à cabeça e ele acordou. Um rapaz novo, praticamente um miúdo, em tronco nu e calças de guerrilheiro,

tinha disparado na sua direção. Quim viu-lhe o rosto ainda adolescente e os olhos muito abertos, antes de este, depois de disparar, se pôr em fuga na direção da mata. Apoiou-se num joelho e voltou a carregar a arma o mais depressa que pôde, antes de seguir no seu encalce. O coração batia-lhe, agora, com tanta força que quase o conseguia ouvir. Sentia-se dominado pelo sentimento de que precisava de responder ao disparo que sofrera antes que houvesse outro, agora fatal. Não pensava na figura que perseguia, como sendo uma pessoa, muito menos um rapaz mais novo do que ele. Era apenas uma silhueta que levava consigo uma arma letal. Alguém que tinha matado o Lourenço, o Casinhas e todos os seus outros camaradas. Caminhou, rápido, o mais resguardado que pôde, por entre o capim, que ali era ainda mais alto, e, depois, pelo meio das acácias jovens e de árvores mais velhas e frondosas. Os seus ouvidos atentos procuravam identificar qualquer ruído provindo do atacante. À medida que se adentrava na selva, afastando-se da violência da aldeia, o silêncio aumentava. Os ruídos habituais de pássaros e pequenos animais que se moviam, sem serem vistos, voltou a instalar-se. Pisou cautelosamente o chão. Estava agora numa espécie de pequena clareira. Os olhos muito apertados e espingarda na frente, a mover-se de um lado para o outro. A respiração doía-lhe na garganta seca de medo. Mas nada de *turra*. Apenas a selva falava.

O impacto na perna chegou antes do som altíssimo. Solto um grito, que não sabia ter dentro de si, e caiu. O seu uniforme tinha agora uma mancha vermelha que alastrava mais e mais.

«Apanhou-me, caraças. Já andei...», pensou. E um sentimento familiar de falhanço a entrar-lhe como outra bala no corpo.

Arrastou-se, mesmo assim, o mais rapidamente que pôde, para junto de um arbusto que o esconderia um pouco. A arma, essa, ficara caída no lugar onde tinha sido atingido, a pouco mais de um metro. Mas não pensou logo nisso, com a dor brutal a comer-lhe a perna. Levou a mão à pequena bolsa de couro, que trazia sempre à cintura, e tirou ligaduras e uma compressa de emergência. Precisava de estancar o sangue, até que lhe chegasse ajuda. Os olhos turvavam-se um pouco, como se ele soprasse num gigantesco colchão de ar, que lhe causasse uma vertigem como nunca tinha sentido.

«Se desmaio aqui, é o fim», pensou. «Não desmaies.»

Foi nesse momento que, da zona mais à frente do mato, a cobra surgiu. A pior de todas, é sempre assim. Uma mamba. Cinzenta, preta para alguns, enorme. Teria mais de dois metros. Todos os cabelos de Quim se eriçaram e o medo gelou-o de tal forma que era como se já estivesse morto. O bicho rastejou na sua direção, levantando a cabeça para analisar o ar com a língua. Quim já tinha visto uma, perto do quartel, mas com a cabeça rebentada por uma rajada de tiros.

«Esta, se te apanha, não tens hipótese. Morres logo, ali», tinham-lhe dito. E, já então, ele estremecera de medo. Agora, era a sério.

O animal aproximou-se mais dele e, como se fosse necessário aumentar

mais o sentimento de horror, enrolou-se-lhe na perna ferida. «Cheirou-me o sangue», pensou o rapaz.

E, de novo, refugiado num mundo de onde não desaparecera o som, viu-lhe a cabeçorra letal rendendo-se à ideia de que não sairia dali com vida.

Pensou na mãe, na namorada por correspondência com quem nunca trocaria um beijo. Oh, Susanita, que pena, que pena. Depois, uma música saída da sua memória começou a soar:

*Dá-me uma gotinha de água
Dessa que eu oiço correr
Entre pedras e pedrinhas
Entre pedras e pedrinhas
Alguma gota há de haver.*

Makumpete nasceu numa pequena barraca de pescador, na beira do lago Chiwa. Foi o quinto filho, de uma ninhada de onze. Nessa altura, habituada às dores, a mãe já quase não dava pelo parto. Quando a hora chegava, agachava-se na divisão de ripas do fundo da casa, onde pelo chão se viam as águas, e fazia força. Geralmente, tinha a mãe ou, mais recentemente, uma das filhas mais velhas por perto e deixava a criança cair sobre uns panos com motivos florais que guardava para esta ocasião. Era um dos poucos luxos que tinha, panos que só serviam para uma coisa. O marido nunca estava presente, porque se acreditava que dava azar e, a maior parte das vezes, porque estava no meio do lago a lançar as suas redes. Makumpete não chorou quando nasceu, nem foi preciso. Os seus olhos, imediatamente abertos, olhavam para todos os lados, provando estar vivo. A avó cortou-lhe o cordão umbilical com os dentes, disse uma espécie de oração que se usava a cada nascimento e estendeu-o à filha coberta de suor que o levou ao peito.

Antes de chegar aos onze anos, a mãe dele já tinha parido mais seis filhos, entre rapazes e raparigas. Sobreviveram todos, mesmo se a comida era sempre pouca. Os mais velhos ajudavam o pai na pesca ou a guardar cabras na pequena colina que ficava pouco distante da casa. Esta última tarefa era mais do domínio das mulheres, que também as ordenhavam, e quando estas ficavam velhas cortavam-lhes o pescoço para as comer. Mas, por ser ainda criança, Makumpete era muitas vezes incumbido do pastoreio. Muita gente habitava nas margens do lago e era preciso não perder de vista os animais que, facilmente, poderiam ver-se anexados a outro rebanho.

Makumpete preferiria ir sempre no barco com o pai ou com os irmãos lançar as redes. Saíam antes do nascer do sol e regressavam quando este já ia alto. Se corria bem, depositavam em cestos entrançados, tilápias, várias espécies de ciclídeos e bagres. Guardavam uma parte para se alimentarem e a

outra servia para vender ou trocar por arroz, junto dos plantadores, espalhados em redor da aldeia. O rapaz gostava, sobretudo, do momento em que deitavam as redes e permaneciam em silêncio até que estas se enchessem e fosse altura de as puxar de novo para o interior do pequeno barco. O pai, de qualquer forma, nunca falava com ele, a não ser para lhe dar alguma ordem de trabalho. E, mesmo assim, era quase sempre por gestos que, se ele não entendia, eram explicados com uma bofetada na cara ou com alguma coisa que este tivesse na mão e provocasse dor. Mas Makumpete não lhe levava a mal. Acreditava ser da natureza do pai não gostar nem de falar nem de explicar, e redobrava a atenção, para entender o que dele se esperava.

Um dia, passou pela cabana um jovem professor primário, vinha lembrar que havia uma escola na aldeia e que seria boa ideia enviar as crianças para lá. A dona da casa não lhe respondeu, mantendo-se, contudo, sorridente aos argumentos. Nem ela nem o marido sabiam ler ou escrever e não viam qualquer utilidade para a sua vida de pobres no abdicar de duas mãos pequenas que poderiam ajudar a separar o arroz, escamar o peixe, guardar gado ou ajudar a descarregar o resultado da pesca.

«Obrigada, senhor professor mestre. Vou falar com o meu marido», disse-lhe, despedindo-se. O professor agradeceu, sabendo de antemão que nenhuma daquelas crianças conheceria outra educação que não fosse a que o lago lhe desse. O homem partiu, suspirando, sem olhar para trás, imaginando o que poderia ser do seu país se toda a gente soubesse o que dizem os livros.

Makumpete também nunca sentiu necessidade de mais nada do que acompanhar o início e o fim do dia. Sobretudo, o último, quando emergia uma luz alaranjada que se metamorfoseava, aos poucos, até se tornar roxa e partir. E, depois, à medida que a noite chegava, gostava de se estender sobre o pequeno embarcadouro na ponta da casa, indiferente aos mosquitos que o picavam, a observar o surgir das estrelas até ter por cima de si um arco abobadado delas. Às vezes, um dos irmãos pequenos vinha ter com ele e deitava-se com a cabeça no seu peito, e adormecia. Por debaixo das crianças, a água produzia um suave rumor que os embalava.

Quando tinha doze anos, um ano de seca fez recuar o lago e diminuir a recolha de peixes, bem como a produção de arroz, que se tornou bastante mais caro.

Os homens mais velhos olhavam para o céu e comentavam entre si que nunca tinham visto seca como aquela. A comida escasseou ainda mais nos pratos, e todos esperaram ansiosamente a chegada da estação das chuvas. Mas esta demorou a vir e o lago recuou para mais longe. Os terrenos onde as cabras eram pastoreadas tornaram-se escassos de plantas e muitos animais tiveram de ser abatidos por não haver o que lhes dar. Quando a chuva finalmente chegou, toda a gente respirou de alívio. Mas, não chegou da maneira certa, ora chovendo de forma ininterrupta ora desaparecendo enquanto a temperatura disparava.

Uma onda de cólera varreu primeiro as localidades de Mpheta e Chisi,

do outro lado do lago, mas acabou por atravessar as águas e chegar a Burnett, onde a família vivia. Uma das meninas mais novas da casa foi a primeira a sucumbir. A família foi enterrá-la no meio de gritos e choros. Pensaram, na sua dor, que estava ali a prova de um sacrifício aos deuses que, pelo menos, serviria para repor a ordem natural das coisas. Mas, menos de dois meses depois, tiveram de repetir o ato, quando o bebé recente morreu da mesma doença.

A mãe de Makumpete continuou a cozinhar e colocar comida nos pratos, cada vez menos, mas passou a examinar os olhos e a temperatura dos filhos, dia e noite. Finalmente, foi ela própria quem adoeceu. Não de cólera, mas de tristeza, e tiveram de ser os filhos e o marido a manter a vida na casa durante um longo período.

Nessa altura, Makumpete começou a sair, de noite, para o lago, no pequeno barco, com a desculpa de que poderia apanhar mais algum peixe, se levasse uma luz com ele. Ia sozinho e não se aventurava muito pelas águas adentro. As embarcações da aldeia estavam agora fundeadas umas dezenas de metros à frente e o ancoradouro onde ele se costumava deitar, a ver as estrelas e a escutar as águas, erguia-se como uma ilha no meio do lodo seco.

O rapaz ficava umas horas a tentar apanhar alguma coisa e, quase sempre, conseguia. Mas, por ser numa hora diferente, também era forçado a retirar da rede pequenos predadores atraídos pelos peixes.

De dia, calhava-lhe, agora, guardar as cabras e conduzi-las para pastos um pouco menos secos. As irmãs ficavam na casa a cuidar da mãe e era ele quem levava os animais, cada vez mais longe, para terras que pertenciam já a um outro país. Não havia vedações ou cancelas, e ninguém dava muita importância às invenções geográficas dos brancos. Sabia-se, vagamente, em que árvore e rocha acabava o Malawi e começava o território na posse dos portugueses. A menos de dez quilómetros ficava Maujuré, um pequeno aglomerado de casas, onde pessoas exatamente iguais às da sua aldeia e a falarem um dialeto muito semelhante guardavam cabras e plantavam mandioca, mas num país oficialmente diferente.

Numa semana particularmente quente, Makumpete tocou as suas cabras na direção de Maujuré. Não tinha nenhuma intenção de ir até lá, mas sabia que, por ser o princípio de um lugar mais alto, as temperaturas seriam mais amenas e cursos e água subterrânea mantinham as ervas um pouco mais viçosas. Os animais gostaram daquele lugar onde havia mais sombras e muito que comer. Makumpete estendeu-se à sombra das árvores a ver os bichos e, quando lhe pareceu ser hora, lançou a mão ao alforge e comeu uma das bolas de arroz que levava e alguns dos peixes fritos da véspera. Gostava de estar ali. Avistava, muito ao longe, o seu lago e sentia-se refrescar um pouco com a brisa que começara a soprar. A meio da tarde, na hora em que deveria começar a regressar, cedeu, involuntariamente, ao sono. Deitou-se no chão com as mãos debaixo da cabeça e dormiu. Sonhou e voltou a sonhar. A certa altura, sentiu vontade de abrir os olhos, mas foi arrastado para um novo sonho

e desse para outro ainda.

Quando acordou, descobriu, assustado, que a noite tinha caído, sem que se tivesse posto ao caminho. Havia alguma luz, vinda da lua em quarto crescente. Sentiu, mais do que viu, a presença dos animais, que se tinham deitado à sua volta.

«Como vou voltar agora, no escuro, para casa?», pensou, aflito, dando aos braços e levando as mãos à cabeça. Tinha medo de se perder no caminho de regresso. Ou que um dos animais, obrigado a caminhar no escuro, caísse nalgum buraco ou ravina. Mas, se não voltasse, nessa noite, com as cabras, era mais do que certo que teria uma surra à sua espera, em casa. Desde que a mãe ficara doente o pai tinha mais trabalho e ficara perigosamente agitado. Na semana anterior, batera num dos filhos mais velhos, já homem, casado, e que tinha ido saber da mãe, por uma razão menor. O jovem aguentara as pancadas, por respeito, sem soltar mais do que alguns gemidos, até o pai se cansar. Mas, quando saiu, sem olhar para trás, todos perceberam que ele nunca mais voltaria àquela casa. E sentiram pena de o perder para o ressentimento. Makumpete andava no monte de um lado para o outro, sem saber o que fazer. Por fim, decidiu que esperaria pelo amanhecer para conduzir o rebanho até casa. Talvez o pai não desse pela sua falta, distraído que andava com a doença da mulher.

Acendeu, então, uma pequena fogueira, ajeitou-se junto dos animais para se manter quente, e voltou a adormecer. Não deu pelos animais selvagens que se aproximaram deles, mas que tinham acabado por recuar, assustados pelo fogo. E só acordou ao amanhecer quando uma bota de tropa o empurrou.

Makumpete abriu os olhos, ainda com as pálpebras semicoladas. Um guerrilheiro com o uniforme das tropas que combatiam em Moçambique estava na sua frente. Tinha uma arma pendurada de lado, uma AK47. Ao seu lado, estava um outro soldado, vestido apenas de camisa sem mangas e um machete à cintura. O rapaz deu um grito e recuou, sem se levantar do chão. Os homens riram e disseram alguma coisa entre si. Falavam uma língua banto, que ele nunca tinha escutado, mas que tinha algumas coisas parecidas com o chichewa que usava em casa.

Um pouco mais escondidos estavam outros dois homens, igualmente fardados com negligência. O cano de PK assomava de trás, pronta a disparar as suas fitas de munição contra quem eles tomassem como inimigo.

Perguntaram-lhe de onde era. Makumpete apontou para o lago que se via ao longe e explicou que só estava ali a guardar as cabras e que tinha a família à espera dele. Quando o ouviram começar a falar, em chichewa, mandaram-no parar e fizeram sinal a um dos homens mais afastados. Era um negro muito alto e que dava pelo nome de Adam. Tinha uma voz macia e umas mãos capazes de rebentar uma melancia com os dedos ou enlouquecer de prazer uma mulher. Dirigiu-se ao rapaz em lomué, que ele entendia, e traduziu para os outros as respostas. Apesar do medo, Makumpete sentiu confiança na forma de falar de Adam e pediu se o deixavam ir para casa. Este fez um

trejeito que queria dizer ser difícil. Depois pegou-lhe num ombro e forçou-o a começar a caminhar, na direção oposta à sua aldeia. O rapaz desatou a chorar alto, suplicando que não lhe fizessem mal e que o deixassem partir com as suas cabras. Adam apenas lhe disse que esquecesse os animais, e que a partir daquele momento só teria de obedecer a tudo o lhe dissessem.

O rapaz ouviu berros aflitos vindos das cabras e pôs-se de pé, a tempo de ver um dos homens degolar uma delas com o machete, enquanto o outro disparava uma bala certa sobre outra. Entendeu, nesse instante, que não poderia voltar para casa, porque dois animais à sua guarda tinham sido mortos. Ficou quieto, com a cabeça escondida entre as mãos. As duas cabras mortas geraram discussão com os outros, porque agora teriam de caminhar com elas às costas até ao acampamento, quando poderiam simplesmente fazê-las caminhar na frente. Um dos guerrilheiros que parecia comandar, deu ordens aos dois que mataram os animais que fossem eles a levá-las. Foi obedecido, mas debaixo de resmungos e protestos sinceros. Makumpete reparou nos olhos de uma, virados para ele, como se começasse a narrar a história do seu destino futuro.

A viagem a pé, pelo meio do mato, durou várias horas, até chegarem ao acampamento militar, no meio da mata. Mandaram-no sentar e esperar ordens. Daí a pouco, um dos homens que o tinha capturado regressou com um outro, mais velho e gordo, que lhe examinou a cabeça, as mãos e as pernas fortalecidas de se manter num barco de pesca e caminhar entre os montes. Não pareceu muito impressionado, mas acabou por dizer alguma coisa que a Makumpete souou como: «Pode ser.» E afastou-se, para ir gritar com um grupo de guerrilheiros entretidos a falar debaixo de um embondeiro.

Adam voltou, para lhe dizer que seguisse até ao local onde um soldado impecavelmente uniformizado lhe disse, mais por gestos do que por palavras, que retirasse toda a roupa. Makumpete aguardou, nu e ansioso, que este procurasse algo dentro de um enorme saco de lona. Finalmente, atirou-lhe umas calças esverdeadas, vários números acima, e uma camisola sem mangas que poderia ter sido, em tempos, dessa mesma cor. E foi nesse instante que Makumpete compreendeu que lhe tinha acontecido uma coisa de que ouvira falar em tempos. Tinha sido alistado, à força, num exército que lutava pela independência de um país que nem sequer era o seu.

Quando o levaram para o local onde estavam outros rapazes da sua idade, estes apenas levantaram os olhos por um momento, antes de voltarem para o jogo de *aquela* com que se entretinham. Um dos adolescentes atirava uma pedra ao ar, tentando apanhar do chão outras, que ia acumulando na mão. Makumpete conhecia o jogo. Costumava jogá-lo com as irmãs mais pequenas. Mas nunca tinha visto rapazes tão crescidos fazê-lo. Estranhou o tamanho das pedras, que deveriam ser mais pequenas. Também não tinham procurado as mais macias e arredondadas, como seria de esperar. Pelo contrário, atiravam ao ar e recolhiam calhaus pesados e pontiagudos.

Numa espécie de abrigo, constituído apenas por uma lona velha montada

sobre paus, dormitavam duas raparigas. Soube mais tarde que eram usadas para ir buscar água, fazer a comida. À volta dos lugares das raparigas, estendiam-se uns panos que deveriam servir de cama aos miúdos mais novos.

Subitamente, levantou-se uma algazarra do grupo de rapazes que jogavam. O jogo terminara com a derrota de alguém. Um rapaz franzino, que não deveria ter mais de onze anos, estava de joelhos, a explicar que a pouca sorte o tinha atingido e que suplicava por mais uma oportunidade. Mas já nenhum dos outros o escutava, ocupados a escolher do chão a maior pedra que encontrassem. O rapaz tapou a cabeça com as mãos, mas eles bateram-lhe nos braços para que as baixasse, enquanto o lembravam das regras do jogo. Então, ele fechou os olhos e cerrou os dentes. E, um a um, cada jogador vencedor, a partir de uma linha traçada no chão, com o pé, puxou o braço o mais atrás que conseguiu, antes de atirar a sua pedra ao corpo do outro. Ao primeiro impacto, ele soltou um grito de dor e levou a mão onde tinha sido atingido, mas logo outra veio pelo ar batendo-lhe no pescoço, e outras se seguiram, rasgando-lhe a pele da cara ou do peito. Quando o último rapaz se preparou para atirar, já o sangue brotava das várias feridas. Este olhou a pedra uma última vez, fez pontaria e atirou-a, levando um bocado da orelha do perdedor e, por um triz, não lhe abrindo o crânio de forma fatal. O menino caiu no chão, sem sentidos, enquanto os agressores viraram costas, sem sentir nada, voltando aos seus afazeres. Finalmente, um dos miúdos mais pequenos saiu da tenda onde dormitava abraçado a uma rapariga, e foi buscar um jarro de plástico, cheio de água turva, que lhe despejou em cima. O rapazinho gemeu enquanto recuperava, lentamente, os sentidos.

À vista deste espetáculo, Makumpete tremeu, despedindo-se da vida a que estava habituado nas margens do grande lago.

Os bombeiros saíram em passo acelerado da nossa casa, atravessaram o pátio e carregaram a Mãe, numa maca, até à ambulância. Esta ficara parada, as luzes ligadas, na entrada do pátio onde vivíamos. Ainda não era bem de noite, os dias já tinham começado a ficar maiores, por isso, as vizinhas olhavam da porta das suas casas.

Uma delas veio lá do canto e perguntou à minha avó:

«Então, mas o que é que ela tem, coitadinha?»

O rosto da Avó era de pedra, nesse instante. A vergonha era maior do que a dor.

«Ora, maluquices. Pôs-se a tomar comprimidos para ver se acabava com ela.»

A mulher levou a mão à boca.

«Não me diga, vizinha...»

A Avó já estava a fechar a porta da nossa casa, do lado de fora.

«Digo. Como se aquele pedaço de uma coisa que eu cá sei, merecesse. Anda lá com quem quer e ela é quem se quer matar. Burra.»

Afastou-se em direção a casa, arrastando os pés. Uma das meias grossas, de nylon, castanhas, tinha-se soltado da liga e caíra-lhe pela perna, mas nem dava por isso.

Outro vizinho perguntou o que tinha acontecido. Mas, desta vez, ela limitou-se a levantar o braço como se não valesse a pena perder tempo, e apenas repetiu:

«Maluquices. Não há de ser nada.»

No mundo onde se fortificara, não havia lugar para tentativas de suicídio. Menos ainda por dor de amor. Sabia, por experiência, que toda a mulher podia viver sem homem. Querer matar-se era, no seu entender, querer desistir. E, enquanto ela ali estivesse, ninguém da sua família tinha ordem

para tal.

Eu refugiara-me na casa dela, encolhido no escuro, os pés junto da braseira que já não deveria estar acesa naquela época do ano, mas estava. Ainda assim, tremia.

«Pronto», disse-me com uma voz mais macia. «Ela não deve tardar a voltar para casa. Os teus tios foram na ambulância, com ela.»

Tremi um pouco mais, sem conseguir entender o que seria ir numa ambulância em busca de uma salvação que não se queria.

A imagem dela, inconsciente e bela, fez-me pensar noutra que tinha visto na televisão. Uma índia encontrada sem sentidos pelos heróis da minha série favorita, *Bonanza*. Tinha sido emitida nessa mesma tarde.

O meu personagem favorito, Hoss, e o seu irmão, Little Joe, tinham-se envolvido numa luta com o que supunham ser um perigoso índio; todos os índios eram perigosos, na televisão, porque se vestiam de forma diferente dos cobóis, falavam esquisito e, mesmo a preto-e-branco, percebia-se que tinham a pele mais escura. Não admirava que todos na família sentissem obrigação de os matar à mínima ameaça.

Mas aquele índio era uma mulher. De lábios pintados. Soubemos isso quando ela se virou para cima depois das pancadas defensivas dos dois irmãos. Ficou ali estendida, inconsciente. Era bonita, por isso, adivinhei que não deveria ser bem índia. Ou, pelo menos, deveria ser mais civilizada do que as outras. Bem, o patriarca da família era justo e dava bons conselhos, por isso não se coibia de alertar os filhos para o perigo destes povos firmemente decididos a roubar-lhes tudo, incluindo as terras.

A índia-bonita jazia, inconsciente, no chão.

A Mãe também jazia, inconsciente, no chão quando a música do genérico final chegou ao fim e eu a fui encontrar. Ao seu lado, o candeeiro da mesa de cabeceira partira-se quando ela o derrubara com um braço a adormecer.

«Mas, tu não destes por nada?», interrogaram-me, depois, em tom acusatório. Eu, infeliz, encolhi os ombros: nada.

«Como é que ele havia de dar, se está sempre agarrado a ver bonecos na televisão?», haviam concluído.

Tinha culpa, portanto. Fiquei a saber. Se tivesse dado pelo que estava a fazer trancada no quarto, talvez ela não tivesse tomado as três carteiras de soporíferos. Eu trocara a sua salvação pela exaltação que a música de abertura e fim me provocavam.

A mãe-índia adormecida fora levada numa maca, por minha culpa. Talvez se salvasse, mas teria de esperar pelo final do episódio para saber.

Para meu alívio, e tal como a Avó previra, ela voltou para casa, já de madrugada. Com o estômago lavado e uma palidez mortal no rosto. Dormiu até à noite do dia seguinte. E só nessa altura me deixaram aproximar para verificar que não tinha morrido por minha causa.

Toquei-lhe na mão e ela abriu os olhos inexpressivos, na minha direção.

«Está melhor?», perguntei.

Ela pareceu ir dizer-me alguma coisa, mas, depois, levou a mão à garganta indicando que tinha dores provocadas pelo roçar dos tubos na faringe. A tia Lurdes estendeu-lhe um copo de água, de que bebeu um pouco. A Tia tinha o bebé atravessado a tiracolo. Este observava tudo, mas não emitia qualquer som. Era o bebé mais silencioso que eu já vira, quando ela o tinha ao colo. Mais tarde, percebemos porquê, mas, ali, ainda era cedo para adivinhar. A Tia ajeitou com o pé o bacio que espreitava de debaixo da cama da minha mãe.

«Ele fica a dormir connosco, esta noite. Para tu poderes descansar melhor. De manhã, eu arranjo-lhe a roupa para a escola.»

A Mãe virou a cabeça para o lado e apontou na direção da minha bata escolar. Era preciso limpá-la. A sua obsessão com a limpeza imaculada das minhas batas brancas era conhecida de todos.

«Eu sei, não te preocupes. Estava um bocadinho suja, mas já a lavei e sequei e pode levá-la amanhã.»

A minha mãe voltou a fechar os olhos, parecendo adormecer. Saímos de mansinho, fechando a porta atrás de nós. A Tia reparou que ainda havia pedaços de vidro do candeeiro partido, que tinham sido projetados para a outra divisão.

«Amanhã se apanham os cacos», disse-me. E, colocando-me a mão sobre o ombro frágil, levou-me para a rua, onde os muros e paredes me pareceram particularmente escuros e altos.

Nos anos que se seguiram, Makumpete cresceu, arrastado de província em província, de ataque em ataque. Esteve no mesmo destacamento, durante três anos. E se, ao princípio, servira apenas para carregar material ou ajudar nas centenas de tarefas necessárias a uma unidade que se deslocava constantemente, aos poucos foram-lhe passando armas para as mãos e ensinando-o a dispará-las. Na primeira vez, o coice da espingarda atirara-o ao chão e os soldados mais velhos riram, consolando-o, depois, dizendo que todos tinham passado por aquilo. Era muito novo, e o músculo dorido do ombro recuperou depressa. Nas vezes seguintes, já fincou os pés e seguiu as indicações para aguentar o impacto do disparo.

O grupo de rapazes novos com quem partilhava as tarefas do exército tinham chegado quase todos da mesma maneira, agregados aqui e ali, como frutos colhidos na beira da estrada, ou alistados, voluntariamente, para matar a fome. Muitos falavam dialetos diferentes entre si, mas entendiam-se na língua comum, com algumas palavras de português pelo meio. Restava pouco de infância ou adolescência, por ali. A violência a que eram expostos diariamente e a necessidade de se manterem vivos e com todos os membros funcionais, durante os confrontos, havia-os transformado numa outra espécie de seres. Cresciam em impiedade, no contágio com a guerra. Viam o exemplo dos soldados mais velhos que, nalgumas aldeias, mais isoladas, onde tinham procurado abrigo e alimento, muitas vezes acabavam por matar alguém.

«Não estás a compreender, camarada *wavilume*. Estás a negar a tua comida ao exército que te veio salvar.»

E, não raro, disparavam contra essa pessoa. Andavam permanentemente cegos de dureza e cansaço, e a resistência diante das suas armas ou uma frase mais extemporânea eram pretexto para a chacina e para o que se seguisse. Mulheres acabavam arrastadas para dentro de cubatas e violadas

sucessivamente por vários soldados. A impunidade de carregar uma Kalashnikov, e a pouca resistência que o medo que causavam encontrava, amplificava-lhes a sensação de poder. Não havia neles uma maldade congênita, trazida de casa. Nenhum deles se via como capaz de um ato criminoso. O contágio com o monstro bélico e a deturpação da ordem das coisas, simplesmente, tinha transformado a sua visão do mundo. Tal como os soldados do outro lado da trincheira, também não falaria do que ali acontecera, por não se reconhecerem naqueles em que provisoriamente se tinham transformado. E se alguma imagem de mulheres desconhecidas a enrolarem-se sobre si próprias, depois de se retirarem delas, lhes veio a surgir foi, por certo, de noite. Transvertida de pesadelo incompreensível.

De vez em quando, os soldados, depois de saciados, permitiam que os rapazes fizessem o mesmo. Às vezes, era só mais um, mas outras eram três ou quatro que iam aprender nessa mulher destruída. De vigia, segurando as armas, os soldados riam, ajeitando o sexo ainda sujo enquanto observavam os rabos dos meninos a irem desajeitadamente acima e abaixo. Também Makumpete adolescente fez como os outros, reconfortado pela bênção geral dos mais velhos. Era esta a nova ordem das coisas.

Aos poucos, o rapaz foi-se transformando numa planta desenraizada. Forçou-se a esquecer a família perdida, o lago, e tudo o resto que julgara que seria a sua vida. Cresceu como mais um menino com pedras pontiagudas na mão.

No final do terceiro ano, o comandante da unidade olhou o bando de rapazes deitados à sombra e perguntou a um subordinado se precisavam realmente de alimentar tantos inúteis. Sem dar tempo de resposta, ordenou que enviasse metade para um campo de treino em Cabo Delgado.

Esse foi o período mais duro da vida de Makumpete. O treino físico ia muito para lá do razoável, obrigando os recrutas a arrastarem-se por extensões de terreno cobertas de todas as asperezas, até a carne rosa e o sangue surgirem à superfície. Outras vezes, eram forçados a correr, dia e noite, carregando pesos que simulavam armas e munições, debaixo do sol intenso ou do frio súbito da noite. Não lhes davam água para aprenderem a viver sem ela. Muitos não percebiam o nobre objetivo e morriam de insolação e de cansaço. Nunca o soube, Makumpete, porque o inimigo não tem cara, apenas máscara, mas, a milhares de quilómetros dali, outros rapazes, pouco mais velhos do que ele, seguiam no mesmo sofrimento. Também eles não tinham escolhido a dor ou a guerra, mas, nos corpos maioritariamente brancos, ela nascera. Por fora e por dentro. Enquanto ali esteve, viu morrer vários recrutas, por desidratação, acidentes com armas chegadas do lixo russo, ou, simplesmente, porque algum instrutor, embirrando com um deles, o obrigava a fazer coisas que os conduziam à morte. Eram frequentemente agredidos, e o único momento de descanso que tinham era no final do dia quando se sentavam a receber doutrina ideológica. Muitos adormeciam de cansaço, sem levarem em consideração os ideais revolucionários forjados nas estepes e eram acordados

com pontapés e chapadas. Os ideais colam-se melhor a pontapé nos distraídos.

No final desse período, foi enviado de volta para a região de Tete, para integrar um novo grupo de guerrilha. Desta vez, já se esperava dele um comportamento de soldado. No fundo da hierarquia, mas, definitivamente, um soldado, e já não um rapaz raptado com uma arma na mão. Deveria participar de emboscadas e ataques em geral, matar quantos inimigos pudesse e lutar, convictamente, não apenas pela independência, mas pela implementação de um conjunto de ideais criados numa terra distante, gelada pelos rigorosos Invernos. Toda a libertação tem um preço.

«Temos de matar esses brancos todos. Senão, não largam a nossa terra», disse-lhe Yassin que se tinha juntado, voluntariamente, ao movimento rebelde, quando tinha catorze anos. «Limpar essa gente que suga o sangue do negro para chegarmos a uma república socialista.» Makumpete não entendia metade do que ele dizia, mas reconhecia-lhe o fogo dos olhos.

«E é preciso acabar com todos?»

Yassin puxava uma passa no cigarro de soruma e os olhos incendiavam ainda mais.

«Todos, Makumpete. De onde tu vens não tem branco. Não conhecestes a palmatória nem o chicote do patrão, desde criança. Eu, sim. Tem que ser todos.» Depois, sacudia a cabeça e endireitava as costas. «Rumo ao socialismo e a uma sociedade sem classes, como te dizem todos os dias.»

Makumpete não perguntava mais nada porque via o peso que Yassin carregava sobre os ombros. E quando ia dormir só pedia que o dia seguinte fosse mais fácil.

Encontrou de tudo, naqueles anos. Gente bondosa, que repartia com ele e com quem estava à sua volta comida e tudo de que não precisasse, nesse momento. Outra que já não era deste mundo e para quem a crueldade perdera o nome. E muitos que odiavam a guerra, mas não viam outra alternativa para a libertação, cuidando de todos os guerrilheiros sob o seu comando como se fossem irmãos. E eram, na dureza da luta. Viu também oficiais abusivos a bater, disparar ou ordenar operações que sabiam suicidas, deslumbrados com o poder que a hierarquia lhes dava.

À medida que ia sendo levado para mais e mais combates, Makumpete ia perdendo o medo à morte. Corria como os outros, disparava como os outros, sobrevivia, matando, como os outros. O pânico só lhe chegava de noite, vestido de pesadelo. Desses lugares que surgiam no seu inconsciente não tinha fuga, a não ser o despertar. E assim abria os olhos, coberto de suores, e se sentava, ainda tremendo. Ao contrário de outros homens e rapazes, nunca gritava durante o sono. A dor dele era como as dores dos homens que habitam nas margens do lago Chilwa, silenciosa, virada para dentro. Assim fora também, vendo para trás no tempo, com o seu pai, os seus avós, todos até ao primeiro homem que pisara o lodo dessas margens. Em todas as águas existem monstros, mesmo nas que parecem límpidas, mas que não escapam às coisas que se escondem nos rochedos. Gritar, para quê?

E foi nesse estado de silêncio que chegou às portas do Inferno. Os transportes motorizados tinham ficado do outro lado da fronteira e a marcha forçada durara um tempo que lhe pareceu infinito.

«Chi!», exclamou um dos camaradas que seguiam com ele, «Se a gente sair daqui vivos vamos fazer uma festa», riu, os dentes muito brancos virados na direção das colunas de fumo ao longe.

«Tu vais à frente, Makumpete, com esse daí. Como é o teu nome mesmo, camarada?» O soldado quis responder, mas um gesto de mão impediu-o. «Não interessa, tu vais logo aí atrás dele, para ver o terreno.» E para os outros: «E vocês seguem de perto, esses dois.»

Aproximaram-se, assim, a coberto da vegetação, de um dos vários focos de luta que rebentavam em volta de uma aldeia. O lado do inimigo estava claramente a dominar e, do lugar onde se emboscavam, o mesmo oficial fez-lhes sinal para que se espalhassem. Makumpete avançou escondido, tentando atingir a retaguarda do inimigo e não perder de vista os seus camaradas. Mas o vento mudara e as volutas de fumo providas das casas incendiadas e das explosões cobria tudo como um nevoeiro espesso. Por entre as ervas altas, o rapaz só conseguia divisar vultos indistintos. Arriscou sair do mato, contornando umas palhotas, e viu surgir, desprotegida, a silhueta de um branco. Estava no meio do terreiro da aldeia, sem parecer dar conta de se ter tornado um alvo. Debruçava-se no chão junto de um corpo de outro soldado. Depois, levantou-se, parecendo desorientado e sem vontade de procurar abrigo. Isto surpreendeu Makumpete, pois não era possível ser-se assim tão burro. Os brancos tinham esta coisa estranha de quererem andar pelos caminhos abertos, como se pedissem balas, mas este parecia rezar por elas. Agachou-se e apontou à cabeça do soldado, as palavras de Yassin na dele: «Temos de matar todos os brancos», para saírem daqui de vez. Se fossem embora e a guerra acabasse, talvez também ele, Makumpete, pudesse voltar para a sua terra. A percepção de um cansaço imenso desceu sobre ele, nesse instante. «Quem me dera dormir sem hora para acordar», pensou. Viu-se, de novo, no lago, as pernas imersas na água tépida, pedaços de ramos e folhas a deslizarem para longe ao sabor da brisa quente. Quem sabe se não poderia voltar a sentir tudo isso? Mas, primeiro, precisava de atravessar a morte dos outros.

O fumo asfíxiante intensificou-se, cobrindo-lhe a visão. E o tiro quando saiu, acabou por passar ao lado da cabeça do soldado branco, fazendo com que este se atirasse para o chão. Apontou para um novo disparo, mas a arma não respondeu, encravando. Acontecia frequentemente, com o armamento que os soviéticos ali despejavam. O branco levantou a cabeça, olhando-o nos olhos, o que fez Makumpete pôr-se de pé. Observaram-se, paralisados, por uns segundos. Nunca nenhum branco tinha cruzado os olhos com os dele. Vira vários morrer, mas sempre de um lugar emboscado, distante, invisível para eles no ataque e retirando-se rapidamente. No que lhe correspondia, até esse momento, o inimigo era como um fantasma. Mas este soldado pálido tinha um

corpo e olhava-o diretamente, parecendo sentir-se tão fora daquele mundo como Makumpete. Houve qualquer coisa de identificação que o levou a virar costas e correr, em vez de tentar atacar de novo, em corpo a corpo, usando a catana curta que levava sempre consigo, como lhe tinham ensinado. Deslizou para o interior do mato, para não ter de matar. Mas, atrás de si, o som de ramos a partir indicaram-lhe que o branco se decidira pela perseguição. Makumpete nascido e criado no meio destas plantas, movia-se nelas quase como nas águas paradas do Chilwa. Cruzou a savana de miombo, ocultando-se junto aos troncos de acácias, baobás e figueiras-bravas, procurando descrever, ao mesmo tempo, um círculo que o colocasse na retaguarda do seu perseguidor. «Branco estúpido que estás mesmo com fome de morrer», pensou.

*

Quim, que avançara levado pelo pânico e pela ideia inculcada de que precisava de ser o primeiro a disparar para sair dali vivo, tinha agora consciência de que o outro se escapava. Os arbustos tinham-lhe rasgado o rosto e as mãos, e as gotas de sangue pingavam agora para o chão da clareira onde acabava de desembocar. Olhava para todos os lados, os olhos ansiosos, a conter o medo.

Foi então que sentiu o impacto da bala na perna. Chegou antes do estampido da arma. Soltou um grito que não sabia ter dentro de si e caiu, levando a mão à frente, que se rasgou no atrito. Olhou para baixo e viu que o uniforme tinha agora uma mancha vermelha que alastrava mais e mais.

E tudo aconteceu como foi contado, até na cabeça dele soarem os dois últimos versos da mesma canção:

*Entre pedras e pedrinhas
Alguma gota há de haver.*

A cobra enrolava-se, agora, na perna, e ele fechou os olhos e esperou a chegada da morte.

OuvIU um som a cortar o ar, mas metálico, diferente do que esperava. O aperto na perna diminuiu, e ele voltou a abrir os olhos. O corpo gigante do réptil revolia-se sobre as ervas, como se estivesse vivo, mas a cabeça, cortada rente, tinha ido parar junto da sua arma, inutilizada. Makumpete estava a um metro dele e sorria-lhe. Quim olhou-o de novo, espantado, sem entender o que acabava de acontecer. Reconheceu o rapaz que disparara contra ele, no terreiro, sabia que o tiro que lhe comia a perna tinha vindo de um disparo da sua arma. Mas, também, que fora ele a decapitar a serpente e que agora parecia satisfeito. Como se todas as contas que tivessem para acertar ficassem saldadas.

No céu, a gigantesca envergadura de asas de um abutre-de-cabeça-branca cobriu o sol, e a sua sombra tocou os dois homens jovens expostos no meio de uma clareira.

A dor da ferida na perna de Quim, que tinha desaparecido por um instante, voltou intensa e um calor abrasador começou a tomar-lhe conta do pescoço e da cara, subindo, aos poucos, até à nuca. Estava a perder a consciência. Do chão ainda viu Makumpete com a arma, agora a tiracolo, apontar para o bicho morto, antes de fazer, com o dedo, um sinal de que estava morto. Os dentes marfins brilhavam, como algo de iridescente contra o verde das árvores e os laivos rubros das acácias. Depois, virou-se, preparando-se para partir, pelo interior do mato.

Uma rajada de G3 cortou o ar. O corpo de Makumpete dançou como um boneco, antes de cair sobre a erva. Não teve tempo para canções nem para se lembrar do lugar de onde tinha vindo. As águas do lago Chilwa continuariam a oscilar, sem ele, ao sabor do vento e da chuva. Sem que nada lembrasse o rapazinho que um dia as atravessara dirigindo o barco com os movimentos do seu próprio corpo.

Quim sentiu, também, que os seus olhos se fechavam, e vozes de soldados que chegavam perto. Um conjunto de mãos levantou-o do chão, enquanto ele mergulhava, por sua vez, na escuridão.

Atravessámos a ponte. Enorme, linda, vermelha de ferro em brasa.

«Puseste uma pedra debaixo da língua?», perguntou-me Marcelino, enquanto olhava pelo espelho retrovisor do táxi.

«Não. Era para quê?»

«Oh... Ele não pôs a pedra», dirigia-se agora ao meu tio mais velho que ia sentado a seu lado, sem dizer nada. «Atão é quase certo que a ponte cai e que vamos todos lá parar abaixo.»

Piscou repetidamente o olho, mas ninguém lhe respondeu à graça. Só eu fiquei um pouco preocupado. Era tudo novo, a viagem longa, talvez fosse verdade a história da pedra. Pensei em pedir mais detalhes mas ele voltara a focar-se no piso escorregadio de metal e nos automobilistas que ultrapassavam, perigosamente, o Peugeot pintado de preto e verde.

«Só há gente doida dos cornos aqui, porra.»

«Ora, é Lisboa, o que é que se esperava?», disse a minha tia, estendendo-me uma garrafinha com água. «Bebe, amor, faz-te falta.»

Era ainda muito cedo e a cidade grande brilhava em frente, mergulhada naquela luz branca, levemente amarelada e rosa que toma depois do sol nascer. Eu esticava-me todo no meio dos bancos para ver o máximo que conseguisse. Era a primeira vez que visitava a capital, o lugar a que todos tínhamos de prestar vassalagem, mas de que só nos chegavam ecos da sua grandeza. E era grande, de facto.

«Ai, que linda!», não consegui conter. Apontei para um edifício claro, em baixo, à direita. «Aquilo é o quê?», perguntei à minha mãe que seguia com a cara colada ao vidro frio.

«Como é que queres que eu saiba, se não somos daqui? Deves achar que isto é a Amareleja, onde se conhece tudo.»

Mas eu já me esticava para a esquerda e apontava com o mesmo

entusiasmo.

«Aquilo, sei, aquilo sei! É o... não sei quê dos Descobrimentos. Espera... acho que é «patrão» dos descobrimentos. É isso, quase de certeza.»

«Tu é que me saíste um bom patrão», disse, mais animada, a tia Lurdes, que também não fazia ideia nenhuma do nome do monumento, passando-me a mão pela testa. «Ainda está suado. Foi de ter vomitado, coitadinho.»

A Mãe olhou o rio que parecia não acabar de largo.

«Se não se tivesse posto a pedir sopas de leite às cinco da manhã, não tinha dado trabalho. Como dá sempre, aliás.»

«Não digas isso. Onde é que o menino te dá trabalho?», a voz surpreendente da Avó, a sair do outro canto do carro. «Quem tem filhos, tem cadilhos.» Ajeitou o lenço escuro, enfeitado com pequenas flores castanhas e azuis, fechou os olhos, e regressou ao silêncio que trazia desde Pegões. Nunca tinha ido tão longe, na sua vida, e estava ansiosa por despachar o que tinha de fazer para voltar para trás.

«Pois, vocês é que não sabem o que aí está», ainda resmungou a minha mãe.

O ambiente arrefecera dentro do carro e todos se calaram. Até o Marcelino, que tinha estado quase a apontar-me alguns lugares que conhecia, preferiu calar-se.

Eu olhava a cidade e pensava que algures, no meio dela, estaria o meu pai. Numa parte só para pessoas com sorte, chamada «Moscavide». Àquela hora, provavelmente já se teria era levantado para trabalhar. Depois, lembrei-me de ser domingo. Que burro, nem recordava as coisas que toda a gente sabia. Numa daquelas casas que avistava tão pequeninas por baixo da ponte, ele estaria a dormir, então. O que será que ele faria se soubesse que eu tinha vindo até ali? Que o filho estava quase a voar por cima, no tabuleiro de uma ponte vermelho-fogo. Olhei para a minha mãe, apostando que ela estaria a pensar no mesmo. Uma coisa é estar a centenas de quilómetros a sul, na cidade do fim do mundo, outra ter percorrido estradas e curvas até à entrada grande do lugar onde ele vivia o tempo todo. A jornada seria ainda mais pesada para ela do que para mim.

Subitamente, a Tia suspirou.

«Ai, ai, e ele, coitadinho? Ainda estaremos longe, senhor Marcelino?»

O taxista apontou para uma colina onde se via, como uma construção de ossos, o cemitério dos Prazeres e o topo da Basílica da Estrela. Depois, fez pisca para a esquerda e ultrapassou uma camioneta carregada de cervejas e de garrafas de refrigerantes.

«Ir devagar é uma coisa. A empatar as pessoas é outra. Já não demoramos muito...»

Chegámos ao final do tabuleiro da ponte e de lá encaminhámo-nos para uma saída que nos levaria à zona da Estrela.

Almoçámos no jardim. As mulheres tinham feito sandes de paio e frito uns torresmos, nessa madrugada. O tio António e o Marcelino

partilharam uma garrafa de vinho. Depois do segundo copo cheio, contudo, o motorista fez uma expressão beatífica, levantando a mão.

«Para mim, já chega, senão pode-me dar sono ao voltar para baixo.» Como o meu tio insistisse, enchendo-lhe, de novo, o copo de plástico da Tupperware, ele riu-se e consentiu: «Bom, só mais um, para não fazer desfeita. Ainda me posso ir encostar para o carro.»

Tínhamos passado, a pé, um pouco antes, por um café onde se fritavam bifanas. Eu levantara o nariz para o alto, como um gato a sentir o cheiro. Mas, claro, nem me passou pela cabeça pedir para me comprarem uma. Sabia que não havia dinheiro para luxos. A viagem de táxi já ia abrir um rombo grande no orçamento da família. Bebi, cuidadosamente, a minha gasosa, antes de entregar a garrafa que seria devolvida para recuperar o dinheiro do vasilhame.

Ainda faltavam duas horas. Desloquei-me pelo jardim, sem perder de vista a família, não queria ficar ali, no meio daquela imensidão que era Lisboa. Um rapaz da minha idade mostrava à irmã mais pequena como fazer andar um pequeno carro de polícia. Não era preciso dar corda, empurrava-se as rodas de trás, umas vezes, e o brinquedo avançava uns metros, como se possuísse motor. Eu aproximei-me, curioso, mas ele, levantando para mim uns olhos azul-acinzentados, fez um trejeito de amuo, antes de pegar no brinquedo e na irmã e se afastar. Devia ter visto que eu era patego e pobre, pensei.

A Avó mantinha-se sentada, em silêncio, num dos bancos, agarrada à mala preta de sair. Ajeitava apenas o lenço da cabeça, de vez em quando. A minha mãe e a Tia caminhavam, juntas, à volta de um dos lagos. A Mãe levava um pedaço do pão que sobrara, e alimentava as carpas e alguns patos, com ele.

«Olha para aquele, parece um leão atirado à comida.»

«Deve ser o Leão da Estrela, que é como o jardim...»

«Isso não era um filme com a Beatriz Costa?»

«Não, é com o que faz de pai dela no outro, o António Silva.»

«Ah, pois é, tens razão. Achas que lhe dê chouriço também?»

As suas vozes, carregadas de sotaque alentejano, soavam-me alegres, nesse instante. E como sempre me acontecia, agarrei-me, como um náufrago, a esse contentamento que queria eterno. Cheguei-me mais perto delas, disse qualquer coisa, mas fui recambiado depressa para a extensão do jardim.

Entretive-me entre correrias e observação de estátuas, pessoas e bichos, durante um bocado, até me poder sentar ao lado da tia Lurdes que descansava dos sapatos novos, e da minha avó, eternamente descolada da paisagem. Finalmente, o tio António olhou para o relógio de pulso.

«Se querem ir, é agora. Já está na hora.»

O cheiro a éter, desinfetante e algo mais indefinível que reconhecíamos como doença, enchia toda a enfermaria. Passámos a porta e, logo de seguida, ouvimos alguém gemer alto, de dor.

A Tia levou a mão ao peito aflito, mas continuámos a marcha.

Os olhos da Avó percorriam todas as camas, os corpos acabados de arranjar pelas enfermeiras para a visita, as caras, uma a uma, uma a uma.

«Não o vejo. Se calhar não era nesta enfermaria. Vocês perguntaram bem?»

«Sim, é a Cama 16, agora aonde ela está...»

A enfermaria fazia uma curva e continuava pela direita. Uma nova fila de camas e, finalmente, a minha mãe soltou uma exclamação mais forte. Fora a primeira a reconhecer, numa das sombras deitadas, o meu tio. Correu para ele, debruçando-se a abraçá-lo.

«Ai, Quim, Quim, o que é que fizeram contigo!»

Chorava e ele também. Os outros juntaram-se-lhes, ora abraçando-o, ora beijando-o, ora segurando apenas na mão. A Avó foi a penúltima a chegar ao pé dele. Também não falou. Sentou-se na cama e apertou-o muito ao peito, sem dizer nada. Ele deixou-se estar, o corpo todo a tremer de soluços. Depois, ela endireitou-se e passou-lhe as mãos pelos dois lados da cara, para se certificar de que era mesmo ele e abraçou-o de novo.

Um enfermeiro, com bata e calças de uniforme, aproximou-se da cama.

«Então, não o sufoquem com mimos, que assim não damos o homem curado.»

A Avó desviou-se um pouco, limpou o nariz com o lenço que trazia entalado na manga, e desviou um pouco o lençol que cobria a perna ferida. Depois virou-se para o enfermeiro:

«E isto, senhor enfermeiro, vai ficar curado?»

O homem fez uma careta como quem diz que o futuro a Deus pertence, mas acabou por fazer um sorriso otimista.

«Boa, boa, para essa perna, é capaz de demorar», olhou para o meu tio. «Mas, ó Cachopas, ao menos não foi preciso cortá-la, hã? Já não foi mau. Olhem que há quem tenha tido menos sorte.» Apontou com a cabeça para um rapaz de cabelo ruço junto a uma das janelas e que estava sem visitas. «Pisou uma mina. A família está lá para o Norte, e não aparece a vê-lo.» Levantou as sobrancelhas, antes de se desviar na direção de outra cama. «Ó furriel Andrade, então agora é que se lembrou de urinar? Na hora das visitas? Com a enfermaria cheia de senhoras. Oh rapaz...»

Eu tinha-me deixado ficar para trás, por isso, fui o último a chegar-me à cama. Ao contrário da minha avó, não reconheci neste doente acamado o mesmo tio, com quem brincara. Era um homem velho, que ali estava. O cabelo escuro e a barba feita, mas a expressão era outra. Tinha, agora, umas patilhas largas que também o diferenciavam do rapaz que nos tinha visitado a caminho do quartel. A palidez do hospital começara a ganhar à pele curtida no sol africano, mas, ainda assim, era de um tom pálido que nunca lhe vira. Estendeu-me a mão e voltou a chorar, puxando-me a si, e murmurando, muito baixinho: «Meu menino, querido do seu tio, que julgava não voltar a ver.»

Eu deixei-me apertar por ele, sem saber o que fazer. O seu cheiro estava diferente. Não sabia dizer em quê, mas transformara-se daquele aroma jovial, cheio de energia, que eu esperava criar, um dia, em mim, até outra coisa qualquer. Um odor doente, que quase me parecia repugnante. Puxaram-me, suavemente, para trás.

«Não agarres tanto o menino que ainda fazes pior à perna.»

Nos minutos que se seguiram toda a gente tentou dizer alguma coisa. Não me lembro do que falavam. Interrompiam, de vez em quando, para o abraçarem de novo e chorarem um pouco pela memória da dor que a saudade lhes tinha causado. Ainda demoraria até que todas as lágrimas necessárias para lavar o sofrimento dos últimos quase dois anos pudessem sair.

Nas camas em volta, não era muito diferente. Algumas estavam rodeadas de familiares, outras tinham só uma pessoa ou outra com o doente. Duas ou três delas não recebiam ninguém. Apenas um soldado tentava dormir no meio da alegria dos camaradas de enfermaria. O rapaz que o enfermeiro nos indicara e que continuou sozinho durante todo o tempo. Soubemos mais tarde que, à chegada, recebera a visita da namorada, que o vira assim sem uma perna, os olhos transtornados pelo horror. «E agora, o que vais fazer à vida?», perguntara-lhe. Ele respondera, corajosamente, que «alguma solução se iria encontrar». Ela assentira, sem responder, e ficara em silêncio até ao final da hora. Depois, despedira-se rapidamente, a cabeça a dizer que sim, os olhos a dizer que não. E, três dias depois, chegara uma carta dela a terminar o namoro de cinco anos. A partir daí, ninguém mais ouvira uma palavra ao ferido. Passava os dias a olhar pela janela, enquanto o coto amputado insistia, inutilmente, em sarar.

A visita durava apenas uma hora, hora e meia, se os enfermeiros fechassem os olhos, mas, a mim, pareceu-me que nunca mais acabava. Sentia o alívio da minha família, ao ter ali a prova de que o meu tio não tinha morrido. Mas, por outro lado, adivinhava-lhes a inquietação com o futuro dele; com um ferimento profundo que deveria deixar marcas. O meu tio falava pouco, respondia quase sempre com acenos de cabeça. Estava medicado para as dores e isso fazia-o fechar os olhos, de vez em quando, e assim permanecer uns minutos. Nesse instante, as mulheres olhavam umas para as outras, condoídas, como se dissessem telepaticamente coisas que não poderiam ser escutadas naquele lugar.

O tio António saía para o corredor. Encontrei-o ao pé de uma janela, a fumar e a olhar o jardim mal cuidado do hospital. Olhou-me, de relance, daquela forma com que sempre se me dirigia: como se eu fosse invisível ou um ser movente a quem tinha de se dar dois beijos sempre que aparecesse. Lembro-me da sensação fria da sua pele contra a minha. Não sei se com os dois filhos terá sido mais carinhoso. Talvez. Era o único que não se ria com as minhas graças ou batia palmas se me punha a cantar alguma canção escutada na rádio. Eu tinha medo dele, mas nenhum afeto. Nunca me ocorreu que pudesse existir alguma razão para se ter transformado numa estátua de cimento e pedra. Nesses dias, procurava nunca ficar com ele a sós.

Ele puxou uma passa profunda do cigarro. Era ainda jovem, mas parecia-me a pessoa mais velha que conhecia.

«O teu tio voltou todo despachado. Aquela bala na perna... Primeiro que se levante para ir trabalhar, vai passar um bom tempo.»

Não falava verdadeiramente comigo.

«Lá teremos de lhe dar de comer outra vez. Calha sempre ao mesmo aguentar o barco...»

Ele não olhava para mim, mas eu disse que sim, afastando-me pelo corredor.

Um homem, em pijama, a cabeça atada com uma ligadura, tinha vindo até à porta, a arrastar um suporte de soro. Pediu um cigarro a um enfermeiro que passava e este deu-lho, começando a acendê-lo com um isqueiro metálico. E, nesse momento, mesmo à distância, consegui ver que uma espécie de raio verde, vindo do sol e das árvores altas do exterior, tocava o isqueiro. Depois, a ignição atingiu a gasolina e a chama enorme cobriu tudo, incendiando o cigarro barato. O enfermeiro desapareceu numa esquina e o homem aspirou o fumo, com deleite, antes de desatar a tossir convulsivamente. Um militar de bata branca saiu de dentro de um dos quartos, e veio-lhe arrancar o cigarro das mãos.

«Mas quem é que deu tabaco a este homem? Quem foi? Querem levar-lhe o resto dos pulmões? Quem foi que te deu isto, hã?»

Mas o soldado só tossia e o médico acabou por o levar para dentro da enfermaria.

Vi uma mulher sair de um dos quartos e sentar-se num banco amarelo-

esbranquiçado do corredor. Tudo ali estava pintado nessa odiosa cor. A mulher levou as duas mãos à cara, chorando em silêncio. E assim ficou, um instante, antes de tirar um lençinho da mala, enxugar as lágrimas e voltar a entrar, compondo um sorriso. Era bonita e muito jovem.

A minha mãe veio chamar-me.

«Atão, afinal viestes para ver o teu tio ou é para andares no laréu?»

Este parecia, agora, mais acordado. Tinham-lhe endireitado as almofadas atrás das costas e estava praticamente sentado. Fez-me um sorriso e estendeu-me, de novo, a mão.

«Anda cá. O tio trouxe-te umas coisas. Quando as malas chegarem, vais ver.»

«Se chegarem», disse alguém, e todos concordaram, por estarem fartos de saber que era mais o que não funcionava. Só a fé podia salvar, no país que não ia a lado nenhum.

Uma campainha estridente começou um demorado toque.

«Está na hora.»

«Já?»

«Passou tão depressa, mano. E tantas saudades que ainda temos para matar.»

«Não chores que estás aqui, estás em casa. Lá, onde poderemos tomar conta de ti.»

«Descansa, descansa muito, para te pores bom, filho.»

«Com esta perna assim?»

«Essa perna é como a outra. Não tarda nada e estás a calcorrear a Estrada Nova para o trabalho, outra vez.»

Ele deu-me dois beijos e, depois, lembrando-se, abriu a mesinha metálica de cabeceira onde tinha o relógio, comprimidos e um maço de tabaco, entre outras coisas, e puxou de uma pulseira de couro com duas missangas.

«Toma, que dá o tio. Era a que eu usava sempre no mato.»

Eu hesitei, olhando para a minha mãe. Não poderia aceitar nada que ela não aprovasse. Mas ela encolheu os ombros e por isso estendi a mão para receber.

«Já não preciso dela. Já cá estou. O couro é de búfalo e as missangas é plástico, mas são de lá.»

Depois, voltou a apertar-me ao peito. Senti-lhe de novo o cheiro que agora o tomava. E fui o primeiro a afastar-se.

*

No táxi, a caminho de casa, voltámos a atravessar a ponte. O sol começava a pôr-se. A vista agora era mais para o lado do mar. Uma tira cinzenta encandeada pela luz branca a querer comer as águas. Já não pensava no meu pai. Que ficasse para lá, onde quisesse. Nesse mundo onde os adultos insistiam em entrar, esquecidos de nós ou nós deles.

Ninguém falou durante quase toda a viagem. Nem quando parámos numa beira de estrada para nos aliviarmos. Era como se todo o som do mundo tivesse desaparecido, enquanto eu revirava nos dedos a minha nova pulseira onde um búfalo se quedara eternamente diante do mistério verde das missangas.

Não dei pelo tempo a passar. Um dia, já tinha catorze anos, a minha vida era um nó apertado num saco de plástico cheio de coisas dentro que não entendia. Ia num comboio, a caminho de outra pequena cidade, e os apeadeiros sucediam-se. Era, de novo, Páscoa e os campos em volta das linhas estavam cobertos de erva, margaridas selvagens e cardos. A carruagem puxada a diesel movia-se aos sacões, provocando o desequilíbrio de quem se aventurava entre os assentos verdes, desconfortáveis e mal estofados. Uma criança vomitava para um saco e a avó segurava-lhe a cabeça, antes de lhe limpar a testa suada.

«Pronto, filha, pronto. Já vai passar. Estamos quase.»

Mas a menina arregalava os olhos para o teto sem conseguir vislumbrar mais do que o sentimento de náusea que a dominava.

O *picas* passou, olhando para mim, tentando adivinhar se eu teria fugido de casa. Havia casos. Eu não lhe disse, «quem me dera», mas poderia. No meio da minha adolescência sem luz não conseguia avistar a possibilidade de se existir de outra maneira. Sem tirar os olhos dos meus, ele puxou do alicate e furou o pequeno bilhete em cartão, antes de desaparecer, como um marinheiro bêbado pelo corredor.

Num dos apeadeiros, abandonados, estava escrita uma frase melancólica: «CP quem te viu e quem te vê!» Exageravam, o comboio nem se tinha atrasado mais de uma hora e meia. Já me tinha acontecido pior.

Avistei, pela janela, dois miúdos ciganos, as caras sujas e a roupa aos frangalhos, a saltarem uma cerca. Iam divertidos. Tive inveja e lembrei-me de uma frase que o meu amigo Bento me tinha dito, uns dias antes, depois de escutar uma canção dos Simon & Garfunkel: «Quando formos velhos, marcaremos encontro para nos sentarmos sobre uma cerca.» Eu não conhecia a canção, nem percebia por que diabo alguém daquela idade perderia tempo a

escutar uma música de velhos. Mas disse-lhe que sim, porque percebi que era uma maneira de ele me dizer que me considerava o seu melhor amigo. E as amizades da adolescência, tal como os primeiros amores, nunca mais nos abandonam. Sei que um dia terei de ir a um lugar qualquer onde haja uma vedação de madeira e tentar alçar uma esclerosada perna para subir lá para cima. Sorrio. Quase de certeza, nenhum dos dois terá forças para tal. Mas, aos catorze anos, nada disso interessa, porque seremos sempre donos de todas as nossas forças e tudo tem de ser para sempre.

O comboio aproximou-se da minha estação de destino e puxei a mala para baixo, com medo de não sair a tempo. Parou com uma chiadeira de areia nas rodas de ferro e o cheiro a metal queimado que só de ali emana. A porta abriu e eu desci, depois de deixar passar a mulher velha e a criança nauseada.

Uma voz familiar soou.

«Atão, onde é que tu vens, ó meu grande malandro?»

Perto, sobre a plataforma, o meu tio dizia isto, o cigarro trancado nos dedos e um sorriso de orelha a orelha. Atirou a beata a arder para o chão e passou a mão no cabelo espesso, num gesto que lhe era particular. «Estes cabrões nunca chegam a horas.» Caminhou para mim, arrastando a perna, naquele movimento em ziguezague que se me tinha tornado familiar.

Abraçou-me, rápido. Os olhos, inquietos, como bolas de pingue-pongue a saltar de um lado para o outro. «Dá cá uma mala. Só tens essa? Vamos embora. A Tia ainda está a trabalhar, mas já lá vai ter a casa.»

Caminhámos pelas ruas da pequena vila, ao ritmo da sua forma de andar. O meu corpo adolescente refreava-se para não ir mais depressa. Era o final de uma sexta-feira e não havia pressa, mas Quim caminhava sempre de uma forma ansiosa e desajeitada que demorava o dobro do tempo. Imaginei mil vezes vê-lo dobrar o joelho e cair, mortalmente, no chão. Como um cavalo que teria de ser abatido por já não ser possível a cura. As crinas eram a poupa de cabelo que ele amansava com os dedos.

Foi-me perguntando por isto e por aquilo, pela escola, se já tinha namorada. «A não ser que gastes mais de abafar a palhinha», atirava, fazendo um gesto com os dedos dobrados em forma tubular. Dava, depois, uma gargalhada alta, para eu saber que nem tal coisa lhe passava pela cabeça.

Eu conhecia bem o caminho, não era a primeira vez que vinha passar férias com eles. Gostava da maneira como me deixavam estar em paz. Não me chateavam. Era uma trégua no meu mundo onde uma rainha narcisista, em sofrimento constante e anunciado, tentava comandar cada um dos meus passos. A tia Susanita tratava-me bem. Pouco faladora com o mundo, abria-se comigo nas coisas pequenas. Eu transportava inevitavelmente uns livros, juvenis quase todos, que ela lia para se entreter, enquanto o marido não voltava dos cafés ou tabernas, às vezes, de madrugada. Nos primeiros anos, não me apercebi do sofrimento dela. Achei que passar os serões sozinha e não sobrar dinheiro para ir a lado nenhum, faria parte de uma condição, a que todos estaríamos habituados. Que era assim mesmo. Uma continuação dessa

pobreza, agora menos aguda, mais bem vestida. Só muito mais tarde liguei os pontos. Ali perto, numa terra quase ao lado, Florbela Espanca tinha descrito, sem que ela o soubesse, o seu verdadeiro estado: «*Vivo sozinha em meu castelo: a Dor! / / Passa por ele a luz de todo o amor...*» Eu gostava dela, repito. Da sua doçura para comigo, tão diferente do que encontrava entre paredes que me cosiam. Também as da casa da tia Susanita estavam cobertas de uma humidade que a comia por dentro. Mas isso eu não sabia. Nesse tempo, não o sabia. Pensei numa outra tia, a Lurdes, que se mudara para longe e de como isso me parecera uma nova traição. Todos os que se podiam colocar a salvo saltavam da minha jangada noturna.

Um rapaz negro assomou, com uma trincha de pintor na mão, no topo de um andaime próximo, mas ele não o viu. Recordei uma outra tarde, nos tempos em que ainda me dava a mão e, menos habituado ao coxear, tínhamos levado um ror de tempo do Bairro até uma padaria que vendia bolos baratos. Ele não pedira nada para si. Viera apenas para me agradar e comprar pão para a casa. Quase não sorria, preocupado por não conseguir trabalho e pela pressão silenciosa que sentia, por continuar ainda em casa da mãe. Subíamos uma ponte empedrada sobre a linha do comboio quando, do outro lado, surgiu a correr um homem negro. Estaria atrasado para ir a qualquer lado, suponho. Eu levava a boca lambuzada com o creme do bolo, a meio de comer. O meu tio viu o vulto na sua direção e, num movimento de pânico, descontrolado, atirou-se sobre as pedras da calçada, cobrindo a cabeça com os braços. Com o susto deixei cair o doce que lhe sujou levemente o axadrezado da camisa de mangas curtas. O saco do pão rolara para o meio da estrada, onde por milagre nenhum carro o destruiu. Ele ficou no chão a gemer, os olhos desorbitados, e eu sem saber como agir. Uma mulher bonita, com uma bata de enfermagem vestida surgiu, como num sonho, debruçou-se sobre ele, colocando-lhe uma mão no ombro, e falou com voz doce até que ele se acalmou e, muito devagar, se voltou a pôr em pé.

É assim que me lembro da cena. Pode ter acontecido de outra maneira.

Caminhávamos, agora, por entre os arruamentos da terra a que chamava, agora, sua, até que ele levou a mão à boca.

«Estou seco. Ainda temos tempo. A casa é já ali. Queres beber alguma coisa que o tio paga?»

Carregava uma mala de viagem cheia de roupas de rapaz e narrativas de fantasia, tinha o sobrinho que amara dedicadamente, em pequeno, mas era a hora de matar a sede. Coincidência das coincidências, estávamos diante de um pequeno café escuro, com uma placa que dizia «A Floresta». Desviou o reposteiro de fitas que protegia a porta das moscas e entrou, cumprimentando o dono pelo nome. Este fez-lhe um aceno de cabeça, sem dar muita conversa.

«Arranjas-me uma fresquinha?», e, para mim, sarcástico: «Para ti deve ser alguma bebida de menina, um Sumol ou uma laranjada, não?»

Riu, daquela forma rápida e nervosa que passara a ser a sua. Um homem em que eu não tinha reparado e estava sentado sem sequer tirar o boné da

cabeça, atirou:

«Dá mas é uma cerveja ao rapaz.»

O meu tio riu, olhando-me nos olhos – os dele, às vezes, ficavam claros, não sei porquê – e, nesse instante, o meu tio voador, o que me levava ao colo quilómetros e gastara comigo o seu último dinheiro, voltou a estar presente.

«Ná, tem tempo de se desgrçar. Deixe-o lá.» Passou-me a mão rapidamente pelo cabelo, a despentear-me. «Senta-te. Isto é só uma antes de irmos para casa.»

O homem voltou a intervir para lhe perguntar se ainda trabalhava como porteiro na companhia de eletricidade.

«Que remédio. Ia fazer o quê», apontou para a perna, antes de beber a imperial quase de um trago. «Com este problema, não é fácil arranjar melhor.»

«Bom», disse-lhe o outro, depois de levar um copo de vinho à boca e beber metade, «também não deves, lá, fazer grande coisa. Todo o dia ali sentado a ver quem entra e quem sai. E, sendo do Estado, vai ser sempre a subir até à reforma.»

O meu tio não respondeu. Preferiu virar-se para mim e perguntar de novo pela família. Não ia lá muito, visitar. Contentava-se com saber as novidades. Eu fui dizendo o essencial, a Avó isto, a Mãe, aquilo, e ele fazia que sim, distraidamente, com a cabeça. Daí a uns minutos já tinha pedido outra imperial. E, depois, mais outra.

Pensei na mulher que talvez estivesse já à espera, quem sabe se com alguma coisa que apaziguasse o meu apetite voraz de adolescente. Veio-me à cabeça uma imagem que concluiria os versos de Florbela que eram a sua vida: *«Perscruto, ao longe, as sombras do sol-pôr... / Chora o silêncio... nada... ninguém vem...»*

A certa altura, o taberneiro veio lá de dentro com um quadro embrulhado.

«Ó Cachopas, tu que lá andaste em África, vê lá se isto era mesmo assim.»

Destapou uma tela pintada, onde se via, em traços naïves, uma representação da selva. Um caçador tinha o pé em cima de um elefante e segurava numa arma. Não uma de caça, mas uma G3 do exército. Na cabeça, um boné de camuflado e, no peito, as insígnias da Companhia de Caçadores. Um leão espreitava de um canto, pronto para atacar, enquanto duas cabeças de homens negros, estereotipadas, surgiam, uma do mato, outra do cimo de uma palmeira, onde também se pendurava um macaco.

«Comprei isto a um rapaz, que deve ser da tua criação, o Rebocho, conheces? Disse-me: “Queres comprar isto que eu pintei para não me esquecer do que lá vi?”, e eu, só para o ajudar, porque tenho pena da mulher dele, coitada, que conhece a minha, de um sítio qualquer onde as mulheres vão, respondo: “Quanto é que queres por isso?” E ele: “É o que tu quiseses dar.” Larguei uma nota de vinte paus, que isto também, caridade, caridade,

mas é para pendurar em qualquer lado. Olha, se calhar, aí mesmo onde tu estás.» Apontou para a parede atrás do meu tio.

O homem que tinha falado antes, e, de caminho, pedido um novo copo de vinho, voltou a intervir.

«Deve-te ter deixado os vinte paus, na mesma, em bebida, não?»

O taberneiro agastou-se:

«Se deixou ou não, não são contas do teu rosário. Bebe o vinho, se quiseres, e deixa lá os outros viver.» E, de novo, para o meu tio: «Mas, ó Cachopas, achas que isto, aqui, está parecido com o que aquilo era, ou não?»

O meu tio ficara a segurar o quadro, sem dizer nada. Segui a direção do seu olhar e vi que, mesmo no canto, do lado esquerdo, também havia uma serpente rastejante, de cabeça empinada. Os olhos dele encheram-se de lágrimas, por um instante, mas conteve-as e, abrindo o sorriso forçado, devolveu a pintura.

«Ná, não era nada disto. Tudo fantasia. Só quem lá foi é que sabe.»

O homem virou o quadro para si.

«Mas olha que ele esteve lá. Tu em Moçambique e ele, na Guiné, salvo erro.»

O meu tio levou a mão à boca, novamente seca.

«Às vezes quem lá vai é quem menos sabe contar.»

Virou-se para mim, e eu lembrei-me de quando tínhamos ido à feira e da sua expressão quando eu lhe pedi para andar nos discos voadores e ele aceitara, sabendo que teria de continuar o mês sem o dinheiro que lhe seria essencial. «Queres mais uma gasosa?»

«Não, obrigado, tio. Se calhar vou andando para casa, já sei o caminho.»

Ele concordou, num gesto.

«Isso, vai. A Tia já deve ter chegado. Se bateres à porta e ela não atender, sentas-te na soleira que ela não deve tardar. Eu é só acabar mais uma que ele vai trazer e já lá vou.»

Peguei na mala e caminhei para a porta, desviando as fitas da entrada.

«Não se demore.»

«Não, podes ir, que o tio já lá vai.»

O homem da mesa ao lado pediu-lhe que cantasse uma alentejanada das deles.

E, enquanto as fitas protetoras se agitavam como cobras, antes de sossegarem, atrás de mim, ouvi-lhe a voz quase adolescente a entoar:

*Dá-me uma gotinha de água
Dessa que eu oiço correr
Entre pedras e pedrinhas
Alguma gota há de haver*

O sol ainda estava alto e a luz fazia doer um pouco os olhos, atirada

contra as paredes brancas da vila. O mês de abril, no Alentejo, às vezes, vinha assim, a anunciar um bom tempo que poderia chegar ou não. Das pedras da calçada, as ervas infestantes surgiam por todo o lado. Só lá iriam com napalm.

Os meus pés caminharam por esse verde misturado com rocha calcária e, por um instante, deixei de saber onde estava. Uma tontura apossara-se de mim com o calor, e temi cair. Da minha névoa ora branca ora verde, pensei sentir alguma coisa rastejar até junto do meu corpo. E, sem abrir os olhos, reconheci um aperto pela perna acima, enquanto os sons desapareciam, reduzindo-se a uma espécie de silvo.

Agradecimentos

Ao João de Melo e ao João Tunes, pela forma minuciosa como analisaram cada termo militar usado por mim e, mais importante, como me mostraram aquilo que não se vê, as marcas internas de uma guerra onde nunca se quis estar.

À Cecília Andrade, que recebeu e acarinhou este livro, e a toda a equipa que se seguiu para o tornar numa obra que alguns guardarão com afeto nas suas casas.

À minha família. Que nunca duvida de mim quando me proponho chegar ao fim de uma obra, por mais difícil que se mostre. Aditya, Joana e Micro-Alice: Aku sayang kalian semua.

Table of Contents

1.	Capa
2.	Ficha Técnica
3.	1
4.	2
5.	3
6.	4
7.	5
8.	6
9.	7
10.	8
11.	9
12.	10
13.	11
14.	12
15.	13
16.	14
17.	15
18.	16
19.	17
20.	18
21.	19
22.	20
23.	21
24.	22
25.	23
26.	24
27.	25
28.	26
29.	27
30.	28
31.	29
32.	30
33.	31
34.	32
35.	33
36.	34
37.	Agradecimentos

Landmarks

1. [Cover](#)
2. [Title-Page](#)
3. [Table of Contents](#)